KRISHNAMURTI

SOBRE DEUS

(ON GOD)

CULTRIX

J. Krishnamurti

Sobre Deus

Tradução
CECÍLIA CASAS

EDITORA CULTRIX
São Paulo

Mas existe uma sacralidade que não vem do pensamento, nem de um sentimento ressuscitado pelo pensamento. Ela não é reconhecível pelo pensamento nem pode ser utilizada por ele. O pensamento não pode formulá-la. Existe, porém, uma sacralidade intocada por qualquer símbolo ou palavra, que não pode ser comunicada. Isto é um fato.

Diário de Krishnamurti, 28 de junho de 1961

Sumário

Preâmbulo

Jiddu Krishnamurti nasceu na Índia em 1895 e, aos 13 anos, foi adotado pela Sociedade Teosófica, que via nele o veículo do "mestre universal", cujo advento preconizava. Krishnamurti bem cedo destacou-se como professor emérito, independente e incomparável, cuja obra não se vinculava a nenhuma religião específica; não estava comprometido nem com o Oriente nem com o Ocidente, mas dizia respeito ao mundo inteiro. Repudiando veementemente a imagem messiânica, em 1929 dissolveu a grande e lucrativa organização que se erguera à sua sombra, e declarou a verdade "uma terra virgem" que nenhum credo, filosofia ou seita institucionalizada podia atingir.

Até o fim de sua vida recusou o epíteto de guru que queriam imputar-lhe. Continuou a atrair grandes audiências em todo o mundo, mas não se considerava uma autoridade, não queria discípulos e falava sempre como se de uma pessoa para outra. O fulcro de seu conhecimento consiste na percepção de que as mudanças fundamentais na sociedade só podem concretizar-se pela transformação da consciência individual. A necessidade de autoconhecimento, a compreensão das influências restritivas e separatistas dos condicionamentos religiosos e nacionalistas eram constantemente enfatizadas. Krishnamurti salientou sempre a urgência de uma grande abertura, "de um imenso espaço no cérebro, lugar onde jaz uma energia incalculável". Parece ter sido esta a fonte da sua própria criatividade, a chave do seu impacto catalítico sobre tão grande diversidade de pessoas.

Fez palestras no mundo inteiro, até falecer em 1986, aos noventa anos de idade. Suas conferências e diálogos, cartas e anotações foram reunidos em mais de sessenta volumes. Desse vasto acervo extraiu-se esta série de textos especializados. Cada tema enfoca um aspecto premente e de particular relevância em nosso dia-a-dia.

*Bombaim, 6 de janeiro de 1960**

A mente é o conhecido — sendo o conhecido aquilo a que chegamos através da experiência. Com esses dados tentamos desvendar o não-conhecido. Mas o conhecido não pode, obviamente, conhecer o não-conhecido; pode, somente, conhecer aquilo a que chegou através da experiência, do que aprendeu, do que armazenou. Pode a mente vislumbrar a realidade de sua própria inépcia para conhecer o não-conhecido?

Não resta dúvida de que, se compreendo, de uma forma muito clara, que minha mente não pode conhecer o não-conhecido, nasce uma quietude absoluta. Se sinto que posso captar o não-conhecido com os recursos do conhecido, torno-me muito barulhento: falo, recuso, escolho, tento encontrar um modo de alcançá-lo. Se, porém, a mente compreende sua incapacidade absoluta para conhecer o não-conhecido, se percebe que não pode dar um único passo em direção ao não-conhecido, o que acontece? A mente se torna completamente silenciosa. Não se desespera mais; Não *busca* mais nada.

A ação de buscar só se realiza do conhecido para o conhecido e tudo o que a mente pode fazer é estar consciente de que essa ação jamais desvelará o não-conhecido. Qualquer ação por parte do conhecido permanece dentro do campo do conhecimento. Isso é tudo que tenho de perceber; é a única coisa que a mente tem de compreender. Então, desprovida de qualquer estímulo, de qualquer propósito, a mente se torna silenciosa.

---

* Extraído do registro textual da quinta palestra proferida em público em Bombaim, 6 de janeiro de 1960, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Você notou que amor é silêncio? Pode ocorrer ao segurarmos a mão de uma pessoa, ao olhar, com carinho, para uma criança, ao admirarmos a beleza de um entardecer. O amor não tem passado nem futuro, e o mesmo se dá com esse extraordinário estado de silêncio. E, sem tal silêncio, que consiste num vazio absoluto, não há criação. Você pode ser muito competente em sua função, mas onde não há criação, há a queda, a destruição — o declínio da mente.

Quando a mente se encontra vazia, silente, quando em estado de completa negação — que não é o vazio, nem o contrário de ser positivo, mas um estado totalmente diferente, no qual cessa todo pensamento —, então, somente então, aquilo que é inominável pode vir a se concretizar.

*Eddington, Pennsylvania, 12 de junho de 1936**

A visão mecanicista da vida consiste no seguinte: já que o homem é um mero produto do meio e das várias reações somente perceptíveis através dos sentidos, tanto o meio como essas reações devem ser controlados por um sistema racionalizado que permita ao indivíduo atuar dentro dessa estrutura. Compreendam, por favor, o pleno significado dessa visão mecanicista da vida, incapaz de conceber uma entidade suprema, transcendental, incapaz de conceber algo que tenha continuidade; esta visão da vida não admite nenhuma forma de sobrevivência após a morte — a existência não passa de um breve período de tempo que antecede o aniquilamento. O homem não é senão o resultado de reações ambientais. Preocupado com a conquista de sua própria segurança egoísta, ajudou a criar um sistema de exploração, crueldade e guerra. Sendo assim, suas ações devem ser moldadas e orientadas no sentido de alterar e manipular o meio ambiente.

Existem também aqueles que acreditam ser o homem essencialmente divino; que seu destino é controlado e dirigido por alguma inteligência suprema. Eles afirmam que estão em busca de Deus, da perfeição, da libertação, da felicidade, de um estado de ser no qual todo conflito subjetivo tenha chegado ao fim. Sua crença numa entidade suprema que guia o destino dos homens baseia-se na fé. Dizem

---

* Extraído do registro autêntico da primeira palestra proferida em público em Eddington, Pennsylvania, 12 de junho de 1936, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

que essa entidade transcendental, ou inteligência suprema, criou o mundo e que o "eu", o ego, o indivíduo, constitui algo permanente em si mesmo, algo que tem uma qualidade eterna.

Algumas vezes você considera a vida mecânica; outras vezes, quando reina tristeza e confusão, volta-se para a fé, em busca de um ser supremo que o guie e ampare. Oscila entre opostos quando, somente através do entendimento de que esses opostos não passam de ilusão, você poderá se liberar de seus percalços e limitações. Você se imagina, com freqüência, livre deles, mas só estará radicalmente livre quando compreender plenamente o processo pelo qual constrói suas limitações e as extingue. Você não pode, em absoluto, chegar à compreensão do real, daquilo que é, enquanto esse eterno processo de ignorância se perpetuar. Quando esse processo, que se sustenta às custas da própria atividade volitiva dos seus desejos, cessa, surje o que podemos chamar de realidade, verdade, bem-aventurança.

De Palestras na Europa, 1967, *Londres, 30 de setembro de 1967**

Talvez valesse a pena perder um pouco de tempo tentando descobrir se a vida tem algum sentido. Não a vida que levamos, pois a vida moderna tem muito pouco significado. Conferimos à vida um sentido intelectual, um significado teórico, cerebral, teológico ou (se nos for permitido usar esse termo) místico; tentamos — como o fizeram alguns escritores em meio ao desespero de sua existência amargurada — extrair-lhe um significado profundo, inventando alguma razão séria, relevante, lógica. E, a mim me parece, que valeria muito a pena, se pudéssemos descobrir por nós mesmos, não racional ou emocionalmente, mas realmente, efetivamente, se existe na vida algo verdadeiramente sagrado. Não as elucubrações mentais que imprimiram um senso de santidade à vida, mas se tal coisa, em verdade, existe. Porque, segundo observamos tanto nas páginas da história como no dia-a-dia, nessa busca, nessa vida que levamos — de negócios, competição, desespero, solidão, ansiedade, destruição, derivado de guerras, de ódios — a vida em si tem muito pouco sentido. Podemos viver setenta anos, despendendo quarenta ou cinqüenta dentro de um escritório, às voltas com a rotina, o tédio e a solidão, disso tudo que tem muito pouco sentido. Compreendendo isso, tanto no Oriente como aqui, no Ocidente, passamos a dar significado e valor a um símbolo, a uma idéia, a um Deus — que constituem, obviamente, invenções da mente. Propagaram no Oriente que a vida é uma só:

---

* Extraído de *Talks in Europe 1967*, Londres, 30 de setembro de 1967, © 1968 The Krishnamurti Foundation London.

não mate; que Deus está presente em todo ser humano: não destrua. Mas, no instante seguinte destroem-se mutuamente por meio de palavras, de atos, de negociatas, de forma que essa idéia de que a vida é única, essa idéia de sacralidade da vida, significa muito pouco.

Também no Ocidente, vendo-se a vida como ela realmente é — a brutalidade, a agressividade, a impiedosa competição da vida cotidiana — passou-se a dar significado a um símbolo. Esses símbolos, sobre os quais se alicerçam todas as religiões, são considerados muito sagrados. Isto é, teólogos, padres, santos que tiveram suas próprias experiências, deram significados à vida e nós nos aferramos a esses significados devido ao nosso desespero, a nossa solidão, a nossa rotina diária, de tão pouco sentido. E se pudéssemos pôr de lado todos os símbolos, todas as imagens, idéias e crenças que construímos ao longo dos séculos e aos quais conferimos um senso de sacralidade, se pudéssemos, realmente, nos descondicionar de todas essas estranhas invenções, então teríamos, talvez, condições de perguntar-nos, efetivamente, se existe algo verdadeiro, santificado ou sagrado. Porque é isso que o homem tem procurado no meio de todo esse torvelinho, desespero, senso de culpa e morte. O homem, sob as mais variadas formas, sempre perseguiu essa sensação de que deve existir algo além do transitório, além do fluxo do tempo. Poderíamos dedicar algum tempo a essa possibilidade, tentando descobrir por nós mesmos se tal coisa existe? Não, porém, aquilo que você deseja — Deus, uma idéia ou um símbolo. Podemos, realmente, nos livrar de tudo isso e depois descobrir?

A palavra é apenas um meio de comunicação; a palavra não é a coisa real. A palavra, o símbolo, não é a realidade e, quando caímos nas malhas da palavra, fica muito difícil desembaraçar-nos dos símbolos, dos verbetes, das idéias que na verdade impedem a percepção. Embora precisemos servir-nos da palavra, a palavra não é o fato. De forma que, se estivermos conscientes, prevenidos, de que a palavra não é o fato, teremos condições de começar a penetrar, em profundidade, nessa questão. Isto é, o homem, devido a sua solidão e ao seu desespero, sacralizou uma idéia, uma imagem moldada pela mão ou pela mente. Essa imagem veio a tornar-se extraordinariamente importante para cristãos, hindus, budistas, além de outros, que impri-

miram a essa imagem o senso da sacralidade. Podemos pô-la de lado — não verbalmente, não teoricamente, mas afastá-la realmente — ver completamente a futilidade de tal procedimento? Estamos, então, em condições de começar a indagar. Mas não há ninguém para responder, porque qualquer pergunta fundamental que façamos a nós mesmos não pode, realmente, ser respondida por ninguém e muito menos por nós mesmos. O que podemos fazer é colocar a questão e deixá-la cozinhar em fogo brando, ferver — e entrar em ebulição. E precisamos ter a capacidade de persegui-la até o fim. O que indagamos é isto: se existe, além do símbolo, além de palavra, algo real, verdadeiro, absolutamente sagrado em si mesmo.

*Seattle, 16 de julho de 1950**

Interlocutor: No mundo atual, existem muitos conceitos de Deus. O que é que o senhor pensa a respeito de Deus?

Krishnamurti: Em primeiro lugar, precisamos descobrir o que entendemos por conceito. O que queremos dizer quando nos referimos ao processo do pensamento? Porque, na verdade, quando enunciamos um conceito, por exemplo, sobre Deus, nosso enunciado ou conceito deve resultar do nosso condicionamento, não é mesmo? Se acreditamos em Deus, é claro que nossa crença é produto de nosso meio. Existem pessoas que, desde a mais tenra idade, são condicionadas a negar Deus e outras, a crer em Deus, como a maioria de vocês. De forma que enunciamos um conceito de Deus de acordo com nosso condicionamento, nossa formação cultural, nossas idiossincrasias, simpatias e antipatias, esperanças e temores. É óbvio pois que, meros conceitos de Deus são desprovidos de valor, enquanto não compreendermos o processo do nosso próprio pensamento, não é verdade? Porque o pensamento é capaz de projetar tudo o que quiser. É capaz de criar e negar Deus. Cada indivíduo pode inventar ou destruir Deus, de acordo com suas inclinações, gostos e desgostos. Portanto, enquanto o pensamento estiver em atividade enunciando, inventando, aquilo que se encontra além do tempo não poderá, jamais, ser descoberto. Deus, ou a realidade, só será descoberto quando o pensamento deixar de existir.

---

* Extraído do registro textual da primeira palestra proferida em público em Seattle, 16 de julho de 1950, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Agora, quando você pergunta "O que é que o senhor pensa a respeito de Deus?", você já expôs seu próprio pensamento, não é mesmo? O pensamento pode criar Deus e vivenciar aquilo que ele criou. Mas, claro, esta não é a verdadeira experiência — é somente projeção do pensamento que arquitetou experiências, não sendo, portanto, real. Mas se eu e você podemos vislumbrar essa verdade, talvez, então, cheguemos a vivenciar algo bem maior do que uma mera projeção do pensamento.

Nos dias que correm, quando impera, externamente, uma insegurança cada vez maior, nasce, obviamente, um desejo de segurança interior. Desde que não conseguimos encontrar segurança exterior, a buscamos em uma idéia, em um pensamento, e criamos aquilo a que chamamos Deus, conceito esse que se transforma em nossa segurança. Agora, a mente que busca segurança não pode chegar ao real, à verdade. Para entender o que se situa além do tempo, as construções da mente devem cessar. O pensamento não pode existir sem palavras, símbolos, imagens. E, somente quando a mente está quieta, livre de suas próprias criações, surge a possibilidade de descobrir o que é real. De forma que meramente perguntar se Deus existe ou não, constitui uma solução imatura para o problema, não é verdade? Formular opiniões a respeito de Deus assenta-se, realmente, numa infantilidade.

Para conhecermos pela experiência, para compreendermos o que está além do tempo, precisamos, é claro, entender o processo do tempo. A mente é fruto do tempo: baseia-se nas memórias de ontem. Mas, é possível libertarmo-nos da multiplicidade de ontens que configura o processo do tempo? Este, sem dúvida, é um problema muito sério; não se trata de crença ou descrença. Crer ou descrer equivale a um processo de não-conhecimento, ao passo que entender a característica do pensamento que o vincula ao tempo proporciona uma libertação da qual só pode nascer o descobrimento. A maioria de nós, porém, deseja crer por ser isso muito mais conveniente; propicia-nos uma sensação de segurança, uma sensação de pertencer ao grupo. Na verdade, essa mesma convicção nos separa — você acredita em uma coisa, eu acredito em outra. A crença, por conseguinte, atua como uma barreira: é um processo desintegrador.

O que importa então não é o cultivo da crença ou da descrença, mas entender o processo da mente. É a mente, é o pensamento que cria o tempo. Pensamento é tempo e qualquer projeto de pensamento deve estar ligado ao tempo — portanto, o pensamento não pode, absolutamente, ir além de si mesmo. Para descobrir o que existe além do tempo, o pensamento tem de cessar e, aí, reside a maior dificuldade, porque o fim do pensamento não se concretiza por meio de disciplina, controle, negação ou supressão. O pensamento cessa somente a partir do momento que compreendemos todo o seu processo e, para entendê-lo é preciso que haja autoconhecimento. O pensamento é o *self*, pensamento é a palavra que se identifica com o "eu" e, pouco importa em que nível o *self* se situe — alto ou baixo —, ainda se encontra dentro do campo do pensamento.

Para encontrar Deus, aquele que se situa além do tempo, precisamos entender o processo do pensamento — isto é, nosso próprio processo. O *self* é muito complexo; não se encontra em nenhum nível específico, mas é composto de muitos pensamentos, de muitas entidades, todos em contradição entre si. É preciso que exista uma constante percepção de tudo isso, percepção em que não cabe escolha, condenação ou comparação; isto é, é preciso ter a capacidade de ver as coisas como são, sem distorcê-las nem interpretá-las. No momento que julgamos ou interpretamos o que vemos, nós o distorcemos de acordo com a nossa formação cultural. Para descobrir a realidade ou Deus, não pode haver crença porque tanto a aceitação como a negação são entraves à descoberta. Todos nós queremos, interna e externamente, sentir segurança, mas a mente precisa entender que a busca de segurança não passa de uma ilusão. Apenas a mente que é insegura, inteiramente livre de qualquer forma de possessão, é capaz de descobrir — e esta é uma árdua tarefa. Não significa fugir para o mato, refugiar-se em um mosteiro, ou se isolar dentro de um determinado credo; pelo contrário — nada pode existir no isolamento. Ser é relacionar-se; somente através do relacionamento podemos espontaneamente descobrir como somos. É justamente essa descoberta de nós mesmos, tal qual somos, sem qualquer senso de condenação ou justificação, que suscita uma transformação fundamental naquilo que somos. E este é o começo da sabedoria.

De Palestras na Europa, 1967
*Paris, 30 de abril de 1967**

A mente religiosa é completamente diferente da mente que acredita em religião. A mente religiosa está psicologicamente livre da cultura social; e está, também, livre de qualquer tipo de credo, de qualquer tipo de reivindicação baseada em experiência ou auto-expressão. E o homem, através das idades, criou, por meio de crenças, um conceito que tem o nome de Deus. Para o homem, a crença nesse conceito que chamamos de Deus tem sido útil, porque ele considera a vida uma coisa triste, uma sucessão de batalhas, de conflitos, de miséria, entremeada por um ocasional clarão de luz, de beleza, de alegria.

A crença em um conceito, em uma fórmula, em uma idéia, tornou-se necessária porque a vida tem muito pouco sentido. A rotina diária, o trabalho, a família, o sexo, a solidão, a responsabilidade, a luta pela auto-expressão, tudo isso tem muito pouco significado — e, no fim disso tudo, segue-se a morte. De forma que o homem tem de acreditar, como uma necessidade imperiosa.

De acordo com as condições climatéricas, com a capacidade intelectual dos inventores dessas idéias e fórmulas, o conceito de Deus, de Salvador, de Mestre ganhou forma, e o homem tem procurado, por esse meio, chegar a um estado de bem-aventurança, de veracidade, tem procurado chegar à realidade de um estado mental que não deve, jamais, ser perturbado. De forma que estabeleceu uma meta e rumou em direção a ela. Os autores dessas idéias ou conceitos tra-

---

* Extraído de *Talks in Europe 1967*, Paris, 30 de abril de 1967, © 1968 The Krishnamurti Foundation London.

çaram ou um sistema ou um caminho que deve ser seguido para se chegar a essa realidade suprema. E o homem tem torturado sua mente — através de disciplina, controle, autonegação, abstinência, austeridade — inventando uma série de métodos a fim de atingir essa realidade. Na Ásia existem muitos caminhos que conduzem a essa realidade (pelo menos é o que se diz), dependendo do temperamento e das circunstâncias, e esses caminhos são seguidos visando essa realidade que não pode ser avaliada nem pelo homem, nem pelo pensamento. No Ocidente, só existe um Salvador; somente através Dele deve-se chegar a esse algo supremo. Todos os sistemas do Oriente e do Ocidente implicam constante controle, constante deformação da mente, para que esta se conforme a um padrão estabelecido pelos padres, pelos livros sagrados, por todas essas coisas desafortunadas que constituem a própria raiz da violência. Sua violência não reside apenas na negação da carne, mas também na negação de toda forma de desejo, de beleza, e no controle e na conformidade a um certo padrão estabelecido.

Eles realizaram alguns tipos de milagres — mas milagre é a coisa mais fácil de fazer, tanto no Ocidente como no Oriente. E aqueles que realizaram esses milagres foram ungidos como santos; bateram todos os recordes por terem se adaptado, integralmente, ao molde que sua vida diária expressa. Possuem muito pouca humildade, pois humildade é coisa que não deve transparecer — vestir uma tanga ou um hábito grosseiro não é, absolutamente, sinal de humildade. Como qualquer virtude, a humildade deve estar presente a cada momento; não pode ser calculada, determinada e traçada como um padrão a ser obedecido. Mas foi o que o homem, através das idades, fez. O precursor, o primeiro homem que conheceu, experimentalmente, algo chamado realidade, lançou as bases de um sistema, de um método, de um caminho — que todo o mundo seguiu. Então, os discípulos, por intermédio de uma propaganda astuta, de meios ardilosos para capturar a mente humana, fundaram uma igreja, e criaram dogmas e rituais. E o homem caiu na armadilha: qualquer homem que deseje descobrir aquilo que a mente está sempre procurando, precisa sofrer algum tipo de distorção, algum tipo de repressão, algum tipo de tortura para chegar à beleza suprema.

De forma que, intelectualmente, compreendemos o absurdo de tudo isso; intelectualmente, verbalmente, compreendemos o absurdo de pertencer a qualquer religião; compreendemos a idiotice de qualquer ideologia. Intelectualmente a mente pode achar que tudo isso é tolice e rejeitar tais conceitos. Mas por dentro, bem lá no fundo, haverá sempre uma busca que transcende os dogmas, os rituais, os credos, os salvadores, todos os sistemas que, obviamente, não passam de invenção do homem. Compreendemos que seus salvadores, seus deuses são invenções e podemos descartá-los, com relativa facilidade — coisa que o homem moderno está fazendo. (Não sei por que empregar o termo *moderno* — o homem, geração após geração, sempre foi o que é hoje. Porém, as circunstâncias atuais são de tal natureza, que o levaram a negar, totalmente, a autoridade do padre, a crença, o dogma; para ele, Deus está morto e morreu faz tempo). E, não existindo fé e Deus, não resta outro conceito senão o de verdadeiro conforto material, da satisfação física e do desenvolvimento social. O homem vive para o presente, abjurando, integralmente, a concepção religiosa.

Começamos por rejeitar os deuses exteriores, com seus padres, próprios de qualquer religião instituída. Devemos rejeitá-los cabalmente, porque não têm o menor valor. Foram eles que fomentaram guerras, que separaram os homens — pouco importa que religião seja, judaica, hindu, cristã ou maometana — eles destruíram o ser humano, separaram os homens, têm sido uma das principais causas de dissensão e de violência. Diante de tudo isso, opomo-nos à religião, rejeitamo-la como algo imaturo, infantil. Intelectualmente podemos fazê-lo com muita facilidade. Vivendo neste mundo, observando os métodos de exploração adotados pelas igrejas, pelos templos, não podemos senão renegá-los. É muito mais difícil, porém, em nível psicológico, livrar-nos da ansiedade interior, da necessidade de crer. Todos nós queremos encontrar algo que não tenha sido jamais tocado pelo homem, jamais conspurcado pelo pensamento, que não tenha sido jamais contaminado por qualquer sociedade humana, intelectual ou cultural, algo que a razão não possa destruir. Todos nós desejamos isso, ardentemente, pois esta vida é sinônimo de luta, de trabalho, de miséria e de rotina. Podemos ter capacidade de expressar-nos através da palavra, da pintura, da música, da escultura, mas

mesmo isso pode tornar-se vazio. A vida tal qual hoje se apresenta é muito vazia e tentamos preenchê-la com música, literatura, com passatempos, distrações, com idéias e conhecimentos; quando, porém, nos aprofundamos um pouco mais, quando abrangemos um pouco mais, vemos o quanto estamos vazios, quão chã é toda a existência, embora tenhamos títulos, propriedades e competência.

A vida está vazia e, diante dessa realidade, queremos preenchê-la. Sentimos uma ânsia, uma ânsia de caminhos e de meios, almejando, não somente preencher esse vazio, como descobrir algo que se situe além do homem. Alguns apelam para as drogas — LSD ou outra das muitas drogas psicodélicas que propiciam uma "expansão da consciência" — e nesse estado chegamos a experimentar certas reações pelo fato de uma certa sensibilidade ser conferida ao cérebro. Mas essas reações são químicas. Resultam de agentes externos estranhos. Tomamos as drogas cheios de expectativa e depois, internamente, passamos por certas experiências assim como temos certas crenças. Passamos por essas experiências de acordo com essas crenças — os processos são similares. Ambos produzem uma experiência e o homem, no entanto, vê-se, novamente, perdido em suas crenças — perdido na droga infundida pela crença, ou na crença infundida pela droga. Cai, inevitavelmente, na malha de seus pensamentos. Constatamos e rejeitamos tudo isso, isto é, libertamo-nos, completamente, de qualquer credo, o que não significa que nos tornamos agnósticos, cínicos ou amargurados. Pelo contrário, passamos a compreender a natureza da crença e o motivo pelo qual ela é extraordinariamente importante. É importante porque temos medo. Basicamente é esta a razão. Devido ao medo — não somente o medo do desgaste diário da vida, o medo da não-realização, de não chegar lá psiquicamente, de não conquistar poder, posição, prestígio, fama. Tudo isso suscita um verdadeiro pavor, que toleramos — e foi justamente devido a esse grande medo interior que a crença se tornou tão importante. Face à completa vacuidade da vida, ainda nos resta a crença. Embora não aceitemos a autoridade exterior dos credos — dos credos inventados pelos padres em todo o mundo —, criamos nossa própria crença, de forma a chegar a descobrir essa coisa extraordinária que o homem tem reiteradamente procurado.

E então encetamos a busca. A natureza, a estrutura da busca é muito clara. Por que, afinal, buscamos? Essencialmente por egoísmo — egoísmo iluminado, seja dito, mas egoísmo. Raciocinamos assim: "A vida é tão aparatosa, vazia, tola e chata, que deve existir algo mais. Vou a esse templo, a essa igreja, a esse ..." Depois abandonamos tudo e começamos a buscar em profundidade, se bem que buscar, de qualquer forma, torna-se um obstáculo psicológico. Acho que isso deve ser entendido de uma maneira muito clara e simples. Podemos, objetivamente, descartar a autoridade de qualquer influência externa que afirme conduzir à verdade absoluta — e o fazemos. Mas é necessário descartar, descartar todas as buscas, porque entendemos a natureza da busca. Por que perguntamos "o que estamos buscando?" Se analisarmos o que estamos buscando, o que queremos, não está subentendida a idéia de ir ao encalço de algo que você já conhece, que você já perdeu e que está tentando recuperar? Essa é uma das implicações da busca. Na busca, o processo de reconhecimento está implícito — isto é, quando encontramos o que estamos procurando, seja o que for, precisamos ser capazes de reconhecê-lo. De outra forma, a busca não tem sentido. Por favor, prestem atenção. Procuramos algo na esperança de encontrar e, ao encontrá-lo, precisamos ser capazes de reconhecê-lo; porém o reconhecimento equivale a um esforço de memória; existe, portanto, a implicação de um conhecimento prévio, de um vislumbre anterior. Ou, como somos tão condicionados pela intensa propaganda de todas as religiões organizadas, nos hipnotizamos a nós mesmos, criando um estado propício. De forma que, quando procuramos, já trazemos no bojo um conceito, uma idéia do que procuramos e quando a encontramos, significa que já a conhecíamos, pois, de outra forma, não a reconheceríamos. É por isso que essa busca não é absolutamente verdadeira.

Precisamos, portanto, atingir esse estado mental que se encontra realmente livre de todas as buscas, de todas as crenças — sem nos tornarmos cínicos e sem estagnar. Porque tendemos a pensar que, se não procuramos, brigamos, lutamos, tropeçamos constantemente, definharemos. E não sei por que não definharíamos — como se não estivéssemos definhando agora. Definhamos mesmo, assim como morremos, como envelhecemos e como nosso organismo físico chega

ao fim. Nossa vida é um processo de definhamento porque nela, na vida cotidiana, imitamos, copiamos, acompanhamos, obedecemos, nos conformamos — coisas que constituem formas de definhamento. De maneira que uma mente desvinculada de qualquer tipo de crença, mesmo de uma crença autocriada, uma mente que nada busca — embora isso seja um pouco mais difícil, está tremendamente viva. A verdade é algo que desponta só de vez em quando. Como a beleza, a virtude — é algo que não tem continuidade. O que tem continuidade é produto do tempo e tempo é pensamento.

Vendo o que o homem fez consigo mesmo, como se torturou, como se brutalizou — tornando-se nacionalista, perdendo-se em algum tipo de distração, seja literária ou outra — vendo a orientação que deu à sua vida, perguntamos a nós mesmos se precisávamos passar por tudo isso. Você entende a pergunta? O homem precisava passar por todo esse processo, etapa por etapa — descartando a crença (se você está mesmo alerta), refutando qualquer tipo de busca, descartando a tortura da mente, descartando a indulgência? Vendo o que o homem fez a si próprio para chegar ao que ele chama de realidade, perguntamos — por favor, perguntem a si mesmos, não a mim —, existe uma forma, ou existe um estado de explosão que descarte tudo isso de uma só vez? Porque o tempo não é o meio.

Busca implica tempo — talvez dez ou mais anos ou, eventualmente, como se crê em toda a Ásia, todo o processo da reencarnação para se chegar a isso. Mas tudo requer tempo — o descarte gradual desses conflitos, desses problemas, o tornar-se mais sábio, mais astuto, atingir pouco a pouco a sabedoria, descondicionando progressivamente a mente. Isso requer tempo. E, obviamente, o tempo não é o caminho, nem a crença, nem as práticas artificiais impostas por um sistema, um guru, um professor, um filósofo, ou um padre — tudo isso é tão infantil!... Então, seria possível não passar por nada disso e mesmo assim chegar a essa coisa extraordinária? — porque ela não pode ser convidada. Por favor, procurem entender esta questão que é muito simples; essa coisa extraordinária não pode ser convidada, não pode ser procurada, pelo fato de nossa mente ser demasiadamente estúpida, demasiadamente mesquinha, nossas emoções demasiadamente vulgares, nossa forma de vida demasiadamente con-

fusa para tal enormidade, para que esse algo imenso seja convidado a entrar nessa pequena casa, nesse minúsculo aposento asseado mas insignificante. Não podemos convidá-la. Para convidá-la, temos que conhecê-la e não podemos conhecê-la (pouco importa quem afirme o contrário) porque, do momento que dizemos "eu conheço", desconhecemos. Do momento que dizemos "encontramos", deixamos de encontrar. Se dizemos que a experimentamos, jamais o fizemos. Estas todas são formas ardilosas de explorar o próximo — e o próximo é seu amigo ou seu inimigo.

Observando tudo isso — não teoricamente, mas na sua vida cotidiana, em suas atividades diárias, quando você escreve, quando você fala, quando você sai para dar uma volta de carro ou uma caminhada, a sós, pelo parque — observando isso tudo a uma só vez, você não precisa de livros para saber; vendo tudo isso de um só golpe, em um único olhar, você poderá entender tudo. E só poderá entender tudo isso realmente, em sua totalidade, quando se conhecer a si mesmo, conhecer a si mesmo como você é, muito simplesmente, como resultado da humanidade como um todo; você pode ser tanto hindu, como maometano, cristão ou o que quer que seja. Aí está. Quando você se conhecer como você realmente é, entenderá então toda a estrutura do afã humano, suas desilusões, suas hipocrisias, sua brutalidade, sua busca.

E nos perguntamos se é possível chegar a essa coisa extraordinária sem convidar, sem esperar, sem procurar, sem analisar, para que ela simplesmente se concretize, para que ela simplesmente aconteça. Assim como a brisa fresca entra quando você deixa a janela aberta — você não pode convidar essa brisa a entrar, mas precisa deixar a janela aberta. O que não significa que permaneçamos em estado de expectativa — esta é uma outra forma de ilusão; assim como não significa que precisemos nos expor para recebê-la — isso, repetimos, é mais uma forma de pensamento.

Mas, se nos perguntamos a nós mesmos, sem buscar, sem acreditar, nessa mesma pergunta está a resposta. Nós, no entanto, não perguntamos. Queremos que nos digam. Queremos que tudo nos seja afirmado, confirmado. Na verdade, bem lá no fundo, jamais nos livraremos de todas as formas internas ou externas de autoridade. É

uma das coisas mais curiosas que existe na estrutura de nossa psique: todos nós queremos que nos digam as coisas — somos o resultado do que nos disseram. O que nos disseram equivale à propaganda de milhares de anos. Nisso consiste a autoridade dos livros antigos, do líder ou do orador atual. Mas, se no âmago de nosso ser rejeitamos toda a autoridade, isso significa que não temos medo. Não temer é enfrentar o medo. Porém, assim como acontece com o prazer, jamais entramos em contato direto com o medo. Não entramos realmente em contato com o medo como entramos em contato com uma porta, com uma árvore, um rosto ou mão que toquemos, porque só entramos em contato com o medo através da imagem de medo criada por nós mesmos. Só conhecemos o prazer através de semiprazeres. Nunca entramos diretamente em contato com nada disso. Não sei se você já observou quando toca uma árvore — como você faz quando anda pelos parques — se está realmente tocando a árvore ou se, embora a esteja tocando, existe uma tela entre você e a árvore?

Assim também, para entrar diretamente em contato com o medo não deve haver nenhuma imagem ou, em outras palavras, não deve, na verdade, existir nenhuma lembrança de medos passados. Somente, então, você entrará em real contato com o medo do presente. Não havendo, pois, lembranças de medos passados, você terá energia para enfrentar o medo imediato e uma tremenda força para encarar o presente. Dissipamos essa energia vital — que todos possuímos — através dessa imagem, dessa fórmula, dessa autoridade e o mesmo acontece com a busca do prazer. A busca do prazer é muito importante para nós. O maior dos prazeres está — ou deveria estar — em Deus — a coisa mais assustadora que poderíamos jamais conceber — mas nós imaginamos essa possibilidade, o supremo, de forma que jamais o atingiremos. Repetindo, é como se já considerássemos um prazer como um prazer passado; você não entra, jamais, em contato com a experiência verdadeira, com um estado real. É sempre a lembrança de ontem que encobre e lança um véu sobre o presente.

Então, diante de tudo isso, é possível não mover uma palha, não fazer o menor esforço, não buscar, é possível ser totalmente negativo, vazio, inativo? Porque toda ação resulta de uma idéia. Se você ob-

servou suas ações, notou que elas se concretizam em função de uma idéia preliminar, de um conceito prévio, de uma lembrança anterior. Existe um hiato entre idéia e ação, um intervalo, mesmo que pequeno, mesmo que mínimo e, devido a esse hiato, nasce o conflito. Pode, acaso, a mente estar tão absolutamente quieta, tão isenta de pensamentos, de temores e, por conseguinte, extraordinariamente, intensamente viva?

Você conhece a palavra *paixão*, palavra que tão comumente significa sofrimento. Os cristãos a têm usado para simbolizar um certo tipo de sofrimento. Nós não estamos, de modo nenhum, empregando a palavra *paixão* nesse sentido. Neste estado absoluto de negação reside a mais elevada forma de paixão. Essa paixão implica um total auto-abandono. Para que esse auto-abandono se concretize, é preciso haver uma tremenda austeridade, austeridade que nada tem a ver com a rigidez das pessoas que agonizam na mão dos padres, dos santos que se torturam a si próprios, que se tornaram austeros por terem embrutecido suas mentes. Austeridade é, realmente, uma extraordinária simplicidade — não na indumentária, não no alimento, mas interiormente. Essa austeridade, essa paixão reveste a mais elevada forma de negação total. E, então, quem sabe, se você for agraciado — não se trata de sorte, a coisa acontece inesperadamente —, a mente não será mais capaz de lutar. Então você fará o que quiser, pois só existirá amor.

Sem essa mente religiosa, não pode ser criada uma verdadeira sociedade. Precisamos criar uma nova sociedade, na qual essa terrível atividade egoísta tenha muito pouco espaço. Somente por intermédio de tal mente religiosa poderá haver paz, tanto externa como internamente.

De A Primeira e a Última Liberdade, *Capítulo 28**

Interlocutor: Nossa mente conhece apenas o conhecido. O que há em nós que nos impele a descobrir o não-conhecido, a realidade, Deus?

Krishnamurti: Sua mente sente a ânsia do não-conhecido? Existe em nós uma ânsia pelo não-conhecido, pela realidade, por Deus? Por favor, pense nisso seriamente. Esta não é uma questão retórica; nós vamos descobrir de verdade. Existe, em cada um de nós, uma ânsia interior para descobrir o não-conhecido? Existe? como você pode chegar ao não-conhecido? Se você não o conhece, como pode encontrá-lo? Trata-se de uma ânsia de realidade ou meramente de um desejo de expandir o conhecido? Entende o que quero dizer? Eu conheci muitas coisas; elas não me trouxeram felicidade, satisfação, alegria. De forma que eu, agora, quero algo mais que me proporcione maior alegria, maior felicidade, maior vitalidade — o que for. Pode o conhecido, que é minha mente — porque minha mente é o conhecido, resultado do passado — pode essa mente buscar o não-conhecido? Se não conheço a realidade, o não-conhecido, como posso procurá-lo? Claro que ele deve vir a meu encontro, eu não posso ir no seu encalço. Se eu o fizer, estarei indo atrás de algo que é conhecido, projetado por mim.

Nosso problema não está naquilo que existe dentro de nós e que nos impele a descobrir o não-conhecido. Isso está bem claro; é o

---

* Extraído de *The First and Last Freedom*, Capítulo 28, © 1987 Krishnamurti Foundation of America.

nosso desejo de nos sentirmos mais seguros, mais permanentes, mais confiantes, mais felizes, de fugir à agitação, à dor, à confusão. Esse é o nosso impulso óbvio. Quando existe tal ímpeto, tal ânsia, você encontra uma forma maravilhosa de evasão, um refúgio maravilhoso — no Buda, no Cristo, em um *slogan* político ou em algo semelhante. Isso não é realidade, isso não é o incognoscível, o não-conhecido. Por conseguinte, a ânsia pelo não-conhecido precisa chegar a um fim, a busca do não-conhecido precisa cessar, o que significa que precisa existir a compreensão do conhecimento cumulativo, que é a mente. A mente precisa entender-se a si mesma como o conhecido, porque é tudo o que ela sabe. Você não pode pensar em algo que você não conhece. Só pode pensar em algo que você conhece.

Nossa dificuldade está em não permitir que a mente avance pelo conhecido; isso somente pode ocorrer quando a mente entender a si mesma, entender que todo esse movimento deriva do passado projetando-se através do presente para o futuro. Isso equivale a um movimento contínuo do conhecido. Pode esse movimento cessar? Pode cessar somente quando o mecanismo de seu próprio processo for entendido, quando a mente entender a si própria e às suas funções, métodos, propósitos, buscas, necessidades — não apenas as necessidades superficiais, mas as profundas ânsias e motivos interiores. Esta é uma tarefa bem árdua. Não é em reuniões, em conferências ou na leitura de livros que você vai entendê-la. Pelo contrário, ela demanda constante observação, constante percepção de cada ato do pensamento, não somente quando se está desperto, mas também quando se está dormindo. O processo precisa ser global, não parcial, não esporádico.

Também, a intenção tem que ser reta. Isto é, é preciso pôr um ponto final na falsa crença de que, no fundo, todos nós desejamos o não-conhecido. É uma ilusão pensar que todos nós estamos buscando Deus. Não estamos. Nós não temos que buscar a luz. Haverá luz quando não existir mais trevas e, no meio das trevas, não podemos encontrar a luz. Tudo que podemos fazer é remover as barreiras que criam as trevas e tal feito depende da intenção. Se você as está removendo a fim de chegar à luz, você não está removendo nada, está apenas substituindo a palavra *luz* pela palavra trevas. Mesmo olhar além das trevas é fugir das trevas.

Temos de considerar não o que nos está impelindo, mas porque existe em nós tal agitação, tal discórdia, tal antagonismo — o porquê de todas essas coisas estúpidas de nossa existência. Quando essas coisas não existem, então existe luz — não temos que procurar por ela. Quando a estupidez acaba, surge a inteligência. Porém, o homem que é estúpido, ao tentar tornar-se inteligente, ainda continua estúpido. A estupidez não pode jamais transformar-se em sabedoria; somente quando cessa a estupidez surge a sabedoria, a inteligência. O homem que é estúpido e que tenta tornar-se inteligente, sábio, lúcido, jamais o será. Para saber o que é estupidez precisamos investigá-la, não superficialmente mas plenamente, completamente, profundamente; precisamos investigar todos os diferentes níveis da estupidez e, quando cessa a estupidez, surge a sabedoria.

Por isso é importante descobrir não se existe algo mais, algo maior que o conhecido e que nos esteja atraindo para o não-conhecido, mas ver o que, em nós, está criando confusão, discórdias, diferenças sociais, esnobismo, busca da fama, erudição, fuga através da música, da arte e de tantos outros meios. É, sem dúvida, importante ver tudo isso com clareza e depois retornar ao nosso verdadeiro ser. Daí podemos prosseguir. Então desfazer-se do conhecido fica relativamente fácil. Quando a mente se cala, quando não mais se projeta no futuro desejando alguma coisa, quando a mente está realmente silente, profundamente em paz, o não-conhecido se concretiza. Você não tem que procurá-lo. Você não pode convidá-lo. Você só pode convidar quem você conhece. Você não pode convidar um hóspede desconhecido. Você só pode convidar alguém que você conheça. Mas você não conhece o não-conhecido, Deus, a realidade, ou o que quer que seja. Ele precisa vir ao seu encontro. Ele só pode vir quando o campo estiver em condições, a terra lavrada, mas se você lavrar a terra para que ele venha, ele não virá.

Nosso problema está não em buscar o incognoscível, mas em compreender os processos cumulativos da mente que é o que se conhece. Essa é uma árdua tarefa; é isso que demanda atenção constante, uma constante percepção onde não cabe senso de distração, de identificação, de condenação — é existir com o que existe. Somente então a mente se aquieta. Nenhum grau de meditação, de disciplina pode

tornar a mente tranqüila — no sentido real da palavra. Somente quando a brisa deixa de soprar, o lago se torna plácido. Você não pode criar a placidez do lago. Nossa tarefa consiste, não em buscar o incognoscível, mas em entender a confusão, a agitação, a miséria que existe em nós mesmos. E então essa coisa obscura se transforma em alegria.

De Vida Adiante, *Capítulo 4**

Interlocutor: O que é Deus?

Krishnamurti: Como é que você pode saber? Você aceitaria a informação de uma outra pessoa? Ou tentaria descobrir por si mesmo o que é Deus? Perguntar é fácil, porém chegar a conhecer a verdade requer muita inteligência, muita busca e investigação.

Então a primeira pergunta é a seguinte: Você aceitaria que uma outra pessoa lhe dissesse o que é Deus? Pouco importa que ele seja Krishna, Buda ou Cristo, porque todas elas podem estar enganadas — assim como seu próprio guru. O certo é que, para descobrir a verdade, sua mente deve estar livre para indagar, o que significa que ela não pode simplesmente aceitar ou acreditar. Eu posso lhe fazer uma descrição da verdade, mas não é o mesmo que você conhecer a verdade por si mesmo. Todos os livros sagrados descrevem Deus, mas essas descrições não são Deus. A palavra *Deus* não é Deus, não é verdade?

Para descobrir a verdade, você não deve jamais aceitar, jamais ser influenciado por textos, por professores ou por palavras de terceiros. Se você sofrer essa influência, somente descobrirá o que eles querem que você descubra. E você precisa saber que sua própria mente pode criar a imagem que deseja — pode imaginar Deus com uma barba ou com um só olho; pode imaginá-lo azul ou vermelho. De forma que você precisa estar consciente de seus próprios desejos e não se deixar levar pelas projeções de suas próprias necessidades e desejos. Se você deseja ver Deus de certa forma, você o verá, de

---

* Extraído do Capítulo 4 de *Life Ahead,* © 1963 Krishnamurti Writings, Inc.

acordo com seus desejos, e essa imagem não será Deus, será? Se você está triste, deseja ser consolado, ou se você se sente sentimental e romântico em suas aspirações religiosas, você eventualmente criará um Deus que suprirá esse seu desejo, mas que, no entanto, não será Deus.

De forma que a mente precisa estar completamente livre para então poder descobrir o que é a verdade — não pela aceitação de qualquer falsa crença, nem pela leitura dos assim chamados livros sagrados, nem por ser adepto de algum guru. Somente quando você conquista essa liberdade, essa real libertação de influências externas assim como de suas próprias ânsias e desejos, encontrando-se sua mente num estado de muita lucidez — somente então é possível descobrir o que é Deus. Se você apenas sentar e especular, então seu ponto de vista terá tanto valor quanto o de seu guru e será igualmente ilusório.

I.: Podemos ter consciência de nossos desejos inconscientes?

K.: Antes de mais nada, você tem consciência de seus desejos conscientes? Você sabe o que é desejo? Você está consciente de que, de um modo geral, não presta atenção a nenhuma pessoa que esteja dizendo algo contrário ao que você acredita? Seu desejo o impede de escutar. Se você deseja Deus e alguém disser que o Deus que você deseja é fruto de seus medos e de suas frustrações, você o ouviria? Claro que não. Você deseja uma coisa e a verdade é algo bem diferente. Você se fecha dentro dos limites de seus próprios desejos. Você está apenas semiconsciente de seus próprios desejos, não está? E estar consciente dos desejos que estão profundamente ocultos é muito mais difícil. Para descobrir o que está oculto, quais seus verdadeiros motivos, a mente que está buscando precisa estar suficientemente clara e livre. De forma que, em primeiro lugar, fique bem consciente de seus desejos conscientes; depois, quando estiver bem consciente do que existe na superfície, você poderá ir cada vez mais fundo.

De Vida Adiante, *Capítulo 7, falando para jovens**

Interlocutor: Qual o caminho mais fácil para chegar a Deus?

Krishnamurti: Temo que esse caminho fácil não exista, porque chegar a Deus é a coisa mais dura, mais difícil que existe. Pois não é o que chamamos Deus uma coisa que a mente criou? Você sabe o que é a mente: a mente é o resultado do tempo e ela pode criar qualquer coisa, qualquer ilusão. Ela tem o poder de criar idéias, de mergulhar em fantasias, em devaneios; está constantemente acumulando, descartando, optando. Sendo preconceituosa, estreita, limitada, a mente pode conceber Deus, ela pode imaginar Deus de acordo com suas próprias limitações. Pelo fato de certos professores, padres e pretensos messias terem dito que Deus existe e de o terem descrito, a mente pode imaginar Deus dessa forma, mas essa imagem não é Deus. Deus é algo que a mente não pode alcançar.

Para entender Deus você precisa, primeiro, entender sua própria mente. Isso é muito difícil. A mente é muito complexa — não é fácil entendê-la. Mas é muito fácil sentar e mergulhar em algum tipo de sonho, ter muitas visões, ilusões e depois pensar que você está muito perto de Deus. A mente pode se enganar enormemente. Para chegar, realmente, àquilo que pode ser chamado de Deus, você precisa estar absolutamente quieto — e você já não viu como isso é extremamente difícil? Já notou como nem mesmo as pessoas idosas conseguem sentar-se quietas, como elas balançam os pés e movem as mãos? É difícil

---

* Extraído do Capítulo 7, de *Life Ahead,* © 1963 Krishnamurti Writings, Inc.

para o corpo parar quieto e muito, muito mais difícil para a mente! Você pode seguir a orientação de um guru e forçar sua mente a ficar quieta; porém sua mente não estará realmente quieta. Ainda estará inquieta como uma criança forçada a ficar parada em um canto. É uma grande arte conseguir que a mente, sem a menor coerção, fique calada. Só assim existe a possibilidade de chegar àquilo que pode ser chamado de Deus.

I.: Deus está em toda a parte?

K.: Você está realmente interessado em descobrir? Você faz perguntas e depois recua; você não ouve. Já notou como as pessoas idosas raramente prestam atenção ao que você fala? Elas o ouvem raramente porque estão muito fechadas em seus próprios pensamentos, em suas próprias emoções, em suas próprias alegrias e tristezas. Espero que você tenha notado isso. Se você souber observar e ouvir, ouvir realmente, descobrirá uma porção de coisas, não apenas sobre as pessoas, mas sobre o mundo.

Este rapaz aqui está perguntando se Deus está em toda a parte. Ele é muito jovem para fazer essa pergunta. Ele não sabe o que ela realmente significa. É possível que tenha uma vaga idéia de algo — sensação de beleza, percepção de pássaros no céu, de águas correntes, de um rosto bonito e sorridente, de uma folha dançando ao vento, de uma mulher carregando uma trouxa. E de que existe cólera, ruído, tristeza — tudo isso é vago. De forma que ele está naturalmente interessado e ansioso para descobrir o sentido da vida. Ouve as pessoas idosas falarem de Deus e fica confuso. Mas é muito importante para ele fazer essa pergunta, não é mesmo? Assim como é importante que todos vocês procurem a resposta porque, como eu disse outro dia, vocês começarão a captar o sentido disso tudo internamente, inconscientemente, bem lá no fundo e depois, quando amadurecerem, terão vislumbres de outras coisas além deste mundo feio, de lutas. O mundo é lindo, a terra pródiga, mas nós somos os destruidores disso tudo.

I.: Qual o verdadeiro objetivo da vida?

K.: É antes de tudo o que você faz dela. É o que você faz da vida.

I.: Quanto à realidade, deve existir algo mais. Eu, pessoalmente, não estou interessado em um objetivo, mas gostaria de saber o objetivo das pessoas em geral.

K.: Como é que você vai saber? Quem lhe dirá? Você pode descobrir isso lendo? Se o fizer, um autor poderá lhe apresentar um determinado método, enquanto outro lhe apresentará um método completamente diferente. Se você fizer essa pergunta a um homem que esteja sofrendo, ele responderá que o objetivo da vida é ser feliz; se perguntar a um homem esfaimado que durante anos não comeu o suficiente, seu objetivo será o de ter um estômago cheio; se você perguntar a um político, seu objetivo será o de se tornar um dos líderes, um dos chefes do mundo. Se você perguntar a uma moça, ela dirá: "Meu objetivo é ter um filho." Se você perguntar a um sannyasi, seu objetivo é encontrar Deus. O objetivo, o desejo oculto das pessoas é geralmente atingir algo gratificante, confortante; desejam algum tipo de segurança, de proteção, para que não tenham dúvidas, indagações, ansiedade, medo. A maioria de nós deseja possuir algo permanente em que se agarrar, não é mesmo?

De forma que, para o homem, o objetivo geral da vida consiste em algum tipo de esperança, algum tipo de segurança, algum tipo de permanência. Não diga "mas isso é tudo?" Esse é o fato imediato, com o qual, antes de tudo, vocês precisam se familiarizar. Vocês precisam questionar tudo isso, o que significa que vocês precisam se familiarizar. Vocês precisam questionar tudo isso, o que significa que vocês precisam se questionar a si mesmos. Para o homem, o objetivo geral da vida está consubstanciado em você, porque você é parte do todo. Você mesmo deseja segurança, permanência, felicidade; você deseja algo em que se agarrar.

Agora, para descobrir se existe algo além, alguma verdade que não seja mental, todas as ilusões da mente devem cessar; isto é, você precisa entendê-las e pô-las de lado. Somente então você poderá des-

cobrir o essencial, se existe ou não um objetivo. Estabelecer que é preciso haver um objetivo ou acreditar em que há um objetivo é meramente uma outra ilusão. Mas se você pode questionar todos seus conflitos, lutas, dores, vaidades, ambições, esperanças, temores, e superá-los, colocando-se além e acima deles, então você descobrirá.

I.: Se eu cultivar influências mais elevadas, verei finalmente o supremo?

K.: Como você pode ver o supremo se, entre ele e você, existem tantas barreiras? Você precisa, antes de mais nada, remover as barreiras. Você não pode sentar-se num quarto fechado e saber como é o ar fresco. Para ter ar fresco, você precisa abrir a janela. Da mesma forma, você precisa divisar todas as barreiras, todas as limitações e condicionamentos que existem dentro de você; precisa entendê-los e pô-los de lado. Então você descobrirá. Mas ficar do lado de cá e tentar descobrir o que há do lado de lá, não tem sentido.

De Comentários sobre a Vida, Primeira Série, *Capítulo 18**

As sombras do longo estardecer se refletiam sobre o espelho das águas e o rio calava-se ao fim do dia. Os peixes saltavam fora d'água e os grandes pássaros iam aninhar-se entre as grandes árvores. No céu azul prateado não havia nem uma nuvem. Uma canoa cheia de gente que cantava e batia palmas descia o rio e, a distância, uma vaca mugia. Pairava no ar o perfume do crepúsculo. Uma coroa de margaridas boiava à flor das águas que brilhavam à luz do ocaso. Como tudo era lindo e vivo — o rio, os pássaros, as árvores, a gente simples.

Nós estávamos sentados sob uma árvore, um pouco acima do rio. Perto dela erguia-se um templo ao redor do qual pastavam algumas vacas. O templo estava limpo e bem varrido e os arbustos floridos, aguados e tratados. Um homem cumpria seus rituais vespertinos e sua voz era sentida e pausada. Sob os últimos raios de sol, a água se tingiu da cor das flores frescas. Naquele instante alguém se juntou a nós e começou a nos falar de suas experiências. Disse que havia devotado muitos anos de sua vida à busca de Deus, que havia praticado a austeridade e renunciado a muitas coisas que lhe eram caras. Havia também ajudado muitas obras sociais, contribuído para a construção de escolas, etc. Interessava-se por diversos temas, mas seu interesse primordial e mais absorvente concentrava-se na busca de Deus e, agora, após muitos anos, começava a ouvir sua voz

---

* Extraído do Capítulo 18, de *Commentaries on Living First Series*, © 1956 Krishnamurti Writings, Inc.

que o guiava nas grandes e pequenas coisas. Não tinha vontade própria, mas obedecia a voz interior de Deus que jamais o abandonava embora ele, freqüentemente, toldasse Sua luz. Suas orações visavam sempre à purificação do vaso para que fosse digno de O merecer.

Pode o incomensurável ser alcançado por mim ou por você? Pode aquilo que é intemporal ser abarcado pelo que é regido pelo tempo? Pode uma disciplina praticada diligentemente nos conduzir ao não-conhecido? Existe um meio de atingir aquilo que não tem começo nem fim? Pode a realidade ser capturada na rede de nossos desejos? Podemos aprender a projeção do conhecido; porém, o não-conhecido não pode ser apreendido pelo conhecido. O inominável não tem nome e nós, ao nominá-lo, apenas suscitamos respostas condicionadas. Estas respostas, embora bem-intencionadas e agradáveis, não são o real. Respondemos a estímulos, mas a realidade não apresenta estímulos: ela é.

A mente se move do conhecido para o conhecido e não pode atingir o não-conhecido. Você não pode pensar em algo que você não conhece: é impossível. Tudo que você pensa vem do conhecido, do passado, seja esse passado remoto ou o segundo que acabou de passar. Esse passado é pensamento, condicionado, moldado por muitas influências, modificando-se de acordo com as circunstâncias e pressões, mas permanecendo sempre como um processo do tempo. O pensamento só pode negar ou afirmar, não pode descobrir ou investigar o novo. O pensamento não pode encontrar o novo, mas quando o pensamento está em silêncio, então pode sobrevir o novo — que, pelo pensamento, imediatamente se transforma no velho, no experimentado. O pensamento está sempre modelando, alterando, colorindo de acordo com um padrão de existência. A função do pensamento é comunicar e não permanecer em estado de experimentação. Quando a experimentação cessa, o pensamento assume o comando e a enquadra dentro da categoria do conhecido. O pensamento não pode penetrar no não-conhecido de forma que não terá, jamais, condições de descobrir ou de vir a conhecer, pela experiência, a realidade.

Mortificações, renúncias, desapegos, rituais, a prática da virtude — tudo isso, embora sublime, é processo do pensamento; e o pensamento só pode atuar visando um fim, visando uma realização que

é sempre o conhecido. Realização é segurança, a certeza autoprotetora do conhecido. Buscar segurança no que é inominado, é negá-la. A segurança que podemos encontrar é simplesmente uma projeção do passado, do conhecido. Por essa razão a mente precisa estar, inteiramente, profundamente, em silêncio, silêncio que não pode ser comprado através de sacrifícios, de sublimação ou de supressão. Esse silêncio chega quando a mente não está mais buscando, quando não mais enredada no processo de transformação. Esse silêncio não é cumulativo, não pode ser adquirido pela prática. O silêncio precisa ser tão desconhecido à mente como o é a eternidade, pois se a mente experimenta o silêncio, então existe o experimentador que resulta de experiências passadas; e o que é experimentado pelo experimentador não passa de uma repetição autoprojetada. A mente não pode jamais experimentar o novo e portanto deve permanecer absolutamente quieta.

A mente só pode permanecer absolutamente quieta quando não está em contato com a experiência, isto é, quando não está classificando, dando nomes, gravando ou armazenando na memória. O ato de nomear e de gravar consiste num processo incessante das diferentes camadas do consciente, não apenas da mente superior. Mas, quando a mente superficial está calada, a mente mais profunda pode enviar suas sugestões. Quando todo o consciente está silencioso e tranqüilo, livre de toda transformação, o que é espontaneidade, somente então o incomensurável se concretiza. O desejo de manter essa liberdade imprime continuidade à memória daquele que se transforma, o que constitui um obstáculo à realidade. A realidade não tem continuidade; ela existe de momento a momento, sempre nova, sempre viçosa. O que tem continuidade não pode jamais ser criativo.

A mente superior é somente um instrumento de comunicação, não pode medir o incomensurável. A realidade não deve ser comentada; quando isso acontece, deixa de ser realidade.

Isso é meditação.

Bombaim, 3 de março de 1965*

Parece-me que o homem através dos séculos tem sempre procurado paz, liberdade e um estado de bem-aventurança que ele chama de Deus. Tem procurado Deus sob vários nomes e em diferentes períodos da história e, aparentemente, somente uns poucos chegaram a essa sensação interior de grande paz, liberdade e a esse estado que o homem chamou de Deus. Nos tempos modernos isso tem muito pouca importância; usamos a palavra *Deus* com muito pouco sentido. Estamos sempre buscando um estado de beatitude, paz e liberdade fora deste mundo e alçamos nosso vôo sob várias formas a fim de encontrar algo duradouro, um santuário, uma santidade que nos proporcione um senso de intensa quietude interior. Acreditarmos ou não em Deus depende de influências mentais, de tradição, do clima. Para chegar a esse estado de beatitude, a essa liberdade, a essa extraordinária paz é preciso que exista uma coisa viva. Precisamos entender, penso eu, o por quê de não sermos capazes de encarar, transformar o fato e, desse modo, suplantá-lo.

Eu gostaria, se me for permitido, de falar — ou melhor, de falarmos a respeito — de por que sempre damos tão grande importância à idéia e não à ação. Embora tenhamos falado a respeito de diversas maneiras e em diversas ocasiões, parece-me que somos totalmente, completamente responsáveis pela sociedade em que vivemos. Pela miséria, pela confusão, pela extrema brutalidade da vida moderna,

---

* Extraído do registro autêntico da sétima palestra proferida em público em Bombaim, 3 de março de 1965, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

cada um de nós é totalmente e completamente responsável. Não podemos fugir desse fato — temos que modificá-lo. O ser humano que integra e criou esta sociedade — pela qual ele é totalmente e completamente responsável — precisa modificá-la, provocar uma mutação, uma transformação dentro de si mesmo e, através de si, dentro da estrutura da sociedade, o que só é possível se ele desistir, completamente, de fugir para o mundo das idéias.

Deus é uma idéia que depende do clima, do meio e da tradição no seio da qual fomos criados. No mundo comunista, devido a essas circunstâncias, as pessoas não acreditam em Deus. Aqui, vocês sofrem a influência de outras circunstâncias, outro modo de viver, outras tradições e erigiram sua idéia. Precisamos nos livrar dessas circunstâncias, da sociedade, e só então o ser humano, dentro dessa liberdade, será capaz de encontrar a verdade. Mas refugiar-se numa idéia chamada *Deus* não solucionará absolutamente o problema.

"Deus" — ou qualquer outra designação que você queira adotar — é uma astuta invenção do homem e disfarçamos essa invenção, essa astuciosidade, com incenso, rituais, várias formas de crenças, dogmas, que separam os homens em católicos, hindus, maometanos, parsis, budistas — toda a estrutura ardilosa e inteligente, inventada pelo homem. O homem, tendo-a inventado, ficou aprisionado nela. Sem entender o mundo atual, o mundo em que vive — o mundo de sua miséria, o mundo de sua confusão, tristeza, ansiedade, desespero e a agonia da existência, a absoluta solidão, o senso de extrema futilidade da vida — sem entender tudo isso, a mera multiplicação de idéias, se bem que satisfatórias, não tem realmente sentido algum.

É muito importante entender por que criamos ou formulamos uma idéia. Por que, afinal, a mente formula uma idéia? Por *formular* quero significar criar um arcabouço de idéias filosóficas, ou racionais ou humanísticas ou materialistas. Idéia é igual a pensamento organizado; dentro desse pensamento organizado, dessa crença, dessa idéia, o homem vive. É o que todos nós fazemos, sejamos ou não religiosos. Acho importante descobrir por que os seres humanos, através das idades, têm dado tão extraordinária importância às idéias. Por que, afinal, temos idéias?... Se observarmos a nós mesmos, veremos que concebemos uma idéia quando inexiste atenção. Quando você está

em plena atividade, que requer plena atenção — que é ação — nisso não há idéia; você está atuando.

Por favor, se me for concedido sugerir, simplesmente escutem. Não aceitem nem rejeitem; não ergam barreiras defensivas para não escutarem, por terem suas próprias crenças, seus próprios pensamentos, contradições e tudo o mais. Mas escutem. Não estamos tentando convencê-los de nada; não os estamos forçando por meio de algum artifício a se conformarem a uma determinada idéia ou padrão, ou ação. Estamos apenas afirmando fatos — quer lhes agradem ou não — e o importante é conhecer os fatos. "Conhecer" implica absoluta observação, absoluta audição. Quando você ouve o grasnar de um corvo (nas árvores onde ele está se manifestando) não o escute com seus próprios ruídos, com seus próprios temores, pensamentos, com suas próprias idéias, com suas próprias opiniões. Então você verá que não existe idéia alguma, mas que você está realmente escutando.

Da mesma forma, se me for permitido sugerir, simplesmente escutem. Escutem, não apenas conscientemente, mas também inconscientemente — o que é talvez muito mais importante. Muitos de nós somos influenciados. Podemos refutar influências conscientes; mas é muito mais difícil afastar influências inconscientes. Quando você ouve dessa forma, então não existe nem audição consciente nem inconsciente. Então você se encontra absolutamente atento. E atenção é uma coisa que não é nem minha nem sua; não é nacionalista, não é religiosa nem é divisível. Quando você ouve dessa forma, inexiste idéia; existe somente um estado de atenção. Muitos de nós reagimos assim quando ouvimos algo muito bonito, quando toca uma linda música, ou quando admiramos uma montanha, a luz do entardecer, ou reflexos sobre a água, ou uma nuvem. Nesse estado de atenção, em que você afina seu sentido de audição, de visão, inexiste idéia.

Da mesma forma, se você pudesse ouvir com essa atenção passiva, então quem sabe compreenderia o grande significado que existe entre idéia e ação. Muitos de nós concebemos idéias quando existe desatenção. Criamos ou concebemos idéias quando essas idéias nos dão segurança, um senso de certeza. E esse senso de certeza, esse senso de sentir-se seguro, gera idéias e, no seio dessas idéias, esca-

pamos; e, por conseguinte, inexiste ação. Criamos ou formulamos idéias quando não compreendemos completamente aquilo que é. Dessa forma a idéia se torna mais importante que o fato.

Para descobrir — para realmente descobrir o fato — se existe Deus ou se não existe Deus, as idéias não têm o mínimo sentido. Se você acredita ou deixa de acreditar, se você é ateu ou teísta, isso pouco importa. Para descobrir, você precisa usar toda sua energia, energia não maculada, não rasurada, não distorcida, não corrompida.

Assim, para chegar a entender se existe essa coisa que o homem por tantos milhares de anos tem procurado, precisamos ter energia — uma energia absolutamente intacta, pura. E para suscitar essa energia, precisamos compreender o que é o esforço.

A maioria de nós passa a vida se esforçando, lutando e o esforço, a luta, a porfia não passa de uma dissipação dessa energia. O homem, através de todo o período histórico, tem afirmado que para descobrir essa realidade ou Deus — ou outro nome que seja — precisamos ser celibatários; isto é, você precisa fazer voto de castidade e reprimir, controlar, batalhar consigo mesmo, sem descanso, durante toda sua vida, para cumprir o voto. Veja que desperdício de energia! Condescender é também desperdício de energia. E é maior ainda quando você reprime. O esforço que foi canalizado para a repressão, para o controle, para essa negação de seu desejo, distorce sua mente e, por meio dessa distorção, você adquire um certo senso de austeridade que vem a se tornar severo. Por favor, escutem. Observem isso em vocês e nas pessoas a seu redor. E esse desperdício de energia, a luta — não as implicações do sexo, não o ato em si, mas os ideais, as imagens, o prazer —, pensar constantemente nisso constitui um desperdício de energia. E a maioria das pessoas desperdiça sua energia ou por meio da negação, ou de um voto de castidade, ou pensando nisso constantemente.

O homem é responsável — você e eu somos responsáveis — pelas condições da sociedade em que vivemos. Você é responsável, não seus políticos, porque fez dos políticos o que eles são — desonestos, vaidosos, sequiosos de posição e prestígio — que é o que fazemos a cada dia. Somos responsáveis pela sociedade. A estrutura psicológica da sociedade é muitíssimo mais importante que o lado

institucional da sociedade. A estrutura psicológica da sociedade baseia-se em cobiça, inveja, consumismo, competição, ambição, medo, nessa incessante necessidade do ser humano de querer sentir-se seguro em todos os seus relacionamentos, seguro quanto à propriedade, seguro em sua relação com as pessoas, seguro em sua relação com as idéias. Esta é a estrutura da sociedade que criamos. E a sociedade, por sua vez, impõe psicologicamente essa estrutura a cada um de nós. Ambição, inveja, cobiça, competição, tudo não passa de desperdício de energia, porque nisso tudo existe sempre o conflito — conflito permanente, como ocorre com uma pessoa ciumenta.

O ciúme é uma idéia. Idéia e fato são duas coisas diferentes. Por favor, escutem. Você aborda o sentimento denominado "ciúme" através da idéia. Você não está diretamente em contato com o sentimento chamado ciúme. Mas o aborda através da lembrança de uma certa palavra que você fixou em sua mente como ciúme. Ela se transforma em idéia, e essa idéia o impede de entrar em contato direto com esse sentimento que você designou pelo nome de ciúme. Repetindo, isso é um fato. De forma que a fórmula, a idéia, o impede de entrar diretamente em contato com esse sentimento e, portanto, a idéia dissipa essa energia.

Como *somos* responsáveis pela miséria, pela pobreza, pelas guerras, pelo eterno estado de beligerância, o homem religioso não procura Deus. O homem religioso está preocupado com a transformação da sociedade que é ele mesmo. O homem religioso não é aquele que celebra inúmeras cerimônias, segue as tradições, respira uma cultura morta, obsoleta, explicando interminavelmente o Gita ou a Bíblia, entoando intermináveis cânticos ou fazendo votos. Esse homem não é religioso; esse homem está fugindo aos fatos. O homem religioso está total e completamente comprometido com a compreensão da sociedade que é ele mesmo. Ele não está apartado da sociedade. Provocar em si uma completa e total transformação equivale à absoluta cessação da cobiça, da inveja, da ambição; e, por conseguinte, ele, embora fruto das circunstâncias, não depende delas — da comida que come, do livro que lê, dos cinemas a que vai, dos dogmas religiosos, das crenças, dos rituais e de tudo o mais. Ele é responsável; e, sendo assim, precisa entender a si mesmo por ser um produto da

sociedade que ele mesmo criou. Portanto, para descobrir a realidade ele precisa partir desse ponto, não de um templo, não de uma imagem — pouco importando que essa imagem tenha sido talhada pela mão ou pela mente. Pois como pode ele encontrar algo totalmente novo, chegar a um novo estado?

Paz não é meramente expansão da lei ou da soberania. Paz é uma coisa totalmente diferente; é um estado interior que não pode absolutamente resultar da transformação de circunstâncias externas, embora essa transformação seja necessária. Mas para se criar um mundo diferente ela precisa partir de dentro. E para criar um mundo diferente você precisa de uma tremenda energia, energia que está agora sendo dissipada por conflitos constantes. Precisamos, portanto, entender esse conflito.

A causa primordial do conflito é a fuga — fuga através da idéia. Por favor, observem-se a si mesmos: em vez de encarar — digamos — o ciúme, a inveja, em vez de entrar diretamente em contato com eles, você pergunta:? "Como posso superá-los? Que vou fazer? Qual o caminho a seguir para não ser invejoso?" — mas tudo isso são idéias e, portanto, é o mesmo que fugir ao fato de que você é invejoso, é dar as costas ao fato de que você é invejoso. Fugir ao fato através de idéias não somente desgasta sua energia, como o impede de entrar diretamente em contato com o fato. Você precisa empenhar sua completa atenção, mas não através da idéia. A idéia, como já salientamos, óbsta a atenção. De forma que, quando você observa, ou se conscientiza desse sentimento de inveja, e lhe dedica a mais completa atenção — livre, isento de idéias — então compreenderá que não só está diretamente em contato com esse sentimento mas que também, pelo fato de lhe ter dedicado sua absoluta atenção — não por meio de idéias — ele deixa de existir. Você estará então provido de uma maior energia para enfrentar o próximo incidente, ou a próxima emoção, o próximo sentimento.

Para externar, para suscitar uma completa mutação, você precisa ter energia — não a energia que é gerada pela repressão, mas a que vem a seu encontro quando você não está fugindo por meio de idéias ou de repressão. Na verdade, se você pensar a respeito, só conhecemos dois meios de enfrentar a vida — ou escapamos totalmente dela,

o que é uma forma de insanidade conducente à neurose, ou suprimimos, reprimimos a totalidade daquilo que não entendemos. Isso é tudo que sabemos.

Repressão não significa apenas colocar um tampo sobre qualquer sentimento ou sensação, mas significa, também, uma forma de explanação, de racionalização intelectual. Por favor, observem-se e verão quão fatual é o que está sendo dito. Portanto é preciso que você não fuja. Uma das coisas mais importantes é descobrir, nunca fugir. É uma das coisas mais difíceis — descobrir — porque fugimos através das palavras. Fugimos aos fatos não só correndo para os templos e tudo o mais nesse sentido, mas também através das palavras, de argumentos intelectuais, opiniões, juízos. Temos tantas maneiras de fugir aos fatos... Por exemplo, vamos partir do fato de que somos chatos. Ser chato é um fato. E, quando você se torna consciente de que você é chato, a fuga está em tentar se tornar interessante. Mas o se tornar assim sensível requer que toda sua atenção seja dirigida a esse estado mental de chatice.

Então precisamos de energia, de uma energia que não resulte de qualquer contradição, de qualquer tensão, mas que se concretize quando inexiste esforço algum. Por favor, entendam este fato muito simples, muito verdadeiro: de que desperdiçamos nossa energia através do esforço e de que esse desperdício de energia através do esforço nos impede de entrar diretamente em contato com o fato. Quando faço um tremendo esforço para ouvi-los, toda minha energia esvai-se nesse esforço e eu, realmente, não escuto. Quando estou zangado ou impaciente toda minha energia se esvai tentando afirmar "não posso ficar zangado". Mas quando presto absoluta atenção à cólera, ou a esse estado mental, não tentando fugir por meio de palavras, de condenação, juízos, então nesse estado de atenção existe o despreendimento daquilo que chamamos cólera. Portanto essa atenção, soma total de energia, não conhece esforço. Só a mente desembaraçada de qualquer esforço é uma mente religiosa. E, por conseguinte, apenas essa mente pode descobrir se existe ou se não existe Deus.

Mas existe ainda um outro fator: somos seres humanos imitativos. Não existe nada original. Somos o resultado do tempo, de muitos milhares de ontens. Desde nossa infância fomos ensinados a imitar,

a obedecer, a seguir a tradição, as escrituras, a autoridade. Não estamos nos referindo à autoridade da lei que precisa ser obedecida: estamos falando da autoridade das escrituras, da autoridade espiritual, do modelo, da fórmula. Obedecemos e imitamos.

Quando você imita — o que corresponde a moldar-se a um padrão, imposto pela sociedade ou por si mesmo devido à sua própria experiência — tal conformidade, tal imitação, tal obediência destrói o brilho da energia. Você imita, você se amolda, você obedece as autoridades porque tem medo. O homem que compreende, que vê claro, que está muito atento, não tem medo; portanto não tem motivos para imitar. Ele é ele mesmo — o que quer que isso signifique — a todo o momento.

De forma que imitação, conformidade ou não a um padrão religioso, mas conformidade com a sua própria experiência é ainda resultado do medo. E o homem só é livre quando não tem medo. Portanto, ele deve entrar diretamente em contato com o medo, mas não através da idéia de medo.

O encontro dessa energia imaculada, incorrupta, vital só pode ocorrer quando você rejeita. Não sei se você já percebeu que quando você rejeita alguma coisa — não como uma reação — essa mesma rejeição cria energia. Quando você rejeita, por exemplo, a ambição — não porque deseje espiritualizar-se, não porque você deseje levar uma vida tranqüila, não porque você deseje chegar a Deus ou outra coisa, mas pela própria ambição — quando você apreende a natureza extremamente destrutiva do conflito envolvido na ambição e a rejeita, essa mesma rejeição é energia. Não sei se alguma vez você rejeitou alguma coisa. Quando você rejeita um prazer em especial — por exemplo, quando você se abstém do prazer de fumar, não porque seu médico disse que faz mal aos pulmões, não porque você não tem dinheiro para fumar dezenas de cigarros por dia, não porque você fica preso a um hábito abjeto, mas por entender que fumar não tem sentido — quando você o rejeita sem a menor reação, essa mesma rejeição gera energia. Similarmente, quando você rejeita a sociedade — sem fugir dela como o sannyasi, o monge e as assim chamadas pessoas religiosas — quando você rejeita totalmente a estrutura psicológica da sociedade, dessa rejeição você extrai uma tremenda energia. O próprio ato de rejeição é energia.

Agora você viu por si mesmo ou entendeu ou atentou para a natureza do conflito, do esforço que dissipa a energia. E compreendeu ou percebeu, não verbalmente, mas realmente, esse senso de energia que não é resultado de conflito, mas que se concretiza quando a mente apreendeu todo o contexto de fugas, de repressão, de conflito, de medo e de imitação. Daí você pode prosseguir, pode começar a descobrir por si mesmo o que é real, não como uma fuga, não como um meio de evitar sua responsabilidade neste mundo. Você só pode descobrir o que é real, o que é bem se o bem existe — transformando-se a si próprio em sua relação com sua propriedade, com as pessoas e com as idéias, ou em outras palavras, libertando-se da sociedade e não através das crenças. Só então você possuirá essa energia descobridora, e não através de fuga ou repressão.

Se você chegou a esse ponto precisa começar a decifrar a natureza da disciplina, a austeridade que possuímos ou por tradição ou pelo fato de você tê-la entendido. Existe um processo natural de disciplina, um processo natural de austeridade, que não é rigoroso, que não se conforma, que não está meramente imitando um certo hábito agradável. E quando você tiver feito isso, descobrirá que existe uma inteligência dotada do mais alto grau de sensibilidade. Sem essa sensibilidade, você não conhecerá a beleza.

Uma mente religiosa precisa estar consciente desse extraordinário senso de sensibilidade e beleza. A mente religiosa de que falamos é totalmente diversa da mente religiosa dos ortodoxos. Porque, para a mente religiosa do ortodoxo, não existe beleza; ele está inteiramente inconsciente do mundo em que vivemos — a beleza do universo, a beleza da terra, a beleza dos mortos, a beleza de uma árvore, a beleza de um lindo rosto sorridente. Para ele, beleza é sinônimo de tentação. Para ele a beleza é a mulher que ele precisa evitar a todo o custo para encontrar Deus. Essa mente não é religiosa porque não é sensível ao mundo — ao mundo da beleza, ao mundo da miséria. Você não pode ser sensível apenas à beleza; precisa também ser sensível à feiúra, à sujeira, à desorganizada mente humana. Sensibilidade significa sensibilidade total, não voltada apenas a uma determinada direção. De forma que a mente que não está preparada para perceber essa beleza não pode prosseguir. É preciso que exista esse grau de sensibilidade.

Então essa mente, que é a mente religiosa, compreende a natureza da morte. Porque, se ela não entender a morte, não entenderá o amor. A morte não é o fim da vida. A morte não é uma ocorrência ocasionada por doença, senilidade, velhice ou acidente. A morte é algo com que você convive diariamente porque você está morrendo todo dia para tudo que você conhece. Se você não conhecer a morte, jamais saberá o que é o amor.

Amor não é recordação; amor não é um símbolo, uma foto, uma idéia; amor não é um ato social; amor não é uma virtude. Se existe amor, você é virtuoso: você não tem que lutar para ser virtuoso. Mas não existe amor, porque você jamais compreendeu o que é morrer — morrer para sua experiência, morrer para seus prazeres, morrer para sua forma especial de memórias secretas das quais você não está consciente. Mas quando você trouxer tudo isso à tona e morrer a cada minuto — morrer para sua casa, para suas lembranças, para seus prazeres — voluntariamente, facilmente e sem esforço, então você saberá o que é amor.

E sem a beleza, sem o senso da morte, sem o amor, você jamais encontrará a realidade; faça o que fizer, vá a todos os templos, siga qualquer guru inventado por qualquer homem pouco inteligente, você jamais encontrará a realidade por esses meios. Realidade é criação.

Criação não significa gerar bebês, pintar um quadro, escrever uma poesia ou preparar um ótimo prato. Isso não é criação, é apenas o resultado de um determinado talento, de um dom ou do aprendizado de uma determinada técnica. Uma invenção não é uma criação. A criação só chega, só se concretiza, quando você morre para o tempo; isto é, quando não há mais amanhã. A criação só se realiza quando há uma completa concentração de energia, desprovida de qualquer movimento — tanto para dentro como para fora.

Por favor acompanhem este pensamento. Se vocês o entendem ou não, pouco importa. Nossa vida é tão chã, tão miserável; existe tanto desespero, tanta pobreza... Vivemos cerca de dois milhões de anos e nada existe de novo. Só conhecemos repetição, chatice e a extrema futilidade de cada ato que praticamos. Para erigir uma nova mentalidade, um senso de inocência, uma sensação de frescor, é preciso que exista esta sensibilidade, esta morte e amor a esta criação.

Tal criação só pode se concretizar quando existir essa total energia, destituída de qualquer movimento em qualquer direção.

Olhem, quando a mente tem um problema pela frente, sempre procura uma saída, tentando solvê-lo, superá-lo, contorná-lo, suplantá-lo, sempre procurando fazer algo como ele, movendo-o para lá e para cá. Se ela não o movesse para lado nenhum — quando não existe movimento algum, nem de dentro para fora nem de fora para dentro, só resta o problema — ocorreria a explosão desse problema. Faça assim alguma vez e constatará a veracidade do que estou dizendo — isso é uma coisa em que você não tem que acreditar nem que objetar. Neste caso não existe autoridade.

De forma que, quando essa concentração de energia, resultante da ausência de esforço, tem lugar, e quando essa energia não se move em nenhuma direção, nesse momento nasce a criação. E essa criação é verdade, Deus, ou o que quer que seja — as palavras deixam de ter sentido então. Então essa explosão, essa criação, é paz: você não tem que buscar a paz. Essa criação é beleza. Essa criação é amor.

E essa mente religiosa é a única capaz de pôr ordem neste mundo confuso e sofredor. E cabe a vocês — a vocês e a mais ninguém — enquanto viverem neste mundo, concretizar essa vida criativa, por meio dessa mente única — que é a mente religiosa, a mente abençoada.

*Bangalore, 4 de julho de 1948**

Interlocutor: O homem precisa saber o que é Deus antes de conhecer Deus. Como podemos inserir a idéia de Deus no homem sem baixar Deus ao nível do homem?

Krishnamurti: Não podemos, senhor. Agora, qual a força impulsora que existe por detrás da busca de Deus? É essa busca real? Porque, para a maioria de nós, ela é uma fuga da realidade. De forma que precisa estar bem claro em nós se essa busca é fuga ou se é a busca da verdade em todas as coisas — verdade em nossos relacionamentos, verdade no valor das coisas, verdade nas idéias. Se estamos à procura de Deus, pelo simples fato de estarmos cansados deste mundo e de suas misérias, é uma fuga. Então criamos Deus, e portanto o que criamos não é Deus. O Deus dos templos, dos livros, não é Deus, embora seja, obviamente, uma fuga maravilhosa. Mas se tentamos descobrir a verdade, não em um grupo exclusivo de ações, mas em todas as nossas ações, idéias e relações, se buscamos a avaliação correta da comida, do vestuário e do abrigo, então pelo fato de nossas mentes serem capazes de clareza e compreensão, quando procurarmos a realidade, a encontraremos. Já não se tratará de uma fuga. Se, porém, estivermos confusos com relação às coisas mundanas — comida, vestuário, abrigo, relacionamentos e idéias — como podemos descobrir a realidade? Só podemos inventar a "realidade". Portanto, Deus, verdade ou realidade, não pode ser alcançado por uma mente confusa,

---

* Extraído do registro textual da primeira palestra proferida em público em Bangalore, 4 de julho de 1948, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

condicionada, limitada. Como pode tal mente pensar em realidade ou Deus? Ela precisa, antes de mais nada, descondicionar-se. Precisa libertar-se de suas próprias limitações e só então descobrir o que é Deus; obviamente, não antes. A realidade é o não-conhecido, e o conhecido não é o real.

De forma que a mente que deseja conhecer a realidade precisa livrar-se de seus próprios condicionamentos, e este condicionamento é imposto externa ou internamente; e, enquanto a mente criar controvérsias, conflitos nos relacionamentos, não pode conhecer a realidade. Assim, para que alguém possa conhecer a realidade, a mente precisa estar tranqüila; mas se a mente for compelida, forçada a ser tranqüila, essa tranqüilidade é, em si mesma, uma limitação, é meramente uma auto-hipnose. A mente só se torna livre e tranqüila quando compreende os valores que a rodeiam. De forma que para compreender o mais elevado, o supremo, o real, precisamos começar bem de baixo, bem de perto; isto é, precisamos descobrir o valor das coisas, dos relacionamentos, das idéias, com os quais lidamos todo dia. E sem compreendê-los, como pode a mente buscar a realidade? Ela pode inventar a "realidade", ela pode imitar, copiar; pelo fato de ela ter lido tantos e tantos livros, ela pode repetir a experiência de terceiros. Mas certamente isso não é o real. Para experimentar o real, a mente precisa parar de criar, porque o que quer que crie está ainda dentro das amarras do tempo. O problema não está em se saber se Deus existe ou não, mas em como o homem pode descobrir Deus. Se nessa busca ele se desvencilha de tudo, descobrirá inevitavelmente a realidade. Ele, porém, precisa começar com o que está perto, não com o que está longe. Obviamente, para irmos longe, precisamos começar de perto. Mas a maioria de nós gosta de especular, o que constitui uma fuga muito conveniente. É por essa razão que as religiões propiciam uma droga tão maravilhosa para a maioria das pessoas.

De forma que a tarefa de desvencilhar a mente de todos os valores que ela mesma criou constitui uma tarefa extremamente árdua e, devido ao fato de nossas mentes estarem cansadas, ou de sentirmos preguiça, preferimos ler livros religiosos e teorizar a respeito de Deus; mas isso, sem dúvida alguma, não é a descoberta da realidade. Descobrir a realidade é experimentar, não imitar.

I.: A mente difere do pensador?

K.: Eu pergunto: o pensador difere de seus pensamentos? O pensador existe sem pensamentos? Existe o pensador à parte do pensamento? Cesse o pensamento — onde está o pensador? O pensador de um pensamento é diferente do pensador de outro pensamento? O pensador é independente de seu pensamento, ou o pensamento cria o pensador, que então se identifica com o pensamento quando o julga conveniente e se aparta do mesmo quando não conveniente? Isto é, o que é o "eu", o pensador? Obviamente, o pensador se compõe de vários pensamentos que vieram a ser identificados como o "eu". De forma que os pensamentos criam o pensador, não o inverso. Se eu não penso, então não há pensador; não que o pensador seja diferente a cada vez, mas, se não existem pensamentos, não existe pensador. Portanto os pensamentos criam o pensador, como as ações criam o ator. O ator não cria as ações.

I.: Minha experiência consiste em que, sem a cooperação do "eu", não existe percepção.

K.: Não podemos falar em percepção pura. A percepção está sempre associada ao perceptor — trata-se de um fenômeno conjunto. Se falamos em percepção, o perceptor é imediatamente envolvido. Está além de nossa experiência falar em perceber; nunca passamos por semelhante experiência que é o perceber. Podemos cair em sono profundo, quando o perceptor não percebe a si mesmo; porém, no sono profundo não existe nem percepção nem perceptor. Se você tiver ciência de um estado em que o perceptor esteja percebendo a si próprio sem carrear outros objetos de percepção, então você poderá, validamente, falar em perceptor. Enquanto esse estado for desconhecido, não temos o direito de falar do perceptor como separado da percepção. De forma que perceptor e percepção constituem um fenômeno conjunto, são as duas faces de uma mesma moeda. Não são independentes, e não temos o direito de separar duas coisas que estão unidas. Insistimos em separar o perceptor da percepção quando não

existe para isso um fundamento válido. Não compreendemos o perceptor apartado da percepção, e não compreendemos a percepção apartada do perceptor. Daí ser a única conclusão válida a de que percepção e perceptor, o "eu" e a vontade, constituem as duas faces da mesma moeda, dois aspectos do mesmo fenômeno, que não é nem percepção nem perceptor. Porém um exame atento desse fenômeno requer uma atenção cuidadosa.

I.: A que isso nos leva?

K.: Senhor, essa questão surgiu da pergunta a respeito da busca de Deus. Obviamente, a maioria de nós deseja conhecer a experiência da realidade. Ela, certamente, só pode ser conhecida quando o experimentador cessa de experimentar, porque o experimentador está criando a experiência. Se o experimentador está criando a experiência, ele, então, criará Deus que, portanto, não será Deus. Pode o experimentador parar de experimentar? Esse é o fulcro desta questão. Agora, se o experimentador e a experiência constituem um fenômeno conjunto, o que é tão óbvio, então o experimentador, o ator, o pensador têm de parar de pensar. Não é óbvio? Então, pode o pensador parar de pensar? Porque, quando ele pensa, ele cria, e o que cria, não é o real. Por conseguinte, para descobrir se existe ou não realidade, Deus, ou como quer que você o chame, o processo do pensamento tem de cessar, o que significa que o pensador tem de parar — se ele é ou não produzido pelos pensamentos é, no momento, irrelevante. O processo global do pensamento, que inclui o pensador, tem de chegar a um fim. Somente então encontraremos a realidade. Agora, antes de tudo, para que esse processo chegue ao fim: como se pode fazer e quem o fará? Se o pensador o fizer, continuará a ser um produto do pensamento. O pensador pondo um fim ao pensamento continua sendo a continuidade do pensamento. Então o que deve o pensador fazer? Qualquer esforço de sua parte constitui ainda um processo do pensamento. Espero estar sendo claro.

I.: Por que insistimos em separar o perceptor da percepção, em separar aquele que lembra de suas lembranças? Isso não está na raiz do nosso problema?

K.: Separamos porque aquele que lembra, o experimentador, o pensador, tornam-se permanentes pela separação. As lembranças são, obviamente, fugazes, de forma que o que lembra, o experimentador, a mente, se separam porque almejam permanência. A mente que está realizando um esforço, que está se empenhando, que está selecionando, que é disciplinada não pode, obviamente, descobrir o real: porque, como dissemos, por meio desse mesmo esforço ela se projeta e sustém o pensador. Agora, como livrar o pensador de seus pensamentos? É o que estamos discutindo. Porque o que quer que ele pense precisa resultar do passado e portanto ele cria Deus, a verdade, por intermédio da memória que, obviamente, não é real. Em outras palavras, a mente se move, constantemente, do conhecido para o conhecido. Quando a memória atua, a mente só pode se mover dentro do campo do conhecido, não pode jamais conhecer o não-conhecido. De forma que nosso problema consiste em como podemos livrar a mente do conhecido. Para nos livrarmos do conhecido, qualquer esforço é prejudicial porque esforço faz parte do conhecido. Conseqüentemente, todo esforço deve cessar. Você já tentou não fazer nenhum esforço? Se eu compreender que todo esforço é fútil, que todo esforço constitui uma outra projeção da mente, do "eu", do pensador, se eu alcançar essa verdade, o que acontece? Se vejo, claramente, o rótulo "veneno" em um frasco, eu nem chego perto. Não existe esforço no fato de não ser atraído para ele. De igual modo — e nisto reside a maior dificuldade — se eu compreendo que qualquer esforço de minha parte é prejudicial, se compreendo essa verdade, então libero-me do esforço. Qualquer esforço de nossa parte é prejudicial, mas não temos certeza disso porque buscamos um resultado, uma conquista — e essa é nossa dificuldade. Daí porfiarmos, porfiarmos, porfiarmos. Mas o Deus, a verdade, não constituem um resultado, um prêmio, uma finalidade. Eles devem vir a nós, nós não podemos ir-lhes ao encontro. Se fazemos um esforço para chegar até eles, estamos buscando um resultado, uma realização. Porém, para a verdade chegar, o homem deve estar passivamente consciente. O estado de consciência passiva é um estado em que não existe esforço; equivale a estar consciente sem emitir juízos, sem fazer escolha, e isso não em alguns casos supremos, mas em todos os casos; é estar consciente de suas

ações, de seus pensamentos, de suas respostas relativas, sem preferências, sem condenação, sem identificar ou negar, de forma que a mente comece a entender cada pensamento e cada ação sem fazer julgamentos. Isso suscita a questão de poder ou não existir entendimento sem pensamento.

I.: Claro, se você for indiferente a alguma coisa...

K.: Senhor, a indiferença é uma forma de julgamento. Uma mente entorpecida, uma mente indiferente, não é consciente. Entender sem julgar, saber exatamente o que está acontecendo, é consciência, percepção. Portanto, é vão buscar Deus ou a verdade sem estar consciente, neste mesmo instante, do presente imediato. É muito mais fácil ir a um templo, mas isso é uma fuga ao reino da especulação. Para entender a realidade, precisamos conhecê-la diretamente, e a realidade, obviamente, nada tem que ver nem com o tempo nem com o espaço; a realidade é o presente e o presente é o nosso próprio pensamento e ação.

*Bombaim, 8 de fevereiro de 1948**

Interlocutor: Podemos amar a verdade sem amar o homem? Podemos amar o homem sem amar a verdade? O que vem primeiro?

Krishnamurti: Senhor, sem dúvida o amor vem primeiro. Porque, para amar a verdade, você precisa conhecer a verdade, e conhecer a verdade é negá-la. O conhecido não é a verdade porque o conhecido já está inserido no tempo; deixa, portanto, de ser verdade. A verdade está em constante movimento e, por isso, não pode *ser* avaliada em termos de tempo ou de palavras; você não pode empunhá-la. De forma que amar a verdade é conhecê-la — você não pode amar algo que desconhece. A verdade, porém, não é encontrada nos livros, na idolatria, nos templos. É encontrada na ação, no ato de viver, no ato de pensar; sendo assim, o amor vem primeiro — o que é óbvio — a própria busca do não-conhecido é em si mesma amor e você não pode buscar o não-conhecido sem estar em relação com os outros. Você não pode buscar a realidade, Deus, ou o que seja, isolando-se. Você só pode encontrar o não-conhecido no relacionamento, somente quando o homem está em relação com o homem. Por conseguinte, amar o homem é buscar a realidade.

Sem amar o homem, sem amar a humanidade, não pode existir a busca do real; porque quando o conheço — pelo menos, quando tento conhecê-lo em virtude de um relacionamento — nesse relacionamento estou começando a conhecer a mim mesmo. O relaciona-

---

* Extraído do registro textual da quarta palestra proferida em público em Bombaim, de 8 de fevereiro de 1948, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

mento é um espelho no qual vou descobrindo a mim mesmo, não meu "eu" superior, mas todo o processo global de mim mesmo. O "eu" superior e o "eu" inferior ainda estão contidos no campo da mente e sem entender a mente, aquele que pensa, como posso ir além do pensamento e descobrir? O relacionamento em si constitui a busca do real porque é o único contato que tenho comigo mesmo: portanto, a compreensão de mim mesmo através do relacionamento é o começo da vida, não há dúvida. Se eu não sei como amar você, você com quem estou relacionado, como posso buscar o real e, por conseguinte, amar o real? Sem você, eu não existo, existo? Eu não posso existir apartado de você, eu não posso existir no isolamento. Portanto, em nosso relacionamento, no relacionamento entre mim e você, começo a entender a mim mesmo e o entender a mim mesmo constitui o começo da sabedoria, não é mesmo? Por isso a busca do real é o começo do amor através do relacionamento. Para amar algo você precisa conhecer esse algo, precisa entendê-lo, não é assim? Para eu amar você preciso conhecê-lo, preciso observar, preciso ser receptivo a todos os seus humores, suas mudanças e não meramente me enclausurar em minhas ambições, buscas e desejos. E ao conhecer você, começo a descobrir a mim mesmo. Sem você, não posso ser e se não entendo essa relação entre mim e você, como pode existir amor? E, sem dúvida alguma, sem amor não existe busca, existe? Você não pode dizer que precisamos amar a verdade porque, para amar a verdade, você precisa conhecê-la. Você conhece a verdade? Você sabe o que é realidade? A partir do momento que você conhece alguma coisa, essa coisa já passou, não é mesmo? Já se situa no campo do tempo e portanto cessa ser verdade.

Nossa questão é a seguinte: Como pode um coração empedernido, um coração vazio, conhecer a verdade? Não pode. A verdade não é algo distante. Está muito próxima, mas não sabemos como procurá-la. Para procurá-la, precisamos entender o relacionamento, não somente com o ser humano, mas com a natureza, com as idéias. Preciso entender minha relação com a terra e minha relação com o mundo das idéias, assim como minha relação com você; e para que haja entendimento é preciso, claro, que haja abertura. Se quero entender você, preciso estar aberto a você, preciso estar receptivo, não posso escon-

der nada, não pode existir um processo de isolamento. No entendimento existe verdade e para entender é preciso haver amor, porque sem amor não pode haver entendimento. Portanto não é nem o homem nem a verdade que vem primeiro, mas o amor; e o amor somente se concretiza num relacionamento compreensivo, o que significa estar aberto ao relacionamento e, portanto, aberto à realidade. Não podemos convidar a verdade a vir — ela deve vir até você. Buscar a verdade é negar a verdade. A verdade vem a você quando você está aberto, quando está completamente livre de barreiras, quando o pensador deixar de pensar, de criar, de fabricar, quando a mente se encontra muito quieta — não coagida, não drogada, não hipnotizada por palavras, por repetições. A verdade tem de vir. Quando o pensador sai no encalço da verdade, está meramente perseguindo seu próprio ganho. Portanto, a verdade o evita. O pensador só pode ser observado através do relacionamento; e para entender é preciso haver amor. Sem amor não há busca.

I.: O senhor nunca menciona Deus. Ele não tem lugar nos seus ensinamentos?

K.: Você fala muito a respeito de Deus, não fala? Seus livros estão cheios Dele. Você constrói igrejas, templos, faz sacrifícios, pratica rituais, celebra cerimônias e tem uma porção de idéias a respeito de Deus, não tem? Você repete a palavra, mas seus atos não são divinos, são? Embora você venere aquilo que chama de Deus, seu comportamento, suas idéias, sua existência não são divinos, são? Embora você repita a palavra *Deus*, você explora os outros, não explora? Você tem seus deuses — hindus, maometanos, cristãos e todos os demais. Você constrói templos e quanto mais rico fica, mais templos constrói. (*Risos.*) Não riam, vocês fariam o mesmo — só que ainda estão tentando ficar ricos — essa é que é a verdade.

De forma que você está familiarizado com Deus, pelo menos com a palavra *Deus* — mas a palavra não é Deus, a palavra não é a coisa. Vamos esclarecer bem este ponto: a palavra não é Deus. Você pode usar a palavra *Deus* ou uma outra palavra qualquer, mas Deus não é a palavra que você usa. O fato de você usá-la não significa

que você conheça Deus; você apenas conhece a palavra. Eu não uso essa palavra pela simples razão de que você a conhece. O que você conhece não é o real. E, além disso, para encontrar a realidade, todas as murmurações verbais da mente devem cessar, não devem? Você constrói imagens de Deus, mas essas imagens não são Deus, claro. Como você pode conhecer Deus? Obviamente não através de uma imagem, não através de um templo. Para hospedar Deus, o não-conhecido, a mente precisa ser o não-conhecido. Se você parte no encalço de Deus, então você já conhece Deus, você conhece o objetivo. Você sabe o que está perseguindo, não é mesmo? Se você busca a Deus, você deve saber o que é Deus, do contrário não o estaria buscando, não é mesmo? Você o busca ou de acordo com seus livros, ou de acordo com seus sentimentos e seus sentimentos não passam de resposta da memória. Portanto aquilo que você busca já está criado ou por intermédio da memória ou da tradição e aquilo que é criado não é eterno — é produto da mente. Se não existissem livros, se não existissem gurus, se não existissem fórmulas para serem repetidas, você só conheceria a tristeza e a alegria, não é? — tristeza constante e raros momentos de alegria. E então você gostaria de saber por que sofre. Você não poderia se amparar em Deus — mas, provavelmente, encontraria outras formas de proteção, e logo inventaria deuses como uma saída. Mas se você quer realmente entender todo o processo do sofrimento, como um novo homem, como um outro homem, indagando e não fugindo, então você se libertará da tristeza, e então descobrirá o que é a realidade, o que é Deus. Porém um homem infeliz não pode encontrar Deus ou a realidade; a realidade só pode ser encontrada quando cessa o sofrimento, quando reina a alegria, não como um contraste, não como o oposto, mas como um estado de existir no qual não existem opostos.

De forma que o não-conhecido, aquilo que não é criado pela mente, não pode ser formulado pela mente. O não-conhecido não pode ser pensado. A partir do momento que você pensa a respeito do não-conhecido, o não-conhecido já se transformou em conhecido. Claro que você não pode pensar a respeito do não-conhecido, pode? Você só pode pensar a respeito do conhecido. O pensamento se move do conhecido para o conhecido; e o conhecido não é realidade, é?

Portanto, quando você pensa e medita, quando você se concentra e pensa em Deus, você somente pensa a respeito do que é conhecido e o que é conhecido faz parte do tempo; está emaranhado na rede do tempo e, por conseguinte, não é o real. A realidade só se concretiza quando a mente se liberta das malhas do tempo. Quando a mente deixa de criar, nasce a criação. Isto é, a mente precisa estar absolutamente quieta, mas não devido a uma quietude induzida, hipnotizada, que represente apenas um resultado. Tentar chegar à quietude para experienciar a realidade é uma outra forma de fuga. Só existe silêncio quando cessam todos os problemas. Como é calmo o lago quando cessa a brisa, assim a mente se torna naturalmente quieta quando o agitador, o pensador pára. Para acabar com o pensador, todos os pensamentos que ele arquiteta devem acabar. De nada adianta construir uma barreira, uma resistência contra o pensamento, porque os pensamentos é que devem acabar.

Quando a mente está quieta, a realidade, o indescritível, se concretiza. Você não pode convidá-la. Para convidá-la, você precisa conhecê-la e o conhecido não é o real. De forma que a mente precisa ser simples, livre de crenças, de ideações. E quando há quietude, quando não existe nem desejo, nem ansiedade, quando a mente está absolutamente tranqüila, dentro de uma tranqüilidade que não é induzida, então a realidade chega. E essa verdade, essa realidade, é o único agente transformador; é o único fator que acarreta uma revolução radical, fundamental na existência, em nossa vida diária. E encontrar essa realidade não é procurá-la, mas entender os fatores que agitam a mente, que perturbam a própria mente. Então a mente se torna simples, quieta, tranqüila. Nessa tranqüilidade o não-conhecido, o incognoscível se concretiza. E quando isso acontece, é uma bênção.

*Bombaim, 27 de fevereiro de 1955**

Penso que muitos de nós devamos estar profundamente preocupados com o problema da conduta. Quando nos defrontamos com tantos pontos controversos — pobreza, superpopulação, o senso de deterioração interna e externa — o que fazer? Qual o dever ou a responsabilidade do indivíduo em sua relação com a sociedade? Isto deve constituir um problema para todo ser pensante. Quanto mais inteligente, mais atuante se é, mais desejamos nos atirar a reformas sociais de um tipo ou outro. Então, qual a verdadeira responsabilidade de cada um? Penso que essa pergunta pode ser respondida cabalmente e na sua essencialidade somente se compreendermos o propósito global da civilização, da cultura.

Afinal de contas, nós construímos esta sociedade; ela representa o resultado de nossos relacionamentos individuais. Acaso essa sociedade ajudou fundamentalmente o homem a encontrar Deus, a realidade, ou outro nome qualquer que lhes tenhamos dado? Ou trata-se apenas de um padrão que determina a nossa resposta a uma questão ou do tipo de atitude que devemos tomar em relação à sociedade? Se a presente cultura, se a presente civilização não ajuda o homem a encontrar Deus, a encontrar a verdade, então é um empecilho; e se é um empecilho, toda reforma, toda conduta tendente a seu aperfeiçoamento constitui uma deterioração a mais, um obstáculo a mais à descoberta da realidade, a qual somente pode motivar a verdadeira ação.

---

* Extraído do registro autêntico da quarta palestra proferida em público em Bombaim, 27 de fevereiro de 1955, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

Considero muito importante compreender isso e não estar meramente preocupado com que tipo de conduta ou de reforma social devamos nos identificar. Claro que esse não é o problema. O problema é, obviamente, muito mais profundo. Podemos muito facilmente nos perder em algum tipo de atividade ou de reforma social e este será, então, um meio de esquecer ou de nos sacrificar através da ação: mas não creio que isso resolva nossos muitos problemas. Nossos problemas são muito mais profundos e temos necessidade de uma resposta profunda que, acho, encontraremos se examinarmos criteriosamente a questão de se a cultura que temos no presente — cultura envolvendo religião e toda a estrutura moral e social — ajuda o homem a descobrir a realidade. Se a resposta for negativa, então a mera reforma de tal cultura ou civilização não passará de uma perda de tempo; mas se ajudar o homem, no verdadeiro senso, então todos nós devemos empenhar nossos corações nessa reforma. Disso, penso eu, depende a solução do problema.

Por cultura queremos significar todo o problema do pensamento, não é? Para a maioria de nós, pensamento é o resultado de várias formas de condicionamento, de educação, de conformidade, de pressões e influências, às quais estamos sujeitos dentro do arcabouço de uma determinada civilização. Presentemente nosso pensamento é moldado pela sociedade e, a menos que ocorra uma revolução em nossa forma de pensar, a mera reforma de uma cultura ou sociedade superficial a mim parece uma loucura, um fator que apenas desencadeará maior miséria.

Afinal de contas, o que denominamos civilização constitui um processo de educar o pensamento dentro dos moldes hindus, cristãos ou comunistas, e assim por diante. Poderá uma forma de pensar tão educada criar uma revolução fundamental? Acaso qualquer tipo de pressão, de padronização de pensamento trará como conseqüência a descoberta ou a compreensão do que é a verdade? Claro, o pensamento precisa livrar-se de toda pressão, o que significa, realmente, livrar-se da sociedade, de todas as formas de influência e, assim, descobrir o que é verdade; então, esta mesma verdade tem poder para desenvolver uma ação sua e muito própria que dará origem a uma cultura totalmente diferente.

Isto é, a sociedade existe para descobrir a realidade ou precisamos nos livrar da sociedade para descobrir a realidade? Se a sociedade ajuda o homem a descobrir a realidade, então dado tipo de reforma dentro da sociedade é essencial; mas, se constitui um empecilho a essa descoberta, não deve o indivíduo cortar relações com a sociedade e buscar a verdade? Só a pessoa que é verdadeiramente religiosa o consegue, não o homem que celebra vários rituais ou aquele que vê a vida através de padrões teológicos. Quando o indivíduo se liberta da sociedade e busca a realidade, ele não suscita nessa mesma busca uma diferente cultura?

Acho que essa questão é muito importante porque a maioria de nós está meramente interessada em reformas. Constatamos a pobreza, a superpopulação, todas as formas de desintegração, de divisão e conflito e, vendo tudo isso, que podemos fazer? Começar por participar de um grupo particular, ou trabalhar por uma ideologia? É essa a função do homem religioso? O homem religioso, sem dúvida, é aquele que busca a realidade e não aquele que lê e cita o Gita, ou que vai todo dia ao templo. Isso, obviamente, não é religiosidade — é meramente compulsão, condicionamento do pensamento pela sociedade. Então, o que o homem justo, o homem que reconhece a necessidade e quer provocar uma imediata revolução deve fazer? Trabalhar em prol dessa reforma dentro da estrutura da sociedade? A sociedade é uma prisão e deverá ele apenas reformar a prisão, decorando suas grades e se esforçando para que as coisas sejam feitas de um modo mais bonito dentro de suas muralhas? Sem dúvida, o homem que é verdadeiramente justo, que é realmente religioso é o único revolucionário; não existe outro e esse homem é aquele que está buscando a realidade, que está tentando descobrir o que é Deus, ou a verdade.

Agora, qual deve ser a atitude desse homem? O que ele deve fazer? Deve atuar em meio à atual sociedade ou romper com ela, não se preocupar em absoluto com a sociedade? Rompimento não significa tornar-se um sannyasi, um eremita, isolando-se graças a peculiares sugestões hipnóticas. E, no entanto, ele não pode ser um reformista, porque constitui um desperdício de energia, de pensamento, de criatividade, o homem justo entregar-se a meras reformas. En-

tão que deve o homem justo fazer? Se ele não tenciona decorar as paredes da prisão, remover algumas grades, deixar entrar um pouco mais de luz, se não está absolutamente interessado nisso, mas se também vê a importância de suscitar uma revolução de base, uma mudança radical no relacionamento de homem para homem — relacionamento que deu origem a esta apavorante sociedade em que existem pessoas imensamente ricas e aquelas que não possuem absolutamente nada, tanto interna como externamente — então, o que ele deve fazer? Acho importante fazer esta pergunta a nós mesmos.

Afinal de contas, a cultura se concretiza através da ação da verdade ou a cultura é obra do homem? Se é obra do homem, obviamente não o conduzirá à verdade. E nossa cultura é obra do homem porque se baseia em várias formas de aquisição. Não somente no que se refere a coisas mundanas, mas também às assim ditas espirituais; resulta do desejo de posição sobre todos os aspectos, de auto-engrandecimento e assim por diante. Tal cultura não pode, é claro, conduzir o homem à realização do supremo; e se compreendo isso, que posso, então fazer? O que você faria se compreendesse que a sociedade é uma barreira? Sociedade não significa apenas uma ou duas atividades, mas toda a estrutura do relacionamento humano, na qual toda a criatividade cessou, na qual existe constante imitação; consiste num arcabouço de medo em que a educação é mera conformidade e onde não existe nem um pouquinho de amor, mas simplesmente ação nos moldes de um padrão descrito como amor. Nessa sociedade os principais fatores são reconhecimento e respeitabilidade: é pelo que todos nós lutamos — para sermos reconhecidos. Nossa capacidade, nosso saber precisam ser reconhecidos pela sociedade para que sejamos alguém. Quando ele compreende tudo isso e vê a pobreza, a tremenda fome, a fragmentação da mente em diversas formas de crenças, o que o homem justo deve fazer?

Se realmente ouvimos o que se diz, ouvimos no sentido de querer descobrir a verdade, de forma que inexista o conflito de sua opinião contra a minha opinião ou de seu temperamento contra o meu, se podemos pôr tudo isso de lado e tentarmos descobrir o que é a verdade — o que requer amor — penso que nesse verdadeiro amor, nesse sentimento de bondade, encontramos a verdade que criará uma nova

cultura. Então estaremos livres da sociedade, não mais preocupados com a reforma da sociedade. Mas a descoberta da verdade demanda amor e nossos corações estão vazios, pois estão repletos das coisas da sociedade. Estando repletos, tentamos reformá-la e nossa reforma não traz em si o perfume do amor.

Então, o homem que é justo, o que deve fazer? Deve buscar a verdade, Deus, ou outro nome que tenha, ou consagrar sua mente e seu coração ao aperfeiçoamento da sociedade, que é realmente o aperfeiçoamento de si próprio? Você compreende? Deve ele perseguir em profundidade a verdade ou melhorar as condições da sociedade, o que equivale a seu próprio melhoramento? Deve ele aprimorar-se em nome da sociedade ou buscar a verdade, na qual não existe absolutamente nenhum aprimoramento? Aprimoramento implica tempo, tempo para transformar-se, enquanto que a verdade não tem nada a ver com o tempo, ela é percebida instantaneamente.

De forma que o problema é extraordinariamente significativo, não? Podemos falar sobre a reforma da sociedade, mas trata-se ainda da reforma de si mesmo. Mas para o homem que está buscando o real, a verdade, não existe reforma do *self*, pelo contrário, existe a total cessação do *self*, que *é* a sociedade. Ele, portanto, não está preocupado com a reforma da sociedade.

Toda a estrutura da sociedade baseia-se em um processo de reconhecimento e de respeitabilidade; e, sem dúvida, senhores, um homem justo não pode buscar a reforma da sociedade, que equivale ao aperfeiçoamento de si mesmo. Ao reformar a sociedade, ao identificar-se com algo bom, ele pode pensar que está se sacrificando, mas trata-se ainda de auto-aperfeiçoamento. Portanto, para o homem que está buscando o supremo, o mais elevado, não existe auto-aperfeiçoamento; nesse sentido não existe aperfeiçoamento do "eu", não existe transformação, não existe a prática nem a idéia do "eu serei". Isso significa realmente a cessação de toda pressão sobre o pensamento e onde não existe pressão sobre pensamento, há pensamento? A própria pressão sobre o pensamento constitui o processo de pensar, de pensar em termos de uma determinada sociedade ou em termos de reação a essa sociedade; e se inexiste pressão, existe pensamento? Apenas a mente não sujeita a essa ação do pensamento — que cons-

titui a pressão da sociedade — apenas essa mente pode encontrar a realidade e buscando aquilo que é supremo, tal mente cria uma nova cultura. Isso é que é necessário: suscitar um tipo totalmente diferente de cultura, não reformar a sociedade atual. E tal cultura não pode emergir a menos que o homem justo persiga completamente, com total energia, com amor, aquilo que é real. O real não é encontrado em nenhum livro, nem através de nenhum líder; ele se concretiza quando o pensamento se aquieta e essa quietude não pode ser adquirida por meio de qualquer disciplina. A quietude chega quando existe amor.

Ao ponderar sobre algumas dessas questões, acho importante que experimentemos diretamente o que está sendo dito e você não poderá fazê-lo se preocupado com uma resposta a essa questão. Se vamos encarar o problema juntos, não podemos ter opinião a respeito — minha teoria contra sua teoria — porque teorias e especulações constituem uma barreira ao entendimento do problema. Mas se você e eu podemos, tranqüilamente, hesitantemente, penetrar profundamente no problema, então, talvez, sejamos capazes de entendê-lo. Na verdade, não existe problema. É a mente que cria o problema. Ao entender o problema estamos entendendo a nós mesmos, as operações de nossa própria mente. Afinal de contas, o problema só existe quando um ponto controverso, uma perturbação deita raízes no solo da mente. E a mente não é capaz de enfrentar tal questão, de estar alerta contra qualquer perturbação e não permitir que tal perturbação enraíze na mente? A mente é como um filme sensível; percebe, sente várias formas de reação. Mas não é possível perceber, sentir, reagir com amor, de forma que a mente não se converta no solo em que tal reação se infiltre e se transforme em um problema?

Interlocutor: O senhor disse que a atenção total é um bem; então, o que é o mal?

Krishnamurti: Fico pensando se existe isso que chamamos de mal. Por favor, prestem atenção, me acompanhem, vamos raciocinar juntos. Dizemos que existe o bem e o mal. Existe inveja e amor, e dizemos que inveja é mal e amor é bem. Por que dividimos a vida, chamando isto de "bom" e aquilo de "mau", criando desta forma o

conflito dos opostos? Não que não haja inveja, ódio, brutalidade na mente e no coração dos homens, ausência de compaixão, amor; mas por que dividimos a vida entre aquilo que chamamos de "bem" e aquilo que chamamos de "mal"? Não existe, na verdade, apenas uma coisa, isto é, uma mente desatenta? Claro, quando existe plena atenção, quer dizer, quando a mente está plenamente consciente, alerta, viva, não existe isso que chamamos de bem ou de mal; existe apenas um estado de alerta.

A bondade, pois, não é uma qualidade, não é uma virtude; é um estado de amor. Onde existe amor não existe bom ou mau, existe somente amor. Quando você ama realmente uma pessoa você não pensa em boa ou má — todo o seu ser está repleto desse amor. Apenas quando cessa a completa atenção, o amor, é que surge o conflito entre o que eu sou e o que eu deveria ser. Então o que eu sou é "mal" e o que eu deveria ser é "bem".

Mas acaso é possível não pensar em termos de fragmentação, não dividir a vida em bem e mal, não se deixar enlear nesse conflito? O conflito entre bem e mal equivale à luta para ser alguém. A partir do momento que a mente deseja tornar-se algo, precisa haver esforço, conflito entre opostos. Isso não é uma teoria. Observe sua própria mente e verá que, a partir do momento que ela deixa de pensar em termos de tornar-se algo, cessa a ação — o que não é estagnação: é um estado de total atenção, que é um bem. Essa total atenção, porém, não tem lugar enquanto a mente estiver enleada no esforço de tornar-se algo.

Por favor, prestem atenção, não somente às minhas palavras, mas às operações de suas próprias mentes e isso lhes revelará com que extraordinária persistência o pensamento está lutando para tornar-se algo, lutando incessantemente para ser o que não é — aquilo que chamamos de insatisfação. É esta luta para tornar-se algo que é "mal" porque se trata de atenção parcial, não de atenção total. Quando a atenção total impera, inexiste o pensamento do vir-a-ser, existe somente o estado de ser. Mas a partir do momento que você pergunta "Como posso chegar a esse estado de ser, como posso estar totalmente consciente?" você já entrou no caminho do "mal" porque você deseja realizar-se. Ao passo que, se reconhecemos, simplesmente, que en-

quanto houver vir-a-ser, luta, esforço para ser algo, estamos no caminho do "mal"; se temos a capacidade de perceber essa verdade, de ver a coisa como ela é, descobrimos então que esse constitui o estado de total atenção; e esse estado é bem, nele inexiste discórdia.

I.: As grandes culturas sempre se basearam num padrão, mas o senhor fala de uma nova cultura livre de padrões. É possível existir uma cultura absolutamente isenta de padrões?

K.: A mente não precisa estar livre de padrões para encontrar a realidade? E ao estar livre para encontrar o real não criará ela seu próprio padrão, o qual a sociedade atual poderá não reconhecer? Pode a mente que se encontra enleada em um padrão, que pensa de acordo com um padrão, que está condicionada pela sociedade, encontrar o incomensurável que não tem padrão? Esta língua que estamos falando, o inglês, constitui um padrão desenvolvido através de séculos. Se existe uma criatividade que esteja livre de padrões, essa criatividade, essa liberdade pode empregar a técnica da linguagem; mas através da técnica, do padrão da linguagem, a realidade não poderá jamais ser encontrada. Por meio da prática, de um tipo determinado de meditação, de sabedoria, de qualquer forma de experiência, todas as quais se encontram dentro de um padrão, a mente nunca entenderá o que é a verdade. Para entender a verdade, a mente precisa livrar-se dos padrões. Uma mente assim é uma mente quieta e então esta mente que é criativa pode criar sua própria atividade. Mas vejam, a maioria de nós não está nunca livre de padrões. Nunca existe um momento que a mente esteja totalmente livre do medo, do conformismo, do seu hábito de vir-a-ser algo, ou neste mundo ou no mundo psicológico, espiritual. Quando o processo de vir-a-ser, em qualquer sentido, cessa completamente, então aquilo que é Deus, verdade, concretiza-se e cria um novo padrão, uma cultura toda sua.

I.: O problema da mente e o problema social da pobreza e da desigualdade precisam ser abordados simultaneamente. Por que o senhor acentua apenas um?

K.: Eu estou acentuando apenas um? E acaso existe uma coisa como o problema social da pobreza e da desigualdade, da deterioração e da miséria, apartado do problema da mente? Não existe apenas um problema que é a mente? Foi a mente que criou o problema social e, tendo criado o problema, ela tenta solucioná-lo sem alterar-se fundamentalmente. De forma que o nosso problema é a mente, a mente que deseja sentir-se e que, desse modo, cria a desigualdade social e procura comprar de várias maneiras porque sente segurança na propriedade, no relacionamento ou nas idéias, que são conhecimentos. É essa necessidade incessante de segurança que cria a desigualdade, que é um problema que não poderá jamais ser solucionado até que entendamos a mente que cria a diferença, a mente que não sente amor. As leis não vão resolver esse problema, nem ele pode ser solucionado pelos comunistas ou pelos socialistas. O problema da desigualdade só poderá ser solucionado quando houver amor e amor não é uma palavra para ser desperdiçada. O homem que ama não está preocupado com quem lhe seja superior ou inferior; para ele não existe nem igualdade nem desigualdade; somente um estado de ser que é amor. Nós, porém, não conhecemos esse estado, jamais o sentimos. Portanto, como pode a mente que está inteiramente voltada às suas próprias atividades e ocupações, que já criou tamanha miséria no mundo e que vai criar ainda mais danos e destruição — como pode essa mente suscitar dentro de si mesma uma total revolução? É esse, sem dúvida, o problema. E não podemos provocar tal revolução por intermédio de qualquer reforma social senão quando a própria mente compreender a necessidade de sua total redenção, onde então está a revolução.

Estamos sempre falando de pobreza, desigualdade e reforma, porque nossos corações estão vazios. Quando houver amor não teremos problemas, porém o amor não se concretiza através de um método qualquer. Ele somente se concretiza quando você deixa de ser, isto é, quando você não mais estiver preocupado consigo mesmo, com sua posição, seu prestígio, suas ambições e frustrações, quando você parar completamente de pensar em você, não no dia de amanhã, mas hoje. Essa ocupação consigo mesmo é idêntica à do homem que está no encalço do que ele chama de Deus ou à do homem que está em-

penhado em uma revolução social. E uma mente assim ocupada não pode jamais saber o que é o amor.

I.: Fale-nos de Deus.

K.: Em vez de eu lhes dizer o que é Deus, vamos ver se vocês podem conceber esse estado maravilhoso, não no amanhã ou num futuro distante, mas agora, neste momento que estamos aqui tranqüilamente reunidos. Claro que isso é muito mais importante. Mas, para descobrir Deus, todas as crenças devem ser abolidas. A mente que poderia descobrir o que é a verdade, não pode acreditar na verdade, não pode formular teorias ou hipóteses a respeito de Deus. Por favor, prestem atenção. Vocês formulam hipóteses, vocês têm crenças, vocês têm dogmas, estão cheios de conjecturas. Pelo fato de terem lido este ou aquele livro a respeito do que é verdade ou do que é Deus, suas mentes estão espantosamente inquietas. Uma mente cheia de conhecimentos é inquieta; é intranqüila, está apenas sobrecarregada e carga pura e simples não é sinal de uma mente tranqüila. Quando a mente está cheia de crenças, acreditando ou não se Deus existe, ela está sobrecarregada e uma mente sobrecarregada não pode jamais descobrir o que é verdade. Para descobrir a verdade, a mente precisa estar livre, livre de rituais, de crenças, de dogmas, de conhecimentos e de experiência. Somente então ela poderá compreender o que é verdade. Pelo fato de tal mente estar quieta, ela não mais realiza o movimento de entrar ou o movimento de sair, que é o movimento do desejo. Ela não possui desejos reprimidos, o que é energia. Pelo contrário, para que a mente esteja quieta é preciso haver uma grande quantidade de energia; mas não pode haver pleno desenvolvimento ou abundância de energia se existir qualquer forma de movimento para fora e, por conseguinte, de movimento para dentro. Quando tudo isso tiver serenado, a mente se aquietará.

Eu não estou tentando hipnotizá-los para que vocês fiquem quietos, para que vocês se calem. Vocês mesmos precisam reconhecer a importância de abandonar, de afastar sem esforço, sem resistência, todo o acúmulo de séculos, de superstições, de conhecimentos, de crenças; precisam reconhecer que qualquer forma de carga torna a

mente inquieta, dissipa energia. Para a mente estar quieta é preciso haver energia em abundância, e essa energia precisa estar tranqüila. E se vocês chegarem realmente a esse estado no qual não existe esforço, então constatarão que a energia, estando imóvel, possui seu próprio movimento, o qual não resulta das pressões ou compulsões sociais. Pelo fato de a mente possuir uma energia abundante, imóvel e silenciosa, a própria mente se transforma naquilo que é sublime. Não existe experimentador do sublime: não existe alguém que diga "eu experimentei a realidade". Enquanto houver um experimentador, a realidade não pode existir, porque o experimentador equivale ao movimento de angariar experiência e de acabar com a experiência. De forma que é preciso que o experimentador deixe totalmente de existir.

Atentem simplesmente a isto. Não façam nenhum esforço, apenas compreendam que o experimentador tem que chegar ao fim. É preciso que ocorra a cessação total de todo esse movimento e isso demanda, não a supressão da energia, mas uma energia espantosa. Quando a mente estiver completamente quieta, calada, isto é, quando a energia não estiver sendo nem dissipada nem distorcida por obra da disciplina, essa energia se transformará em amor e o real não estará apartado da própria energia.

*Bombaim, 24 de dezembro de 1958**

O indivíduo, embora a sociedade, a religião e os governos não reconheçam esse fato, tem a maior importância. Você é muito importante porque você é o único meio que existe de expandir a explosiva criatividade do real. Vocês representam o caldo de cultura em que esta realidade pode vir a concretizar-se. Devem, contudo, ter observado que todos os governos, todas as religiões e sociedades organizadas, embora não deixem de reiterar a importância do indivíduo, tentam fazer tábula rasa da alma individual, do sentimento individual porque a eles interessa o sentimento coletivo, a reação da massa. Porém a mente que está meramente organizada segundo um certo padrão de crenças, arcada ao peso dos costumes, da tradição, do conhecimento, não é uma mente individual. Uma mente individual só pode existir quando você deliberadamente, conscientemente, com todo o seu sentimento, põe de lado todas essas influências pelo fato de lhe ter entendido o significado, o valor superficial. Só então passa a existir a mente individual criativa.

É incrivelmente difícil separar o indivíduo da massa e no entanto, sem essa separação, não é possível existir realidade. De forma que o verdadeiro indivíduo não é aquele que tem um nome, certas respostas emotivas, certas reações habituais, algumas propriedades e assim por diante, mas sim aquele que se esforça por transpor todo esse emaranhado de idéias, de acúmulo de tradições, que põe tudo isso

---

* Extraído do registro textual da nona palestra proferida em público em Bombaim, 24 de dezembro de 1958, in *Collected Works of K. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

de lado e tenta descobrir a razão, o fulcro, o centro da miséria humana. Tal pessoa não se apóia em livros, em autoridades, em costumes muito conhecidos, pelo contrário, rejeita-os e começa a questionar — é esse o verdadeiro indivíduo. A maioria de nós repete, aceita, segue, imita, obedece — não é mesmo? — porque para nós obediência transformou-se em lei — obediência em casa, obediência ao texto, obediência ao guru, ao professor e assim por diante — e nessa obediência sentimos firmeza, segurança. Atualmente, porém, a vida não tem firmeza, não tem jamais segurança, é a coisa mais incerta. E, pelo fato de ser incerta, ela é também profundamente rica, incomensurável. Mas a mente, em sua busca, procura proteção e segurança e, por conseguinte, obedece, segue e imita; e esse tipo de mente não é, em absoluto, uma mente individual.

Nós, de um modo geral, não somos indivíduos embora tenhamos nossos próprios nomes, nosso próprio corpo, porque, por dentro, nosso estado mental está vinculado ao tempo, arcado ao peso dos costumes, da tradição e da autoridade — autoridade do governo, autoridade da sociedade, autoridade do lar. Essa mente não é uma mente individual; a mente individual está longe de tudo isso; está fora dos padrões da sociedade. A mente individual é uma mente revoltada e, por conseguinte, não busca segurança. Mente revolucionária não é o mesmo que mente revoltada. A mente revolucionária visa alterar as coisas de acordo com um certo padrão, e essa mente não é uma mente revoltada, não é uma mente que esteja insatisfeita consigo mesma.

Não sei se vocês já observaram que coisa extraordinária é a insatisfação. Vocês conhecem muitos jovens insatisfeitos. Eles não sabem o que fazer; sentem-se miseráveis, infelizes, revoltados, buscando isto, tentando aquilo, fazendo perguntas intermináveis. Mas quando crescem, arrumam um emprego, casam e esse é o fim de tudo. Sua insatisfação fundamental é canalizada e, depois, a infelicidade assume o comando. Quando jovens, seus pais, seus mestres, a sociedade, todos lhe dizem que não se sintam insatisfeitos, que descubram o que querem fazer e o façam — tudo, porém, dentro dos padrões. Esse tipo de mente não é revoltada e você precisa de uma mente realmente revoltada para encontrar a verdade — não de uma mente conformada. Revolta significa paixão.

De forma que é muito importante ser um indivíduo e só existe individualidade através do autoconhecimento: conhecer a si próprio, saber por que você imita, por que você se conforma, por que você obedece. Você obedece porque tem medo, não é verdade? Devido ao desejo de sentir segurança, para ter mais poder, mais dinheiro ou mais disto ou mais daquilo, você se conforma. Mas para descobrir o que você chama de Deus, para descobrir se existe ou não essa realidade, precisa existir o indivíduo, um indivíduo que esteja morto para o passado, que esteja morto para o conhecimento, morto para a experiência; precisa existir uma mente que seja inteiramente, totalmente nova, pura, inocente. Religião equivale à descoberta do que é real, o que significa que você deve descobrir e não seguir alguém que diga ter descoberto e deseje lhe falar a respeito. É preciso existir uma mente que acolha essa realidade, não uma mente que simplesmente aceite essa realidade oralmente e que se conforme com essa idéia de realidade na esperança de se sentir seguro.

Existe, pois, uma diferença entre saber e sentir, e acho muito importante entendê-la. Para nós são suficientes as explicações, isto é, "saber". Dizemos: "Eu sei que sou ambicioso, sei que sou invejoso, sei que odeio", mas saber não significa estar livre da coisa. Você pode saber que odeia, mas o verdadeiro sentimento de ódio e o libertar-se dele são coisas completamente diferentes da busca de sua explicação e de sua causa, não é mesmo? Isto é, saber que sou chato, estúpido e estar realmente consciente do sentimento da minha estupidez, da minha chatice, são duas coisas completamente diferentes. Sentir envolve uma grande dose de vitalidade, uma grande dose de força, de vigor, ao passo que saber representa apenas uma abordagem parcial da vida, não uma abordagem global. Você pode saber botanicamente como é constituída uma folha, mas senti-la, cheirá-la, vê-la realmente requer uma grande dose de penetração — de penetração para dentro de si mesmo. Não sei se alguma vez você teve uma folha entre as mãos e contemplou-a. Vocês são todos cidadãos urbanos, todos muito ocupados consigo mesmos, com seu progresso, com seu sucesso, suas ambições, invejas, com seus líderes, seus pastores, e com mais um monte de tolices. Isso é trágico porque, se vocês soubessem sentir profundamente, sentiriam muito amor, fariam alguma

coisa, agiriam com todo o seu ser; mas se vocês apenas sabem que existe pobreza, apenas trabalham intelectualmente para removê-la, como funcionário do governo federal, estadual ou municipal, sem recorrer ao sentimento, o que vocês fazem tem muito pouca importância.

Vocês sabem, a paixão é fundamental à compreensão da verdade — estou empregando a palavra *paixão* em sua ampla acepção — porque é essencial sentir fortemente, sentir profundamente, com a totalidade do seu ser; de outro modo, essa estranha coisa chamada realidade jamais virá a seu encontro. Mas suas religiões, seus santos afirmam que vocês não devem ter desejos, que devem controlar, reprimir, superar, destruir, o que equivale a irem ao encontro da verdade arrasados, desgastados, escravizados, mortos. Vocês precisam sentir paixão para enfrentar essa estranha coisa chamada vida e vocês não podem sentir paixão — que é sentimento intenso — se estão hipnotizados pela sociedade, pelos costumes, enroscados em crenças, dogmas, rituais. Portanto, para entender essa luz, essa verdade, essa realidade incomensurável, precisamos, antes de tudo, entender aquilo que chamamos religião e livrar-nos dela — não com palavras, não com o intelecto, não com explicações, mas livrar-nos realmente; porque liberdade — não sua liberdade intelectual, mas o verdadeiro estado de liberdade — confere vitalidade. Depois de vocês terem caminhado através de toda essa bobagem, depois de terem posto de lado todas essas coisas confusas, tradicionais, imitativas, a mente se sentirá livre, a mente estará alerta, a mente sentirá paixão. E só essa mente é capaz de ir avante.

Então, que nos seja permitido, como indivíduos, porque se trata de mim e de vocês, não da massa — essa coisa de massa não existe senão como concepção política —, que nos seja permitido descobrir o que queremos significar com religião. O que ela representa para a maioria de nós? Não é a crença em algo, em uma divindade suprahumana que nos controla, nos molda, nos dá esperança e nos dirige? Erguemos a essa entidade nossas preces, oferecemos nossos rituais; em seu nome sacrificamos, propiciamos, oramos e imploramos e "O" consideramos como nosso "Pai", para nos ajudar em nossas dificuldades. Para nós, religião, não são os dizeres dos templos, a cruz das igrejas, nem as imagens esculpidas nos templos pela mão do homem

— mas também a imagem talhada pela mente, a idéia. De forma que, para nós, religião é obviamente um meio de escapar às nossas mágoas cotidianas, à nossa confusão diária. Não entendemos as desigualdades, as injustiças, a morte, os sofrimentos constantes, as lutas, o desespero, a desesperança e nos voltamos aos deuses, aos rituais, às missas e orações, procurando assim encontrar algum lenitivo, algum consolo. E, nesse processo, os santos, os filósofos, os livros nos oprimem com suas interpretações, seus costumes e tradições particulares. É nosso modo de viver, não é? Se vocês fizerem um exame de consciência, não concordarão que estas são as linhas mestras da religião? É uma coisa construída pela mente para o conforto da mente, não algo que proporcione riqueza interior, plenitude de vida e paixão por viver. Sabemos disso — e aqui, novamente, surge a diferença entre saber e sentir. Saber da falsidade das religiões instituídas é uma coisa, mas percebê-lo, abandonar tudo, pôr tudo de lado, requer uma grande dose de profundo e verdadeiro sentimento. Então, a questão — para a qual não há uma resposta fácil — reside em como largar a coisa, morrer para ela, morrer para todas as explicações, para todos esses falsos deuses, porque todos os deuses construídos pela mente e pelas mãos são falsos. Nenhuma explicação pode fazer com que você ponha termo a isso.

O que fará, portanto, com que você ponha termo a tudo isso, o que o fará dizer "agora eu largo tudo isso"? Nós, de um modo geral, abrimos mão de uma coisa para alcançar outra que julgamos melhor e, a isso, damos o nome de renúncia. Mas isso, sem dúvida, não é renúncia. Renunciar significa desistir de saber o que o futuro nos reserva, desistir de saber qual será o amanhã. Se eu abro mão de alguma coisa, sabendo o que o futuro me reserva, faço simplesmente uma troca, uma operação de mercado — o que não tem valor. Quando chega o momento da morte física, você não sabe o que o espera — é um ato final. Igualmente, abrir mão de, pôr totalmente de lado, morrer seriamente para tudo o que chamamos de religião, sem saber o que vai acontecer — você já tentou isso? Não sei se representa um problema para você, mas deve, indubitavelmente, constituir problema para alguém que esteja alerta, que esteja absolutamente consciente do porquê de existir tanta injustiça no mundo. Por que alguns

andam de carro, enquanto outros andam a pé? Por que existe fome, pobreza e também imensas fortunas? Por que há homens de posição, de autoridade, de poder, mantendo esse poder à custa de crueldade? Por que morre uma criança? Por que está disseminada essa miséria intolerável? O homem que faz essas perguntas precisa estar, realmente, muito aflito, não encontrando nenhuma estúpida explicação para isso — uma causa econômica, política ou social. É óbvio que o homem inteligente precisa apegar-se a algo muito mais sério que meras causas explicativas. E é aí que reside nosso problema.

O primeiro e mais importante aspecto está em não se satisfazer com explicações, não se contentar com a palavra *karma*, não se satisfazer com filosofias astutas, mas em compreender, em sentir plenamente que existe esse enorme problema que nenhuma simples explicação pode extinguir. Se você tiver capacidade para sentir isso, verá que, em sua mente, ocorrerá uma revolução. De um modo geral, se não podemos encontrar uma solução para o mistério, tornamo-nos amargos, cínicos ou elocubramos uma teoria filosófica baseada em nossa própria frustração. Eu, porém, estou diante do fato de existir sofrimento, morte, deterioração e se a mente estiver aliviada de todas as explicações, de todas as soluções, de todas as respostas, confrontar-se-á, diretamente com a coisa em si, mas, curiosamente, nossa mente jamais permitirá que essa percepção direta tenha lugar.

Existe, então, uma diferença entre entender e saber, amar e sentir. Amar e sentir não significam devoção; você não pode chegar à realidade através da devoção. Mergulhar total e absolutamente em uma idéia recebe, via de regra, o nome de devoção mas exclue a realidade porque, quando você se dedica inteiramente a uma coisa, você está, simplesmente, se identificando com essa coisa. Amar seus deuses, repetir certas palavras, adornar seu guru com guirlandas, entrar em transe em sua presença, derramar lágrimas — você pode fazer tudo isso pelos próximos mil anos, mas jamais descobrirá a realidade. Perceber, sentir, amar uma nuvem, uma árvore, um ser humano, demanda uma enorme atenção e como você pode se dedicar a isso se sua mente está distraída com a aquisição de conhecimentos? O conhecimento é útil tecnologicamente — e nada mais. Se um médico não sabe operar, é melhor ficar longe dele. O conhecimento é necessário até um

dado nível, em uma certa direção, mas não é a resposta definitiva para nossa miséria. A solução definitiva para nossa miséria está nesse sentimento, nessa paixão que nasce da ausência de si mesmo, quando você esquece de tudo que você é. Esse tipo de paixão é imprescindível para sentir, entender, amar.

A realidade não é intelectual; mas desde a infância, através da educação, através de todas as assim chamadas formas de aprendizado, desenvolvemos uma mente arguta, competitiva, sobrecarregada de informações — como acontece com advogados, políticos, técnicos, especialistas. Nossas mentes foram trabalhadas, buriladas, o que se transformou no objetivo mais importante a alcançar e, com isso, todo o nosso sentimento feneceu. Você não tem pena do homem pobre em sua amargura, não se sente jamais feliz ao ver um ricaço guiando seu belo carro; não fica encantado ao ver um lindo rosto; não sente emoção diante do arco-íris, ou do esplendor de um gramado verdinho. Estamos tão absorvidos em nosso trabalho, em nossas misérias, que não temos um momento de lazer para sentir o que é amar, para ser bom, generoso. E, no entanto, desprovidos de tudo isso, queremos saber o que é Deus!... Que coisa incrivelmente estúpida e infantil! De forma que se torna muito mais importante para o indivíduo viver — não reviver; você não pode reviver sentimentos mortos, a glória que passou. Mas não podemos acaso viver intensamente, plenamente, prodigamente mesmo que só por um dia? Pois tal dia abrangeria um milênio. Não se trata de fantasia poética. Você compreenderá isso quando tiver vivido um dia pleno, no qual não existe tempo, nem futuro, nem passado — você conhecerá então a plenitude conferida por esse estado extraordinário. Esse modo de viver não tem nada a ver com o conhecimento.

*Bombaim, 8 de março de 1961**

Eu não posso enxergar nada, não posso ver, com clareza, com precisão, quando eu me chamo de hindu, de cristão, de budista — que representam toda a tradição, o peso do conhecimento, a carga do condicionamento. Com tal maneira de pensar só posso olhar para a vida, para qualquer coisa, como cristão, budista ou hindu, como nacionalista, como comunista, como uma coisa ou outra e tal estado me impede de ver. É muito simples.

Quando a mente se observa a si mesma como uma entidade condicionada, esse é um estado. Mas, quando a mente afirma "eu estou condicionada", esse é outro estado. Quando a mente afirma "eu estou condicionada", nesse estado mental existe o "eu" que funciona como observador do estado de condicionamento. Quando digo "eu vejo a flor", existe o observador e a coisa observada. O observador difere da coisa observada. Existe, portanto, uma distância, um espaço de tempo, existe uma dualidade, existem os opostos e depois a vitória sobre os opostos, a cimentação da dualidade. Esse é um estado. Existe, depois, o outro estado — em que a mente se observa como condicionada — em que não existe observador e coisa observada. Vocês percebem a diferença?

Pode a sua mente — não como observadora — estar consciente de ser condicionada, vendo-se a si própria como condicionada, experimentando agora, não amanhã, não no próximo minuto, o estado em

---

* Extraído do registro textual da oitava palestra proferida em público em Bombaim, 8 de março de 1961, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

que não existe observador, semelhante ao que você experimenta quando se zanga? Isso exige uma tremenda atenção. Não concentração. Quando você se concentra existe dualidade. Quando você se concentra num objeto, a mente está concentrada, observando o objeto sobre o qual se fixa a concentração — existe, pois, uma dualidade. Na atenção tal dualidade não existe porque nesse estado só existe o estado de experimentação.

Quando você diz "preciso me libertar de todos os condicionamentos, preciso experimentar", existe ainda o "eu" que é o centro a partir do qual você está observando. No caso, não existe possibilidade de escape porque existe sempre o centro, a conclusão, a memória, uma coisa que está observando, dizendo "preciso, não preciso". Quando você está olhando, quando você está experimentando, existe o estado de não-observador, um estado em que não existe um centro a partir do qual você olha. No momento de verdadeira dor não existe o "eu". No momento de uma enorme alegria não existe observador; impera nos céus a plenitude, da qual você é parte integrante; tudo é bem-aventurança. Esse estado mental tem lugar quando a mente compreende a falsidade do estado mental que tenta se transformar, conquistar, e que fala como se não existisse tempo. Existe estado intemporal somente quando inexiste observador.

Interlocutor: A mente que tenha observado suas próprias condições pode transcender pensamento e dualidade?

Krishnamurti: Vê como você se recusa a observar algo muito simples? Meu caro, quando você se zanga, existe idéia nesse estado, existe pensamento, existe observador? Quando você está apaixonado, existe outro fato além desse? Quando você se consome de tanto ódio, existe observador, idéia e tudo mais? Pode ocorrer logo depois, menos de um segundo depois, mas nesse estado nada disso existe.

I.: Existe o objeto para o qual se direciona o amor? Existe dualidade no amor?

K.: O amor não se direciona a coisa alguma. O sol não dirige seus raios diretamente a mim ou a você — ele está lá.

No observador e no observado, na idéia e na ação, "no que é" e "no que deveria ser" — é nisto que há dualidade, os opostos da dualidade, a urgência de correlacionar duas situações — o conflito entre elas se desenrola nesse campo que é todo o campo do tempo. Com essa mente você não pode abordar ou descobrir se há ou não tempo. Como é possível eliminar tudo isso? Não com um "como", não com um sistema, não com um método, porque, a partir do momento que você adota um método, você está novamente no campo do tempo. Então a questão é: é possível escapar a tudo isso? Você não pode fazê-lo gradualmente, porque isso, repetimos, envolve o tempo. É possível à mente banir o condicionamento, não através do tempo, mas através da percepção direta? Isso significa que a mente tem que ver o falso e ver o verdadeiro. Quando a mente diz "preciso descobrir o que é perene", tal questão para uma mente envolvida com o tempo não tem resposta. Mas pode a mente que é produto do tempo anular-se — não por meio de esforço, não por meio de disciplina? Pode a mente banir essa coisa, sem um motivo? Se houver motivo, você entra novamente no tempo.

De forma que você começa a indagar o que é amor, de uma forma negativa, como expliquei antes. Obviamente o amor que tem um motivo não é amor. Quando dou uma guirlanda a um homem importante, porque espero algo dele, porque quero um emprego, isso é respeito ou é, na verdade, desrespeito? O homem que não desrespeita é naturalmente respeitoso. É a mente que está em estado de negação — de uma negação que não é o oposto do positivo, mas negação por ver o que é falso e afastar o falso como uma coisa falsa — que pode perguntar.

Quando a mente compreende totalmente o fato de que através do tempo, queira ou não, ele jamais encontrará o outro, então o outro passa a existir. É algo muito mais extenso, ilimitado, incomensurável; é energia que não tem princípio nem fim. Você não pode chegar a isso, nenhuma mente pode chegar a isso, tem apenas que "ser". Só temos de nos preocupar com a "faxina" — se é possível deixar tudo bem limpo — de uma só vez. Isso é inocência. E só uma mente inocente pode ver isso, essa coisa extraordinária que é como um rio. Você sabe o que é um rio? Já observou, de uma canoa, as águas irem e virem, já atravessou um rio a nado? Como é bonito! Ele pode

ter um começo e pode ter um fim. O começo não é o rio e o fim também não é. O rio é o que está no meio; ele corta aldeias, tudo deságua nele; ele cruza cidades, todo poluído por produtos químicos perniciosos; esgoto e detritos são atirados nele e, algumas milhas adiante, ele já se purificou — torna a ser o rio no qual tudo vive — o peixe sob a superfície e à superfície o homem que bebe dessa água. Esse é o rio, mas por detrás disso, existe uma tremenda pressão de água e esse processo autopurificador é que é o rio.

A mente inocente é como essa energia. Não tem princípio nem fim. É Deus. Não o Deus dos templos. Não tendo princípio nem fim, não existe, portanto, tempo e eternidade. E a mente não pode chegar a isso. A mente que está envolvida no tempo precisa anular-se e participar de tudo isso sem saber, porque você não pode saber, você não pode experimentar o que é incolor, informe e não ocupa espaço. Isso é para o orador, não para você, pelo simples fato de que você não abandonou o outro. Não diga que esse estado existe — é um falso estado quando essa declaração é feita por uma pessoa que está sendo influenciada. Tudo o que você pode fazer é cair fora e então saberá. Na verdade, nem saberá — você será parte desse estado extraordinário.

*Londres, 23 de outubro de 1949**

A experiência não é uma medida, não é a forma de chegar à realidade porque, afinal de contas, nós experimentamos de acordo com a nossa crença, de acordo com o nosso condicionamento, e essa crença constitui, obviamente, uma fuga de nós mesmos. Para conhecer a mim mesmo, não posso ter crença alguma; só preciso me observar com isenção e clareza — observar-me nos relacionamentos, observar-me nas minhas fugas, observar-me nos meus apegos. Temos que nos observar sem qualquer preconceito, sem chegar a qualquer conclusão, sem qualquer determinação. Nesse estado de percepção passiva, descobrimos essa extraordinária sensação de estar só. Tenho certeza que muitos de vocês sentiram isso — uma sensação de completo vazio que nada pode preencher. É somente vivendo nesse estado em que todos os valores deixaram de existir, quando somos capazes de estar sozinhos e de encarar esse estar só sem nenhum desejo de fuga, só então essa realidade se concretiza. Porque os valores são meros resultados de nosso condicionamento; como a experiência, eles se baseiam em crença e constituem um obstáculo à compreensão da realidade.

Essa, porém, é uma árdua tarefa que poucos de nós têm vontade de enfrentar. De forma que nos apegamos a experiências, místicas, supersticiosas, às experiências dos relacionamentos, do assim chamado amor e à experiência da posse. Isso vem a se tornar muito significativo, porque é disso que somos feitos. Somos feitos de crenças, de condicionamentos, de influências ambientais. Esses são nossos

---

* Extraído do registro textual da quarta palestra proferida em público em Londres, 23 de outubro de 1949, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

antecedentes, e a partir desses antecedentes, julgamos, avaliamos. E quando analisamos, compreendemos, todo o processo desses antecedentes, chegamos a um ponto em que nos encontramos absolutamente sós. Precisamos estar sós para encontrar a realidade — o que não significa fugir, retirar-se da vida. Pelo contrário, chega-se à completa intensificação da vida, porque, então, existe a libertação dos antecedentes, da memória das experiências de fuga. Nesse estar só, nesse absoluto estar só, não existe escolha, não existe medo do que é. O medo só surge quando queremos reconhecer ou ver aquilo que é.

Portanto, é essencial, para que a realidade se concretize, deixar de lado as inúmeras formas de fuga que criamos e em cujas malhas caímos. Se você observar, verá como usamos as pessoas — como usamos nossos maridos, nossas esposas, ou grupos ou nacionalidades — para escapar de nós mesmos. Procuramos consolo nos relacionamentos. Essa busca de conforto nos relacionamentos motiva certas experiências e a essas experiências nos apegamos. Para escapar de nós mesmos, o conhecimento torna-se também muito importante; mas o conhecimento obviamente não é o caminho para se chegar à realidade. A mente precisa estar completamente vazia e silente para que a realidade se concretize. Mas a mente que está chocalhando de sabedoria, afeita a idéias e crenças, sempre tagarelando, é incapaz de aceitar as coisas como são.

Se nós, de igual modo, buscamos consolo nos relacionamentos, então os relacionamentos representam uma fuga de nós mesmos. Nos relacionamentos procuramos consolo, queremos algo em que nos encostar, queremos apoio, queremos ser amados, queremos ter um dono — tudo que indica a pobreza do nosso próprio ser. Nosso desejo de propriedades, de fama, de títulos, de bens, denota essa deficiência interior.

Quando compreendemos que esse não é o caminho para chegar à realidade, chegamos àquele estado em que a mente não busca mais consolo, em que a mente está plenamente satisfeita com as coisas como são — o que não significa estagnação. Na fuga das coisas como são, existe morte; no reconhecimento e na percepção das coisas como são, existe vida. De forma que a experiência baseada no condicionamento, a experiência derivada de uma crença — que é resultado

da fuga de nós mesmos — e a experiência dos relacionamentos transformam-se num bloqueio; elas dissimulam nossas deficiências. É somente quando reconhecemos que essas coisas constituem um obstáculo e reconhecemos, portanto, seu verdadeiro valor, que surge a possibilidade de permanecermos quietos, calados, nesse vazio, nesse estar só. E quando a mente está muito quieta, nem aceitando nem rejeitando, passivamente ciente das coisas como são, existe a possibilidade dessa realidade incomensurável concretizar-se.

Interlocutor: Existe ou não um plano divino? Qual o sentido de nossa luta se ele não existe?

Krishnamurti: Por que lutamos? E estamos lutando em busca de quê? O que aconteceria se não lutássemos? Estagnaríamos e decairíamos? Qual a razão desta luta constante para sermos algo? O que essa luta, esse esforço, indica? Acaso o entendimento chega através do esforço, da luta? Estamos lutando constantemente para nos tornarmos melhores, para mudarmos, para nos enquadrarmos dentro de um determinado padrão, para ser alguém — do empregado ao gerente, do gerente ao teólogo. Essa luta leva ao entendimento?

Acho que a questão do esforço deve ser realmente entendida. Quem está se esforçando e o que queremos significar pelo "desejo de ser"? Não nos esforçamos para chegar a um resultado, para nos tornarmos melhores, para nos tornarmos mais virtuosos, ou menos de alguma outra coisa? Existe, dentro de nós, essa luta constante entre desejos positivos e negativos, um querendo suplantar o outro, um desejando controlar o outro, o que chamamos de *self* superior e de *self* inferior. Mas, obviamente, trata-se de desejo. Você pode colocá-lo em qualquer nível e dar-lhe um nome diferente, mas é sempre desejo, uma ânsia de ser alguém. Existe também a eterna luta, dentro de nós e com os outros, com a sociedade.

Agora, acaso esse conflito de desejos traz entendimento? Acaso o conflito de opostos, o querer, o não querer, esclarece? Existe compreensão na luta para nos aproximarmos de uma idéia? Então o problema não é a luta, o combate, ou o que aconteceria se não lutássemos, se não fizéssemos um esforço, se não nos empenhássemos para

ser alguém, tanto psicológica como socialmente. O problema está em: Como o entendimento se concretiza? Porque, uma vez havendo entendimento, deixa de existir a luta. Você está livre daquilo que você entende.

Como o entendimento se concretiza? Não sei se vocês já perceberam que quanto mais vocês lutam para entender, menos vocês entendem qualquer problema. Mas, do momento que vocês deixam de lutar e permitem ao problema contar toda a história, expôr todo seu significado, então há entendimento, o que significa obviamente que, para entender, a mente precisa estar quieta. A mente precisa estar inelutavelmente, passivamente, consciente; e nesse estado surge o entendimento dos muitos problemas de nossa vida.

O interlocutor deseja saber se existe ou não um plano divino. Não sei o que você quer dizer com "plano divino", mas nós sabemos — não sabemos? — que estamos mergulhados em tristeza, em confusão, que essa confusão e essa tristeza estão sempre num crescendo, social, psicológica, individual e coletivamente. É o que fizemos deste mundo. Se existe ou não um plano divino não tem a menor importância. Porém, o importante é compreender a confusão em que vivemos, tanto interna como externamente. Para entender essa confusão temos que começar, obviamente, por nós mesmos, porque nós somos confusão. Nós é que criamos esta confusão no mundo exterior. E para esclarecer essa confusão precisamos começar conosco, porque o que somos, o mundo é.

Agora você dirá "bem, desse jeito, vai levar muito tempo para pôr ordem no mundo". Não tenho tanta certeza de que você tenha razão, porque apenas uma ou duas pessoas esclarecidas, que compreendam, podem causar uma revolução, uma mudança. Mas somos preguiçosos, sabem?, e aí está a dificuldade. Queremos que os outros mudem, queremos que as circunstâncias mudem, queremos que os governos ordenem nossas vidas ou que algum milagre ocorra para transformar-nos. E, assim, insistimos na confusão.

De forma que o que realmente importa é não inquirir se existe ou não um plano divino, porque debruçado sobre esse tema você perderá horas de especulação, provando que ele existe ou não. Isso se transforma num jogo para os propagandistas. O importante real-

mente é libertar-nos da confusão e isso não leva muito tempo. O essencial é ver que estamos confusos, que toda atividade, que toda ação que nasce da confusão, tem de ser necessariamente confusa. Assemelha-se a uma pessoa confusa à procura de um líder; seu líder tem de ser necessariamente confuso. De forma que o essencial é reconhecer que estamos confusos e não tentar fugir dessa verdade, não tentar descobrir explicações para isso — é estar passivamente, inelutavelmente, consciente. Então você verá que uma atitude diferente surge dessa consciência passiva. Porque se você fizer qualquer esforço para esclarecer o estado de confusão, o que quer que você faça ainda será confuso. Mas se você estiver consciente de si mesmo, inelutavelmente, passivamente consciente, então essa confusão se revela e esvanece.

Você verá que, se fizer essa experiência — que não levará muito tempo, porque o tempo não faz absolutamente parte dela — esse esclarecimento se concretiza. Mas você precisa consagrar a isso toda a sua atenção, todo o seu interesse. Não estou muito certo de que essa confusão desagrada a muitos de nós, porque nesse estado de confusão não é preciso agir. De forma que a confusão nos agrada porque compreender a confusão requer uma atitude que não seja a perseguição de um ideal ou de uma ideação.

Portanto, a questão de existir ou não um plano divino é irrelevante. Temos de entender a nós mesmos e ao mundo que criamos: a miséria, a confusão, o conflito, as guerras, as separações, as explorações. Tudo isso resulta de nós mesmos e de nosso relacionamento com o outro. E, se pudermos entender a nós mesmos no nosso relacionamento com os outros, se pudermos perceber o quanto usamos os outros, como tentamos fugir de nós mesmos através das pessoas, de bens, de conhecimento, e imprimir, portanto, um imenso significado aos relacionamentos, aos conhecimentos, aos bens — se pudermos ver tudo isso, percebê-lo passivamente, então nos libertaremos do passado que somos. E só aí existe a possibilidade de descobrir aquilo que é. Mas perder horas especulando se existe ou não um plano divino, lutar para descobri-lo, fazer preleções a respeito, me parece muito infantil. Pois a paz não se concretiza através da conformidade a um plano, seja ele de direita, de esquerda ou divino.

Conformidade é mera supressão e, na supressão, existe medo. Só no entendimento pode haver paz e tranqüilidade e nessa tranqüilidade a realidade se concretiza.

I.: O entendimento chega a nós subitamente, desvinculado de esforços e experiências passadas?

K.: O que queremos significar com experiências passadas? Como você reage a um desafio? Porque, afinal de contas, a vida é um processo de desafios e de reações — não é? — sendo que o desafio é sempre novo, pois de outra forma não seria desafio. E nossa reação é inevitavelmente o resultado dos antecedentes, de nosso condicionamento. De forma que se a reação não for adequada, plena, completa, no que se refere ao desafio, ela tem de criar fricção, ela tem de criar conflito. É esse conflito entre desafio e reação que chamamos de experiência. Não sei se vocês perceberam que, se sua reação ao desafio for completa, existirá apenas um estado de experiência, não a lembrança de uma experiência. Mas quando a reação não é adequada ao desafio, nos apegamos à memória da experiência.

Não é tão difícil, não fiquem tão perplexos. Vamos explorar um pouco mais o assunto e vocês entenderão. Como disse antes, a vida é um processo de desafios e de reações — em todos os níveis, não em um nível particular — e enquanto a reação não for adequada ao desafio, haverá, necessariamente, conflito. Isso é claro. E o conflito sempre constitui um obstáculo ao entendimento. Através do conflito não podemos entender nenhum problema, podemos? Se estou constantemente brigando com meu vizinho, com minha esposa, com meus sócios, torna-se impossível entender esse relacionamento. Só é possível entender quando não há conflito.

O entendimento vem de súbito? Quer dizer, pode o conflito cessar subitamente? Ou precisamos enfrentar inumeráveis conflitos, entender cada conflito e depois libertar-nos de todo conflito? Isto é, para colocar a questão de um modo diferente, por detrás dessa pergunta tenho certeza de que existe uma outra questão: "Desde que você já atravessou muita névoa, confusões, conflitos, já acreditou em Mestres, em reencarnação, em várias sociedades e assim por diante, não

devo também passar pelo mesmo? Desde que você atravessou certas fases, não devo também passar por elas para me tornar livre?" Em outras palavras, não devemos todos nós experimentar a confusão para nos livrarmos dela?

Então, a pergunta é: O entendimento chega quando aceitamos ou seguimos certos modelos, e quando vivemos de acordo com esses modelos para sermos livres? Digamos que, por exemplo, houve um momento que você acreditava em certas idéias, as quais agora você deixou de lado — você está livre e adquiriu entendimento. Então eu chego e vejo que você viveu de acordo com certas crenças, as pôs de lado e adquiriu entendimento. E digo para mim mesmo: Eu também seguirei essas crenças, ou aceitarei essas crenças e, possivelmente, chegarei ao entendimento. É claro que esse método está errado, não é mesmo? O importante é entender. O entendimento é uma questão de tempo? Certamente não. Todo o seu ser está lá, concentrado, completamente absorto nessa coisa. E é somente quando você deseja chegar a um resultado que a questão de tempo entra em cena. De forma que, se você tratar o entendimento como um fim a ser alcançado, então você precisa do tempo, então você fala no "imediato" ou no "postergado". Mas o entendimento, certamente, não constitui um processo final. Ele chega quando você está quieto, quando sua mente está tranqüila. E se você vê a necessidade da mente estar quieta e tranqüila, imediatamente segue-se o entendimento.

I.: Em que, em sua opinião, consiste a verdadeira meditação?

K.: Vejamos, qual o objetivo da meditação? E o que queremos dizer com meditação? Não sei se vocês alguma vez já meditaram mas vamos tentar descobrir juntos em que consiste a verdadeira meditação. Não se atenham à minha forma de expressá-lo; juntos descobriremos e experimentaremos o que é a verdadeira meditação. Porque meditar é importante, não é? Se vocês não sabem o que é meditação correta não existe autoconhecimento, e sem conhecerem a si mesmos, a meditação não tem sentido. Sentar-se a um canto, andar pelo jardim ou pela rua, tentando meditar, não tem sentido. Isso só leva a um tipo de concentração peculiar que é a exclusão. Tenho a certeza de que

vocês tentaram todos esses métodos. Isto é, tentam se concentrar num determinado objeto, tentam forçar a mente, quando ela está divagando, para que se concentre e, quando isso falha, oram.

Se queremos realmente entender a meditação correta, precisamos descobrir quais as coisas falsas às quais demos o nome de meditação. É óbvio que concentração não é meditação porque, se vocês observarem, no processo de concentração existe exclusão e, portanto, distração. Vocês estão tentando se concentrar em algo e sua mente divaga em outra direção, ocorrendo uma constante batalha para a fixação num ponto, enquanto a mente se recusa e foge. De forma que levamos anos tentando nos concentrar, aprendendo a nos concentrar, o que chamamos erroneamente de meditação.

Existe, também, o problema da oração. A oração, obviamente, produz resultados, pois, de outro modo, milhões não orariam. Na oração, é claro, a mente se aquieta; pela constante repetição de certas frases, a mente realmente se aquieta. Nesse quietude surgem certas sugestões, certas percepções, certas respostas. Isso, entretanto, ainda constitui uma parte dos truques da mente, porque, afinal de contas, por meio de uma espécie de hipnotismo, você pode fazer com que sua mente fique muito quieta. E nessa quietude ocultam-se certas respostas, certas reações que nascem de inconsciente e da consciência exterior. Mas é ainda um estado em que não existe entendimento.

E meditação não é devoção — devoção a uma idéia, a um ídolo, a um princípio — porque as coisas da mente são ainda idolatria. Não podemos adorar uma estátua — considerando isso idolatria, tolice, superstição —, mas muita gente idolatra as coisas da mente. Isso é também idolatria. Devotar-se a um ídolo ou a uma idéia, a um Mestre, não é meditação. É obvio que se trata de uma forma de fugir de si mesmo. Uma fuga muito reconfortante, mas ainda assim uma fuga.

Esta eterna luta para tornar-se virtuoso, para chegar à virtude por meio de disciplina, de cuidadosa auto-análise, e assim por diante, também não é, obviamente, meditação. Muitos de nós somos seduzidos por esses processos, mas considerando que eles não nos proporcionam o conhecimento de nós mesmos, não são a forma correta de meditação. Afinal de contas, sem conhecer-nos a nós mesmos, que base possuímos, para um pensar correto? Tudo que vocês farão

sem o conhecimento de si mesmos é conformarem-se com os antecedentes, sem as respostas de seu condicionamento. Mas, estar cônscio dessas respostas, isto é, estar ciente dos movimentos da mente e dos sentimentos, sem qualquer senso de condenação, de modo que os movimentos do *self*, as formas do *self*, sejam completamente entendidas, é o caminho da correta meditação.

Meditação não é afastamento da vida. Meditação é um processo de conhecer-se a si mesmo. E quando começamos a conhecer-nos, não somente o consciente, mas também todas as áreas ocultas de nosso ser, nasce a tranqüilidade. Uma mente forçada a ficar quieta através de meditação, de compulsão, de submissão não é uma mente quieta: é uma mente estagnada. Não é uma mente alerta, passiva, capaz de receptividade criativa. Meditação demanda constante estado de vigilância, constante percepção de cada palavra, de cada pensamento, de cada sentimento, o que revela o estado de nosso próprio ser, tanto o aparente como o oculto. Como isso é penoso, escapamos para todos os tipos de coisas consoladoras e ilusórias e damos-lhes o nome de meditação.

Se pudermos compreender que no autoconhecimento reside o começo da meditação, então o problema se torna extraordinariamente interessante e vital. Porque, sem autoconhecimento, vocês podem praticar o que chamam de meditação e ainda estarem apegados a seus princípios, às suas famílias, às suas propriedades; ou, mesmo renunciando às suas propriedades, vocês podem ainda estar arraigados a uma idéia e tão concentradas nela que a alimentam mais e mais. Isso, claro, não é meditação. E, à medida que nos aprofundamos cada vez mais na questão do autoconhecimento, não só a mente superior se torna tranqüila, quieta, como as diferentes camadas ocultas transparecem. Quando a mente superficial está quieta, então o inconsciente, as camadas ocultas da consciência se projetam, revelando seu conteúdo, transmitindo suas sugestões de forma que o processo global de nosso ser passa a ser totalmente entendido.

Então a mente se torna sumamente quieta — *é* quieta; não a *tornaram* quieta, não a obrigaram a ficar quieta, por medo ou por recompensa. Nasce depois um silêncio no qual se concretiza a realidade. Esse silêncio não é um silêncio cristão, ou budista, ou hindu.

Esse silêncio é silêncio, sem qualificações. Se vocês seguirem a trilha do silêncio cristão, ou budista ou hindu, jamais serão silenciosos. Para descobrir a realidade, o homem precisa abandonar por completo seus condicionamentos sejam eles cristãos, budistas, hindus ou pertencentes a qualquer outra categoria. Meramente fortalecer o passado, por meio de meditação, de submissão, acarreta a estagnação da mente, a chatice mental e chego a desconfiar que é isso o que muitos de nós desejam porque é muito mais fácil criar um padrão e segui-lo. Mas libertar-se do passado requer um constante estado de alerta nas relações.

Uma vez que se instaure esse silêncio, existirá um extraordinário estado criativo — não que vocês tenham que escrever poesias, pintar quadros — isso vocês podem fazer ou não. Mas esse silêncio não deve ser procurado, copiado, imitado — porque cessa de ser silêncio. Vocês não podem chegar a ele por nenhum caminho. Ele se concretiza somente quando são entendidos os caminhos do *self* e quando o *self*, com toda sua inquietude e nocividade, chega ao fim. Isto é, quando a mente deixa de criar, nasce a criação.

Por conseguinte, a mente precisa tornar-se muito simples, muito quieta; ela precisa *ser* quieta — o uso da palavra "precisa" está errado; dizer que a mente *precisa* estar quieta subtende compulsão — e a mente torna-se quieta somente quando todo o processo do *self* chega a termo. Quando todas as formas do *self* forem entendidas e quando toda a inquietude do *self* cessar, somente então haverá silêncio. Esse silêncio é a verdadeira meditação. E nesse silêncio a eternidade se concretiza.

*Madras, 29 de janeiro de 1964**

Se vocês me permitirem, gostaria de falar a respeito de meditação. Gostaria de tocar nesse assunto porque acho que é a coisa mais importante da vida.

Para entender o que é meditação, para penetrá-la profundamente, precisamos, antes de tudo, entender a palavra e o fato, pois a maioria de nós é escrava das palavras. A palavra *meditação* representa, para certas pessoas, um certo estado, uma certa sensibilidade, uma certa quietude, um desejo de alcançar uma coisa ou outra. Mas a palavra não é o fato. A palavra, o símbolo, o nome — se não bem entendidos — podem ser uma coisa terrível. Agem como uma barreira, fazem da mente uma escrava. E a reação à palavra, ao símbolo, obriga muitos de nós a agir, porque estamos desapercebidos ou inconscientes do fato em si. Vamos ao encontro do fato, para "o que é", acompanhados de nossas opiniões, juízos e valores, de nossas memórias. E nunca vemos o fato, "o que é". Acho que isso deve ser claramente entendido.

Para compreender cada experiência, cada estado da mente, "o que é", o fato real, a realidade, precisamos não ser escravos de palavras — e isso é uma das coisas mais difíceis. O nome delas, das palavras, nasce das várias lembranças; e essas lembranças violam o fato, controlam, moldam, oferecem orientação ao fato, "ao que é". De forma que precisamos estar extraordinariamente cientes dessa con-

---

* Extraído do registro textual da sexta palestra proferida em público em Madras, 29 de janeiro de 1964, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

fusão e não suscitar conflito entre a palavra e a realidade — "o que é". Essa tarefa é muito penosa para a mente; exige clareza, precisão.

Sem clareza, não podemos ver as coisas como são. Existe uma extraordinária beleza em ver as coisas como são — não a partir de suas opiniões, de seus juízos, de suas memórias. Temos que ver a árvore tal qual ela é, sem qualquer confusão; temos igualmente, que ver o céu no espelho das águas de um entardecer — ver apenas, sem verbalizar, sem despertar símbolos, idéias e memórias. Existe nisso uma extraordinária beleza. E beleza é fundamental. Beleza é a apreciação, a sensibilidade de alguém em relação às coisas — à natureza, às pessoas, às idéias. Se não há sensibilidade, não há clareza. Elas andam juntas, são sinônimos. Esta clareza, se queremos entender o que é meditação, é fundamental.

A mente que está confusa, enleada em idéias, em experiências, em todos os anseios do desejo, gera somente conflito. E uma mente que esteja realmente em estado de meditação, precisa estar muito atenta não só à palavra, mas também à tendência instintiva de dar nome à experiência ou ao estado. E o simples fato de dar nome a esse estado ou a essa experiência — qualquer que seja a experiência, por mais cruel, por mais real, por mais falsa — apenas aviva a memória com a qual prosseguiremos para a próxima etapa.

Por favor, se me for permitido salientar, é muito importante que vocês entendam a respeito do que estamos falando, porque se não o entenderem não terão condições de me acompanhar nesta jornada consagrada a todo o problema da meditação.

Como dissemos, a meditação é uma das coisas mais importantes da vida, talvez a mais importante. Sem meditação, não há possibilidade de ir além dos limites do pensamento, da mente e do cérebro. E para enfrentar esse problema da meditação, desde o momento da partida precisamos lançar os alicerces da virtude. Não me refiro à virtude imposta pela sociedade, uma moralidade imposta pelo medo, pela cobiça, pela inveja, por certas punições e por certas recompensas. Falo da virtude que nasce naturalmente, espontaneamente, facilmente, sem conflito e sem resistência, quando existe o autoconhecimento. Sem conhecer-nos a nós mesmos — não importa o que façamos — não há possibilidade de haver estado de meditação. Por "autoconhe-

cimento" quero significar o conhecimento de cada pensamento, de cada estado de humor, de cada palavra, de cada sentimento, o conhecimento das atividades da mente — não o "*Self* Supremo", o "grande *Self*' — tal coisa não existe, pois o "*Self* Superior", o "Atman" ainda está confinado ao pensamento. Pensamento é o resultado de seu condicionamento, pensamento é a resposta de sua memória — ancestral ou imediata. E tentar meramente meditar, sem primeiro alicerçar profundamente, irrevogavelmente, aquela virtude que surge através do autoconhecimento, é extremamente falaz e absolutamente inútil.

Por favor, é muito importante que aqueles que estão realmente interessados, entendam isso, porque senão sua meditação e sua vida verdadeira estarão divorciadas, divididas — tão divididas que, embora meditem, se exercitem indefinidamente pelo resto de suas vidas, jamais enxergarão adiante do nariz. Qualquer exercício que façam, qualquer coisa que realizem, não terão mesmo o menor sentido.

De forma que a mente que viesse a inquirir — estou usando a palavra *inquirir* de propósito — a respeito do que é meditação, precisaria lançar esse alicerce que nasce naturalmente, espontaneamente, com a tranqüilidade que advém da absoluta ausência de esforço quando existe autoconhecimento. É importante compreender em que consiste esse autoconhecimento: consiste em estar bem consciente — sem qualquer preferência — do "eu" que tem suas origens num feixe de memórias (logo entrarei naquilo que chamamos de consciência); em estar bem consciente desse "eu", sem interpretações, meramente observando o movimento da mente. Essa observação, porém, é prejudicada quando vocês apenas acumulam, através da observação, o que fazer e o que não fazer, o que alcançar e o que não alcançar. Se vocês o fizerem, estarão pondo termo ao processo vivo do movimento da mente como *self*. Isto é, tenho de observar e ver o fato, a realidade, "o que é". Se abordo isso com uma idéia, com uma opinião — tal como "devo", "não devo", que são reações da memória — então o movimento "do que é" encontra obstáculo, sofre bloqueio, não havendo, pois, aprendizado.

Para observar o movimento da brisa nas árvores, você não faz nada a respeito. Ela sopra, ora com violência, ora com graça, com

beleza. Você, o observador, não a pode controlar. Você não a pode moldar. Você não pode dizer "vou armazená-la em minha mente". Ela está lá. Você pode se lembrar dela. Mas, se você se lembrar e recordar essa brisa soprando na árvore, a próxima vez que a vir, não estará admirando o movimento natural da brisa na árvore, mas apenas recordando o movimento do passado. Por conseguinte, você não estará aprendendo: estará apenas somando àquilo que você já sabe. De forma que o conhecimento se transforma, em certo nível, num impedimento a um nível mais avançado.

Espero que isto tenha ficado claro. Porque o próximo passo requer uma mente completamente clara, capaz de olhar, de ver, de ouvir, sem qualquer sinal de reconhecimento.

De forma que precisamos estar bem esclarecidos, não confusos. Clareza é fundamental. Por clareza quero significar ver as coisas como elas são, ver o "que é", desprovidos de qualquer opinião, vendo o movimento de suas mentes, observando-o muito de perto, minuciosamente, diligentemente, sem qualquer objetivo, sem qualquer direção. Apenas observar requer uma extraordinária clareza, caso contrário você não tem condições de fazê-lo. Ao observar o movimento de lá para cá de uma formiga desenvolvendo todas as suas atividades, se você aproximar dela com vários dados biológicos a seu respeito, esse conhecimento o impedirá de olhar. Assim você começará imediatamente a reconhecer quando o conhecimento é uma necessidade e quando um empecilho. Então não haverá confusão.

Quando a mente é clara, precisa, capaz de raciocínio profundo, fundamental, ela se encontra em estado de negação. A maioria de nós aceita as coisas com muita facilidade; somos assim tão crédulos, porque queremos conforto, segurança, uma sensação de esperança, queremos alguém que nos salve: mestres, salvadores, gurus, Rishis, vocês sabem, todo o bando! Aceitamos prontamente, facilmente e, do mesmo modo, facilmente rejeitamos, de acordo com o clima de nossa mente.

Portanto, "claridade" significa ver as coisas como elas são dentro de nós mesmos. Porque nós somos uma parte do mundo. Nó somos o movimento do mundo. Somos a expressão exterior do movimento que se desenvolve interiormente — como a maré que vai e que vem.

Apenas concentrar-se em si mesmo ou observar a si mesmo, apartado do mundo, conduz ao isolamento e a todas as formas de idiossincrasia, neuroses, temores provocados pela solidão e assim por diante. Mas se você observar o mundo, acompanhar seu movimento e cavalgar nesse movimento quando ele fizer menção de entrar, não haverá separação entre você e o mundo; você não será um ser em oposição à coletividade.

E é preciso que haja esse senso de observação ao mesmo tempo exploratório e observador, ouvinte e consciente. Estou usando a palavra *observação* nesse sentido. O próprio ato de observação consiste num ato de exploração. Você não pode explorar se não está livre. Portanto, para observar, para explorar, é preciso que haja clareza. Para explorar dentro de si mesmo, você precisa chegar, a cada vez, completamente novo. Quer dizer, nessa exploração você nunca atingirá um resultado, você nunca subirá uma escada, você não dirá, jamais, "agora eu sei". Não existe escada. Se você realmente subir, precisará descer imediatamente, a fim de que sua mente esteja tremendamente sensível para observar, vigiar, ouvir.

E do fato de observar, de ouvir, de ver, de vigiar, nasce a extraordinária beleza da virtude. Não existe outra virtude que não a que nasce do autoconhecimento. Então essa virtude é vital, vigorosa, ativa — não uma coisa morta que você cultiva. E esta precisa ser a base. A base da meditação consiste em observação, clareza e virtude, no senso a que nos referimos — não no sentido de transformar a virtude numa coisa a ser cultivada dia após dia, o que é mera resistência.

Podemos deduzir do exposto as implicações das assim chamadas orações, das assim chamadas repetições de palavras, dos mantras, de sentar-se a um canto tentando fixar a mente em um determinado objeto, ou palavra, ou símbolo — o que equivale a meditar deliberadamente. Por favor, escutem com atenção. Assumir posturas deliberadas ou fazer certas coisas com o fito de meditar, propositadamente, conscientemente, só significa que você está brincando no campo de seus próprios desejos, de seus próprios condicionamentos — que, por conseguinte, não é meditação. Podemos ver muito bem, se observarmos, que as pessoas que meditam se apóiam em todos os tipos de

imagens; eles vêem Krishna, Crista, Buda e pensam que alcançaram algo. Como um cristão que vê Cristo. Esse fenômeno é muito simples, muito claro: é uma projeção do próprio condicionamento, dos próprios temores, das próprias esperanças, de seu anseio de segurança. O cristão vê Cristo como você vê Rama ou qualquer outro deus particular de estimação.

Não existe nada de notável nessas visões. Elas são fruto de seu inconsciente que foi assim tão condicionado, tão treinado no medo. Quando você se torna ligeiramente quieto, ele detona suas imagens, seus símbolos, suas idéias. De forma que visões, transes, imagens e idéias não têm o mínimo valor. É como repetir algum mantra ou alguma frase ou nome incansavelmente. Quando você repete um nome incansavelmente, é óbvio que o que acontece é tornar a mente nula, estúpida e, nessa estupidez, ela se aquieta. Você pode também, para tornar a mente quieta, tomar drogas — existe esse tipo de droga — e nesse estado de quietude, nesse estado drogado, você tem visões. Estas são, obviamente, produto de sua própria sociedade, de sua própria cultura, de seus próprios medos e esperanças: não têm absolutamente nada a ver com a realidade.

O mesmo acontece com a oração. O homem que ora é como um homem que tem a mão no bolso do outro. O empresário, o político e toda a sociedade competitiva oram pela paz, mas fazem tudo para provocar guerras, ódios e antagonismo. Isso não tem sentido, não é racional. Sua oração é uma súplica, é pedir uma coisa que você não tem o direito de pedir — porque você não está vivendo, porque você não é virtuoso. Você deseja algo pacífico, maravilhoso, para enriquecer sua vida, mas está fazendo tudo para destruir, tornando-se mesquinho, pequeno, estúpido.

Visões, orações, permanecer em pé em um canto, respirar corretamente, fazer coisas com a mente, é tão imaturo, tão juvenil... Isso não tem sentido para o homem que deseja entender o pleno significado do que é meditação. De forma que o homem que esteja mesmo interessado em entender o que é meditação, põe tudo de lado, mesmo que possa perder o emprego. Ele não se volta, imediatamente, a um deus de estimação para pedir um novo emprego — esse é o jogo que todos vocês jogam. Quando existe algum tipo de dor, de pertur-

bação, vocês procuram um templo e se alcunham de fervorosos! Tudo isso deve ser completamente, totalmente abandonado, de forma que não chegue nem perto de vocês. Quando tiverem feito isso, então poderão prosseguir em toda esta questão do que é meditação.

Vocês precisam ter observação, clareza, autoconhecimento e, devido a isso, virtude. Virtude é algo que floresce todo o tempo na bondade. Vocês podem ter cometido erros, feito coisas feias, mas tudo acabou — estão mudando, florescendo na bondade, porque estão conhecendo a si mesmos. Tendo lançado esses alicerces, podem deixar de lado as orações, as palavras murmuradas e as posturas. E então começar a inquirir a respeito do que é experiência.

É muito importante entender o que é experiência porque todos nós queremos ter experiência. Temos experiências diárias — ir para o escritório, discutir, sentir ciúmes, ter inveja, sermos brutais, competitivos, sexuais. Na vida passamos por todo tipo de experiências, dia após dia, consciente ou inconscientemente. Estamos vivendo na superfície de nossas vidas, sem beleza, sem nenhuma profundidade, sem nada nosso que seja original, claro, incorrupto. Somos seres humanos de segunda mão, citando terceiros, seguindo terceiros, vazios como uma concha. E, naturalmente, almejamos mais experiências que as experiências cotidianas. Assim buscamos essa experiência ou por meio de meditação ou tomando algumas das mais modernas drogas. LSD25 é uma dessas drogas mais recentes. Do momento que você a toma sente que alcançou o "misticismo instantâneo" — não que eu a tenha tomado. (*Risos.*)

Estamos falando seriamente. Vocês riem à menor provocação, portanto não estão sérios, não estão seguindo passo a passo o que dizemos, observando a si mesmos. Estão apenas ouvindo as palavras, cavalgando nas palavras — contra o que os preveni desde o começo desta palestra.

Existem então essas drogas que lhes proporcionam uma expansão de consciência, os tornam altamente sensíveis por algum tempo. E, nesse estado de sensibilidade exacerbada, vocês vêem coisas — a árvore se torna impressionantemente viva, clara e luminosa, imensa. Ou, se sua mente é religiosa, nesse alto estado de sensibilidade, sentem uma extraordinária sensação de paz e de luz. Não existe diferença

entre vocês e a coisa observada: vocês são parte dela e todo o universo, parte de vocês. E vocês desejam ardentemente essas drogas, porque querem ter mais experiências, uma experiência mais ampla e mais profunda, na esperança de que ela imprima maior significado às suas vidas e assim começam a depender. E no entanto, enquanto vocês passam por essas experiências, ainda se encontram dentro do campo do pensamento, dentro do campo do conhecido.

De forma que vocês têm de entender a experiência, isto é, a resposta a um desafio que se transforma em reação; e essa reação molda seu pensamento, seu sentimento, seu ser. E vocês acrescentam mais e mais experiências.

Pensam ter mais e mais experiências. Quanto mais claras as lembranças dessas experiências, mais vocês pensam saber. Mas se observarem descobrirão que quanto mais sabem, mais superficiais vocês se tornam, mais vazios. Ao tornarem-se mais vazios, mais e mais amplas experiências desejam. De forma que têm de entender não só tudo que expus antes, como também esta extraordinária ânsia de experiência. Agora podemos prosseguir.

Uma mente que esteja ansiando por experiência ainda se encontra dentro do campo do tempo, dentro do campo do conhecido, dentro do campo de seus desejos autoprojetados. Como disse a princípio, a meditação deliberada só conduz à ilusão. No entanto é preciso que haja meditação. Meditar deliberadamente só os conduzirá a várias formas de auto-hipnose, a várias formas de experiências projetadas por seus próprios desejos, pelo seu próprio condicionamento e esses condicionamentos, esses desejos moldam suas mentes, controlam seus pensamentos. Desta maneira, o homem que deseja realmente entender o profundo significado da meditação, precisa entender o significado da experiência e sua mente precisa também estar livre de anseios. Isso é muito difícil. Vou agora tratar disso.

Tendo posto tudo isso como uma coisa básica, naturalmente, espontaneamente, facilmente, precisamos então descobrir o que significa controlar o pensamento. Porque é atrás disso que estamos; quanto mais controle temos do pensamento, mais pensamos ter progredido na meditação. Para mim, todo tipo de controle — físico, psicológico, intelectual, emocional — é prejudicial. Por favor, escutem com aten-

ção. Não digam "então vou fazer o que eu quiser". Não estou dizendo isso. Controle implica sujeição, supressão, adaptação, moldagem do pensamento a um dado padrão — o que implica também que o padrão é mais importante que a descoberta da verdade. Conseqüentemente, controle, sob qualquer forma que se apresente — de resistência, supressão ou sublimação —, modela a mente mais e mais de acordo com o passado, de acordo com o condicionamento em que vocês cresceram, de acordo com o condicionamento de uma determinada comunidade, e assim por diante.

É necessário entender o que é meditação. Agora, por favor, escutem com o maior cuidado. Não sei se vocês, alguma vez, fizeram este tipo de meditação. Provavelmente não. Mas irão fazê-lo, agora, comigo. Vamos encetar juntos a viagem, não por meio de palavras, mas realmente até o ponto em que a comunicação verbal deixa de existir. É como se fôssemos juntos até uma porta; depois, ou vocês atravessam essa porta, ou param antes de entrar. Vocês pararão antes de entrar se não fizerem tudo que for recomendado — não porque eu o esteja dizendo, mas porque é o sensato, o salutar, o razoável, o que resistirá a todos os testes, a todos os exames.

Então, agora, juntos, vamos meditar — não meditar deliberadamente, porque isso não existe. É como deixar a janela aberta para a brisa entrar quando quiser — não importa o que o ar traga, não importa como seja a brisa. Mas se vocês esperarem, esperarem pela chegada da brisa porque deixaram a janela aberta, ela nunca virá. De forma que a janela deve ser aberta por um ato de amor, de afeição, de liberdade — não porque vocês querem alguma coisa. É esse o estado de beleza, é esse o estado da mente que vê e que não pede.

Estar consciente constitui um extraordinário estado da mente — estar consciente dos seus arredores, das árvores, do pássaro que está cantando, do pôr-do-sol às suas costas; ter consciência dos rostos e dos risos; ter consciência da sujeira na estrada, ter consciência da beleza da terra, de uma palmeira contra o ocaso vermelho, da ondulação das águas — apenas ter consciência, sem preferência alguma. Por favor, façam isso, quando andarem por aí. Escutem esses pássaros — não lhes dêem nomes, não lhes reconheçam a espécie, apenas escutem seu canto. Escutem o movimento de seus próprios pensa-

mentos — não os controlem, não os moldem, não digam "isto está certo, isto está errado". Apenas movam-se com eles. Esta é a percepção na qual não existe preferência nem condenação, nem juízos, nem comparação ou interpretação — apenas simples observação. Isso torna suas mentes altamente sensíveis. Do momento em que dão nome, vocês regrediram, suas mentes voltam a estar maçantes: porque é isso o que vocês estão acostumados a fazer.

Neste estado de percepção existe atenção: não controle, não concentração. Há atenção. Quer dizer, vocês estão ouvindo os pássaros, estão vendo o pôr-do-sol, estão percebendo o silêncio das árvores, estão escutando os carros passarem, estão ouvindo o expositor e estão atentos ao sentido das palavras. Vocês estão atentos a seus próprios pensamentos e sentimentos e ao movimento que existe nessa atenção. Vocês estão atentos de uma forma abrangente, sem barreiras, não apenas conscientemente, mas também inconscientemente. O inconsciente é mais importante, de maneira que vocês têm que inquirir o inconsciente.

Não estou empregando o termo *inconsciente* como uma palavra técnica ou como uma técnica. Não o estou usando no sentido em que os psicólogos o fazem, mas como aquilo de que vocês não estão conscientes. Porque a maioria de nós vive na superfície da mente: indo para o escritório, adquirindo conhecimento ou dominando uma técnica, brigando e assim por diante. Nunca prestamos atenção às profundezas de nosso ser, que resulta de nossa comunidade, dos resíduos raciais, de todo o passado — não somente no que diz respeito a vocês, como seres humanos, mas também ao homem, às ansiedades do homem. Quando vocês dormem, tudo isso se projeta como sonho e então entra em cena a interpretação desses sonhos. O sonho, para o homem que está alerta, acordado, vigilante, consciente, atento, o sonho, para o homem que escuta, transforma-se numa coisa absolutamente desnecessária.

Agora, essa atenção requer uma tremenda energia; não a energia que vocês adquiriram através da prática, do celibato e tudo mais — essa energia é toda feita de ambição. Estou me referindo à energia do autoconhecimento. Pelo fato de vocês terem lançado os alicerces

certos, deriva disso a energia necessária para estarem atentos, na qual não existe o senso de concentração.

Concentração é exclusão — vocês querem ouvir uma música (que está tocando numa rua próxima) e querem ouvir o que o orador está dizendo, de forma que vocês resistem à música e tentam ouvir o orador — com isso vocês não estão prestando completa atenção. Uma parte de sua energia está voltada a resistir à música e a outra, a tentar ouvir; portanto, vocês não estão ouvindo totalmente e, por conseguinte, não estão atentos. De forma que, se vocês se concentram, apenas resistem, excluem. Mas a mente que está atenta pode se concentrar e não excluir.

Assim, desta atenção surge um cérebro que é quieto. As próprias células cerebrais são quietas — não por terem sido forçadas a ficarem quietas, a serem disciplinadas, por terem sido obrigadas, por terem sido brutalmente condicionadas, mas porque toda essa atenção se concretizou naturalmente, espontaneamente, sem esforço, facilmente, as células cerebrais não se perverteram, não endureceram, não calejaram, não se brutalizaram. Espero que vocês estejam acompanhando tudo isso. A menos que as células cerebrais estejam extraordinariamente sensíveis, alertas, cheias de vida, não endurecidas, não machucadas, não sobrecarregadas, não especializadas num determinado setor do conhecimento, a menos que estejam extraordinariamente sensíveis, não podem estar quietas. Então, o cérebro precisa estar quieto e ao mesmo tempo sensível a cada reação, estar consciente de toda música, de todo ruído, dos pássaros, precisa estar apto a ouvir estas palavras, a admirar o pôr-do-sol — sem sofrer qualquer pressão, qualquer tensão, qualquer influência. O cérebro precisa estar muito quieto, porque sem quietude — não induzida, não suscitada artificialmente — não pode haver clareza.

E a clareza só pode chegar quando há espaço. Vocês terão espaço no momento que o cérebro estiver absolutamente quieto e no entanto extremamente sensível, não amortecido. E é por isso que o que vocês fazem o dia todo é tão importante. O cérebro é brutalizado pelas circunstâncias, pela sociedade, pelo trabalho, pela especialização, pelos seus trinta ou quarenta anos trancados em um escritório, se acabando brutalmente — tudo isso destrói a extraordinária sensibilidade

do cérebro. E o cérebro precisa estar quieto. A partir daí, toda a mente, na qual o cérebro está incluído, é capaz de ficar absolutamente quieta. Esta mente quieta não está mais buscando, não está mais aguardando a experiência — não está experimentando nada mesmo.

Espero que vocês estejam entendendo tudo isso. Pode ser que não. Não importa, apenas ouçam. Não fiquem hipnotizados por mim, mas escutem a verdade do que digo e talvez, então, quando estiverem andando em uma rua, quando sentados em um ônibus, admirando uma corrente d'água ou uma plantação de arroz, verde e abundante, isso tudo chegará desapercebido, como um sopro de uma terra distante.

Depois a mente se torna absolutamente quieta, sem sofrer nenhum tipo de pressão, de compulsão. Essa quietude não é uma coisa produzida pelo pensamento, porque o pensamento cessou, toda a máquina do pensamento chegou ao fim. O pensamento precisa cessar, caso contrário gerará mais imagens, mais idéias, mais ilusões — mais, mais e mais. Portanto vocês precisam compreender todo esse mecanismo do pensamento — não como deixar de pensar. Se entenderem todo o mecanismo do pensamento, que é a resposta da memória, associação e reconhecimento, denominação, comparação, julgamento — se vocês entendem isso, ele cessa naturalmente. Quando a mente está completamente quieta, nessa quietude existe um movimento bem diferente.

Esse movimento não é um movimento criado pelo pensamento, pela sociedade, pelo que vocês leram ou não leram. Esse movimento não pertence ao tempo, à experiência, porque esse movimento não tem experiência. Para uma mente quieta não existe experiência. Uma luz que está ardendo com muito brilho, que é forte, não precisa de mais nada, é uma luz para si mesma. Esse movimento não é um movimento voltado a nenhuma direção, porque direção implica tempo. Esse movimento não tem causa, porque qualquer coisa que tenha causa produz um efeito e esse efeito se transforma em causa e assim por diante — numa cadeia interminável de causas e efeitos. De forma que inexiste, mesmo, efeito, causa, motivo, senso de experimentação. Pelo fato da mente estar absolutamente quieta, naturalmente quieta,

pelo fato de vocês terem lançado os alicerces, ela está diretamente relacionada com a vida, não divorciada da vida cotidiana.

Se a mente chegou a esse ponto, esse movimento é criação. Então não existe mais ansiedade de expressar, porque a mente que está em estado de criação pode expressar ou não. Esse estado mental que reina nesse completo silêncio se moverá, executará seu próprio movimento rumo ao desconhecido, rumo ao que é inominável.

Portanto, a meditação a que nos referimos não é a meditação que vocês fazem. A meditação de que falamos parte da eternidade para a eternidade porque vocês lançaram os alicerces não no tempo, mas na realidade.

*Madras, 15 de dezembro de 1974**

As coisas que o pensamento reuniu como sagradas não são sagradas. São apenas palavras destinadas a dar um significado à vida, porque a vida que vocês vivem não é sagrada, não é *holy*. *Holy* deriva da palavra *whole*, que significa integralmente são, saudável — tudo isso está implícito nessa palavra. De forma que a mente que está funcionando via pensamento, por mais desejosa que esteja de descobrir o que é sagrado, está ainda atuando dentro do campo do tempo, dentro da área da fragmentação. Pode a mente ser um todo, não-fragmentada? Tudo isso faz parte do entendimento do que é meditação. Pode a mente que é produto da evolução, produto do tempo, produto de tantas influências, de tantos sofrimentos, de tanta labuta, de tão grande tristeza, de tão grande ansiedade — enleada em tudo isso, em tudo que é fruto do pensamento, do pensamento que, por sua própria natureza, é fragmentário — pode a mente que é produto do pensamento, como o é agora, livrar-se do movimento do pensamento? Pode a mente ser completamente não-fragmentada? Vocês podem olhar a vida como um todo? Pode a mente ser um todo, isto é, não apresentar um único fragmento? Por essa razão é que aqui entra a diligência. A mente é um todo, quando é diligente, o que significa querer bem, sentir uma grande afeição, um grande amor — que é totalmente diferente do amor entre um homem e uma mulher.

De forma que a mente que é um todo, é atenta, e sente, portanto, uma grande afeição, estando dotada da qualidade de um profundo e

---

* Extraído da transcrição da fita de registro da quarta palestra proferida em público em Madras, 15 de dezembro de 1974, © 1991 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

duradouro senso de amor. Essa mente é o todo com que você se depara quando começa a inquirir sobre o que é meditação. Podemos agora prosseguir para descobrir o que é sagrado.

Ouçam, por favor. Trata-se de suas vidas. Consagrem a mente e o coração para descobrir uma forma de viver de um modo diferente, o que é possível quando a mente tenha renunciado a todo controle. Isso não significa levar a vida fazendo o que gostam, cedendo a cada desejo, a cada olhar ou gesto lascivo, a cada prazer, a cada necessidade de busca de prazer, mas descobrir, descobrir se vocês podem viver a vida de cada dia, sem um único controle. Isso faz parte da meditação. Isso significa que precisamos ter esse tipo de atenção. Essa atenção situou o *insight* no exato lugar do pensamento e viu que o pensamento é fragmentário e que onde há controle, há o controlador e o controlado, o que é fragmentário. Assim, descobrir uma forma de viver destituída de todo controle demanda uma tremenda atenção, uma grande disciplina. Não estamos falando da disciplina a qual vocês estão acostumados, que é unicamente repressão, controle, submissão, mas de uma disciplina que significa aprender. A palavra *disciplina* vem da palavra *discípulo*. O discípulo está lá para aprender. Agora, deste lado, não existe professor, não existe discípulo; vocês são o mestre e, se estão aprendendo, são o discípulo. O próprio ato de aprender cria sua própria ordem.

Agora o pensamento encontrou seu próprio lugar, seu lugar certo. Sendo assim, a mente não se acha mais sobrecarregada com o movimento do pensamento como um processo material, o que significa que a mente está absolutamente quieta. Está naturalmente quieta, não foi forçada a ficar quieta. O que é forçado a ficar quieto torna-se estéril. No que é naturalmente quieto, nessa quietude, nesse vazio, pode ocorrer algo novo.

Pode a mente — suas mentes — estar absolutamente quieta, sem o controle, sem o movimento do pensamento? Ela estará naturalmente quieta se vocês tiverem realmente a percepção interior que proporciona ao pensamento o seu devido lugar: ocupando o pensamento um lugar certo, a mente estará quieta. Vocês entendem o que as palavras *silêncio* e *quietude* significam? (Vocês sabem que podem aquietar a mente tomando drogas, ou repetindo um mantra ou uma

palavra. Pela constante repetição, repetição, repetição, sua mente ficará naturalmente quieta, mas essa mente é uma mente estúpida, aborrecida.) Entre dois ruídos, existe um silêncio. Existe silêncio entre duas notas. Existe silêncio entre duas ondas de pensamento. Existe silêncio no entardecer quando os pássaros já chilrearam, já pipilaram e foram dormir. Quando não existe agitação entre as folhas, não há brisa, reina uma quietude absoluta. Não na cidade, mas quando vocês estão no meio da natureza, quando vocês estão entre árvores ou sentado às margens de um rio, o silêncio desce sobre a terra e você é parte desse silêncio. De forma que existem diferentes tipos de silêncio. Mas o silêncio de que falamos, da quietude da mente, esse silêncio não é para ser comprado, não é para ser praticado, não é algo que você ganhe como recompensa, como compensação por uma vida desagradável. É somente quando a vida desagradável se transforma numa boa vida — por boa não quero significar ter muito, em abundância, mas sim uma vida de bondade, de virtude — que, no florescer dessa virtude, dessa beleza, chega o silêncio.

Vocês também têm que inquirir sobre a beleza. O que é beleza? Vocês já se fizeram essa pergunta? Vocês o descobrirão num livro e contar-me-ão, ou contarão a cada um o que o livro diz sobre o que é beleza? O que é beleza? Vocês olharam o pôr-do-sol esta tarde, quando estavam sentados lá fora? O sol se pôs detrás do orador — vocês o viram? Vocês sentiram a luz e a glória dessa luz sobre uma folha? Ou vocês acham que a beleza é uma coisa sensual e que a mente em busca de coisas sagradas não pode sentir-se atraída pela beleza, não pode ter nada em comum com a beleza, e portanto apenas se concentram sobre a pequena imagem que projetaram de seus pensamentos como o certo. Se vocês querem descobrir o que é meditação, têm de descobrir o que é beleza, beleza do rosto, beleza do caráter — (não caráter, caráter é uma coisa vulgar que depende da reação ao ambiente; o cultivo dessa reação chama-se caráter) —, beleza da ação, beleza da conduta, do comportamento, a beleza interior, a beleza do seu jeito de andar, do seu jeito de falar, da sua maneira de gesticular. Tudo isso é beleza e, sem isso, meditação representa apenas uma fuga, uma compensação, uma ação sem sentido. Existe beleza na frugalidade; existe beleza numa grande austeridade — não na aus-

teridade do sannyasi —, na austeridade de uma mente ordenada. A ordem chega quando você entende toda a desordem em que vive, e a partir dessa desordem nasce naturalmente a ordem que é virtude. Portanto, ordem, virtude, são austeridades supremas, e não a recusa de três refeições por dia ou jejuns, ou raspar a cabeça e todas essas outras coisas.

Então existe ordem, que é beleza. Existe a beleza do amor, a beleza da compaixão. E existe também a beleza de uma rua limpa, da bela forma arquitetônica de um prédio; existe a beleza de uma árvore, de um linda folha, dos grandes ramos. Ver tudo isso é beleza. Não apenas ir a museus e falar, sem parar, sobre a beleza. O silêncio de uma mente quieta constitui a essência dessa beleza. Por ser ela quieta e não ser um joguete do pensamento, surge nesse silêncio aquilo que é indestrutível, aquilo que é sagrado. À chegada disso que é sagrado, a vida, suas vidas, nossas relações se tornam sagradas, tudo se torna sagrado, porque vocês tocaram essa coisa sagrada.

Precisamos também descobrir na meditação se existe algo, ou se nada existe, que seja eterno, intemporal. Isso é, pode a mente que tenha sido cultivada no âmbito do tempo, pode essa mente descobrir, encontrar por acaso ou ver essa coisa que parte da eternidade para a eternidade? Quer dizer, pode a mente existir sem o tempo? Embora o tempo seja necessário para ir-se daqui para ali e tudo mais, pode essa mente, essa mesma mente que opera no tempo, indo de lá para cá, não psicologicamente, mas fisicamente, pode essa mente subsistir sem o tempo? Isto é, pode a mente subsistir sem passado, sem presente, sem futuro? No mais absoluto nada? Não tenham medo dessa palavra. Pelo fato dela ser vazia, conquistou um amplo espaço. Vocês já observaram se em suas mentes existe algum espaço? Apenas um espaço, sabem, um pequeno espaço? Ou está superlotada? Superlotada de preocupações de sexo, ou de falta de sexo, de realizações, de conhecimentos, ambições, temores, ansiedades, mesquinharias — enfim, superlotada. Pode uma mente nessas condições entender, ou ser, ou ter um enorme espaço?

O espaço é sempre enorme. Uma mente que não tenha espaço não pode, absolutamente, encontrar o que é eterno, o que é intemporal. É por isso que a meditação se torna tão importante. Não a

meditação que todos vocês praticam, isso não é meditação. A meditação a que nos referimos transforma a mente. Só essa mente, que é a mente religiosa, e só ela, pode suscitar uma cultura diferente, uma forma de vida diferente, diferentes relacionamentos, o senso do sagrado e, por conseguinte, grande beleza e honestidade. Tudo isso chega naturalmente, sem luta, sem esforço.

Do Diário de Krishnamurti*

20 de julho de 1961

O quarto encheu-se dessa bênção. Agora, o que se seguiu, é quase impossível descrever; palavras são uma coisa tão morta, dotadas de conceitos definidos, e o que ocorreu supera todas as palavras e descrições. Era o centro de toda a criação; uma circunspecção purificadora que varria do cérebro todo pensamento e sensação; circunspecção que era como um raio que queima e arrasa; de profundidade imensurável. Estava presente, imóvel, impenetrável, uma solidez que era tão leve como o firmamento. Estava nos olhos, no alento. Estava nos olhos e os olhos podiam ver. Os olhos que viam, que enxergavam, eram olhos totalmente diferentes do órgão de visão e eram, no entanto, os mesmos olhos. Olhos que viam além do tempo e do espaço, apenas viam. Existia uma dignidade impenetrável e uma paz que constituía a essência de todo movimento, de toda ação. Nenhuma virtude a tocava, pois ela se situava além de toda virtude e sanções humanas. Havia amor, que era extremamente perecível e que tinha, também, a delicadeza de todas as coisas novas, vulneráveis, destrutíveis e que, no entanto, estava além de tudo isso. Estava lá, imperecível, inominável — o desconhecido. Nenhum pensamento poderia, jamais, penetrá-lo; nenhum gesto, jamais, alcançá-lo. Era "puro", intocado e tão perecivelmente belo.

Tudo isso parecia afetar o cérebro; ele não era como antes. (O pensamento é uma coisa tão banal, necessária, mas banal.) Devido

---

* Extraído de *Krishnamurti's Notebook*, 20 de julho de 1961, © 1976 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd. [*Diário de Krishnamurti*. Editora Cultrix, São Paulo.]

a isso, as relações parecem ter mudado. Como uma tremenda tempestade, um terremoto destruidor, imprimem um novo curso aos rios, transformam a face da terra, abrem crateras no solo, assim nivelou os contornos da mente, alterou a forma do coração.

30 de julho de 1961

O dia estava nublado, carregado de nuvens escuras. Chovera pela manhã e, de repente, esfriara. Após uma caminhada, conversávamos, mas admirávamos, sobretudo, a beleza do lugar, as casas, as árvores.

Inesperadamente, prorrompeu um relâmpago, uma faísca dessa força, desse poder inacessível que abala fisicamente. O corpo tornou-se gelado e tivemos que fechar os olhos para não desmaiar. Provocou, realmente, um abalo, e tudo que existia pareceu não existir. E a imobilidade dessa força, aliada à energia destrutiva que a acompanhava, aboliu os limites da visão e dos sons. Era algo indescritivelmente grande, cuja altura e profundidade não podem ser conhecidas.

Nessa manhã, bem cedo, assim que despontou a aurora, sem uma nuvem no céu e apenas visíveis as montanhas cobertas de neve, acordei com aquela sensação de impenetrável força nos olhos e na garganta; parecia um estado palpável, algo sempre ali presente. Esse estado durou uma hora e durante todo esse tempo o cérebro permaneceu vazio. Não era uma coisa que pudesse ser captada pelo pensamento e armazenada na memória para ser relembrada. Estava ali e todo pensamento morto. O pensamento é uma coisa funcional, útil somente nesse reino; o pensamento não poderia pensar a respeito porque pensamento é tempo e aquele estado situava-se além do tempo, além do limitado. O pensamento, a vontade não poderiam desejar sua continuação ou sua repetição, porque tanto o pensamento como a vontade estavam totalmente ausentes. Então, o que é que restou para que isso possa ser escrito? Apenas um registro mecânico, mas o registro, a palavra, não é a coisa.

18 de agosto de 1961

Chovera quase toda a noite e esfriara muito; caíra neve sobre os montes e colinas. Soprava um vento cortante. Os prados verdes, de

um verde surpreendente, estavam extraordinariamente brilhantes. E choveu também praticamente todo o dia e, somente ao entardecer, começou a clarear e o sol despontou entre as montanhas. Estávamos seguindo por um caminho que ia de aldeia a aldeia, caminho que circundava fazendas entre esplêndidas campinas verdejantes. Os postes que sustinham os pesados cabos de eletricidade erguiam-se de forma impressionante contra o céu do entardecer e era belo, havia força, quando se admirava aquelas imponentes estruturas de aço contra as nuvens que passavam céleres. Ao cruzarmos uma ponte de madeira, vimos o riacho transbordando de tanta chuva; ele corria depressa com a força e a energia que só os riachos das montanhas têm. Ao olharmos o riacho de cima abaixo, contido entre barrancos firmes de pedras e árvores, nos conscientizamos do movimento do tempo: passado, presente, futuro. A ponte era o presente e toda a vida passava e vivia através do presente.

Mas, além de tudo isso, existia ao longo daquela senda lamacenta e varrida pela chuva, uma outra coisa, um mundo que não poderia jamais ser alcançado pelo pensamento, pelas atividades e pelos eternos pesares do ser humano. Esse mundo não resultava nem de esperança nem de fé. Não estávamos plenamente conscientes dele, naquele momento, pois havia muito a observar, sentir e cheirar: as nuvens, o céu de pálido azul das montanhas, o sol no meio delas e a luz do entardecer pairando sobre o campo iluminado, e ainda o perfume dos currais e das flores escarlates ao redor das casas das fazendas. Este outro mundo estava lá cobrindo tudo, sem deixar nada de fora e quando nos deitamos, ele chegou de mansinho, enchendo nossas mentes e corações. Ficamos então conscientes de sua beleza sutil, de seu amor e de sua paixão. Não o amor entronizado nas imagens, evocado nos símbolos, nos quadros e nas palavras, nem o que se encarapuça na inveja e no ciúme, mas o que está livre do pensamento, do sentimento, como um movimento em curva, perene. Sua beleza participa do auto-abandono da paixão. Não existe paixão por essa beleza se não houver austeridade. Austeridade não é um produto da mente, cuidadosamente alcançada à custa de sacrifícios, supressão e disciplina. Tudo isso precisa acabar naturalmente, pois, para essa outra coisa, não tem sentido. Ela foi se infiltrando, com sua incomensurável, des-

medida riqueza. Este amor não tinha nem centro nem periferia e era tão completo, tão invulnerável que nele não havia sombra nem jamais possibilidade de destruição.

Sempre olhamos de fora para dentro; partindo do conhecimento prosseguimos rumo a novos conhecimentos, sempre acrescentando, sendo que no caso, a própria subtração é uma outra forma de adição. E nossa consciência é composta de milhares de lembranças e de reconhecimentos, estando ciente do farfalhar das folhas, da flor, do transeunte, da criança que corre pelos campos; ciente da pedra, do riacho, da luminosa flor vermelha, do cheiro ruim de um chiqueiro. A partir dessas lembranças e reconhecimentos, a partir dessas reações externas, tentamos nos conscientizar dos recessos interiores, dos motivos e necessidades profundas, mergulhando mais e mais nas vastas profundezas da mente. Todo esse processo de desafios e respostas, de experimentar e reconhecer as atividades claras e ocultas, tudo isso é consciência vinculada ao tempo.

A taça não é só forma, cor, desenho, mas também o vazio dentro dela. A taça é o vazio contido dentro da forma; sem esse vazio não existiria nem taça, nem forma. Reconhecemos a consciência por outros indícios, por suas limitações, em altura e profundidade, de pensamento e de sentimento. Mas tudo isso constitui a forma externa da consciência — a partir do exterior, pretendemos chegar ao interior. Isso é possível? Teorias e especulações não significam nada. Na verdade obstam qualquer descoberta. A partir do exterior procuramos atingir o interior, do conhecido sondamos, esperando encontrar o desconhecido. É possível sondar do interior para o exterior? O aparelho que sonda de fora para dentro, já conhecemos, mas existe um aparelho que parta do desconhecido para o conhecido? Existe? E como pode existir? Não pode existir. Se existe, ele é reconhecível e sendo reconhecível pertence ao campo de conhecido.

Essa estranha bênção chega quando quer, mas com cada visita ocorre, bem lá no fundo, uma transformação: tudo muda.

21 de agosto de 1961

Novamente tivemos um dia claro, ensolarado, com longas sombras e folhas iluminadas. As montanhas estavam serenas, sólidas e

próximas. O céu, de um azul maravilhoso, suave, imaculado. A terra estava cheia de sombras. Era uma manhã de sombras — de sombras grandes e pequenas, de sombras longas e finas ou cheias e furnidas, de sombras caseiras e atarracadas e de sombras alegres e travessas. Os telhados das fazendas e dos chalés, tanto os novos como os velhos, brilhavam como mármore polido. Parecia haver um grande júbilo e um grande vozerio entre as árvores e as campinas. Elas existiam uma para as outras e, acima delas, pairava o céu, não o céu concebido pelos homens, com suas torturas e suas promessas. E havia vida, ampla, esplêndida, pulsando e se derramando em todas as direções. Vida sempre nova e arriscada, vida que nunca parava, que vagava através da terra, indiferente, não deixando marca, não pedindo ou reivindicando nada. Lá havia vida em abundância, clara e imorredoura. Pouco importava donde vinha ou para onde ia. Onde quer que fosse, haveria vida, além do tempo e do pensamento. Era uma coisa maravilhosa, livre, leve e imensa. Não fora feita para ser encarcerada. Quando a encarceraram nos locais de adoração, nos mercados, nas casas, seguiu-se a ruína, a corrupção e sua eterna reforma. Estava lá, simples, majestosa e esmagadora e sua beleza ultrapassava as lindes do pensamento e do sentimento. Era tão ampla e incomparável que enchia a terra e os céus e a folha de grama, de vida tão breve. Lá estava cercada de amor e de morte.

O bosque estava fresco, com um regato sussurrante uns poucos pés abaixo; os pinhéiros erguiam-se para os céus, sem jamais se curvarem para olhar a terra. Era um lugar esplêndido, com esquilos pretos roendo os cogumelos das árvores e correndo atrás uns dos outros, árvore acima, árvore abaixo em estreitas espirais. Havia por ali um papo-roxo, ou algo que se assemelhava a um papo-roxo, que aparecia e desaparecia. O lugar era ameno e quieto, excetuando o regato com suas águas geladas que vinham da montanha. E lá havia amor, criação e destruição. Não em símbolo, não em pensamento e sentimento, mas como realidade presente. Você não podia vê-la, tocá-la, mas ela estava lá, incrivelmente imensa, com a força de dez mil homens e o mais vulnerável dos poderes. Estava lá e todas as coisas, o cérebro e o corpo, se imobilizaram. Era uma bênção da qual a mente participava.

Para o que é profundo não existe fim; sua essência não tem tempo nem espaço. Não pode ser experimentada; a experiência é uma coisa tão pretenciosa — facilmente obtida e facilmente perdida; o pensamento não pode amalgamá-la nem o sentimento abrir caminho até ela. Isso são coisas tolas e imaturas. Maturidade não é uma questão de tempo, não é uma questão de idade, não chega através de influências ou do meio. Não pode ser comprada; nem livros, nem professores e salvadores, nem ninguém, podem criar o clima certo para essa maturidade. A maturidade não é um fim em si mesma; concretiza-se sem que o pensamento a cultive, misteriosamente, sem meditação, sem alarde. É preciso haver maturidade — esse amadurecimento da vida. Não a maturidade que deriva de doença e de desordem, de tristeza e de esperanças. Desespero e labuta não podem suscitar essa maturidade total, mas ela precisa existir, espontânea.

Pois nessa maturidade total existe austeridade. Não a austeridade com saco e com cinzas, mas a indiferença casual, impremeditada, pelas coisas do mundo, suas virtudes, seus deuses, sua respeitabilidade, suas expectativas e valores. Isso deve ser totalmente rejeitado por essa austeridade que chega com o estar só. Nenhuma influência social ou cultural pode, jamais, afetar esse estar só. Mas ela precisa estar presente; não evocada pelo cérebro, que é filho do tempo e das influências. Precisa chegar tonitruante, não se sabe donde. E, sem ela, não existe total maturidade. A solidão — a essência da autopiedade e da autodefesa — e a vida no isolamento, no mito, no conhecimento e na idéia — estão muito distantes do estar só. Nelas existe a eterna tentativa de integração, existindo sempre, porém, a ruptura. Estar só é uma forma de vida em que todas as influências cessaram. E este estar só é que constitui a essência da austeridade.

22 de agosto de 1961

Pairava no ar uma sensação insuportável, intensa, insistente, de imensidão. Não era fantasia da imaginação; a imaginação se cala quando existe a realidade. A imaginação é uma coisa perigosa. Não tem validade. Validade só os fatos têm. Fantasia e imaginação são coisas agradáveis e enganadoras e devem ser totalmente banidas. Cada forma de mito, de fantasia e de imaginação precisa ser entendida

e é este mesmo entendimento que os priva de seu significado. Ela estava presente e o que começou como meditação, acabou. Pois que valor tem a meditação quando a realidade comparece! Não foi a meditação que atraiu a realidade — nada pode fazê-lo; ela estava presente a despeito da meditação, mas havia necessidade de um cérebro alerta e sensível que tivesse posto um ponto final inteiramente, voluntariamente e facilmente, à tagarelice da razão e da não-razão. E o cérebro se tornou muito quieto, vendo e ouvindo, sem classificar. Estava muito quieto e não havia motivo nem necessidade que o forçasse a ficar quieto. O cérebro estava muito quieto e muito ativo. Essa imensidão preencheu a noite e trouxe bem-aventurança.

Ela não tinha relação com nada. Não estava tentando mudar, moldar, afirmar. Não tinha influência e, no entanto, era inexorável. Não estava fazendo bem, não estava fazendo reformas. Não estava se tornando respeitável e tão altamente destrutiva. Mas era amor, não o amor que a sociedade cultiva, essa coisa torturada. Era a essência do movimento da vida. Ela estava presente, implacável, destrutiva, com uma ternura que só o que é novo conhece, como conhece uma nova folha primaveril — e isso lhe dirá. E havia uma força imensurável e poder, um poder que só a criação possui. E todas as coisas estavam caladas. A única estrela que escalava a colina ia agora bem alta e brilhava na solidão.

*Nova Delhi, 31 de outubro de 1956**

Interlocutor: Como posso tentar descobrir Deus, que é o que dará um sentido à minha vida cansativa? Sem essa experiência, qual o objetivo da vida?

Krishnamurti: Posso entender a vida diretamente ou preciso tentar descobrir alguma coisa que dê um sentido à vida? Vocês entendem, senhores? Para apreciar a beleza, preciso saber qual o seu propósito? O amor precisa ter uma razão? E se existe uma razão para amar, é amor? O interlocutor afirma que precisa passar por uma certa experiência que lhe dê um sentido para a vida — estando subentendido que para ele a vida em si não é importante. De forma que ele, buscando Deus, está, na verdade, fugindo da vida, fugindo das agruras, da beleza, da feiúra, do ódio, das pequenezas, da inveja, do desejo de poder, da extraordinária complexidade da vida. Tudo isso é vida, e como ele não a entende, ele diz: "Encontrarei algo muito maior que venha a imprimir um significado à vida."

Por favor, escutem o que estou dizendo, mas não apenas em nível verbal, intelectual, porque senão terá muito pouco significado. Vocês podem tecer uma porção de palavras a respeito de tudo isto, ler todos os livros sagrados que existirem sobre a face da terra, mas será inútil, porque não estão relacionados com suas vidas, com suas vidas diárias.

O que é a nossa vida? O que é esta coisa que chamamos de existência? Muito simplesmente, sem filosofias, ela é uma série de

---

* Extraído do registro textual da sexta palestra proferida em público em Nova Delhi, 31 de outubro de 1956, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

experiências de prazer e de dor, e queremos evitar as dores e nos agarrar aos prazeres. O prazer do poder, de ser um grande homem no grande mundo, o prazer de dominar nossa pobre esposa ou esposo, a dor, a frustração, o medo e a ansiedade que vêm com a ambição, o horror de adular um homem importante e tudo mais — tudo o que compõe a nossa vida diária. Isto é, o que chamamos viver consiste numa série de lembranças dentro do âmbito do conhecido: e o conhecido se transforma num problema quando a mente não está livre do conhecido. Atuando dentro do âmbito do conhecido — sendo este conhecimento, experiência e a lembrança dessa experiência — a mente diz "eu preciso conhecer Deus". Então, de acordo com suas tradições, com seus condicionamentos, com suas idéias, ela projeta uma entidade que chama de "Deus"; mas essa entidade é resultado do conhecido e está ainda dentro do âmbito do tempo.

Desse modo os senhores só poderão descobrir com clareza, com veracidade, com real experiência, se existe ou não Deus, quando suas mentes estiverem totalmente livres do conhecido. Indubitavelmente esse algo que podemos chamar de Deus ou de verdade, precisa ser completamente novo, irreconhecível, e a mente que o aborda através do conhecimento, da experiência, de idéias e de virtudes acumuladas, está tentando capturar o desconhecido, embora viva no âmbito do conhecido, o que é impossível. Tudo que a mente pode fazer é inquirir se lhe é possível livrar-se do conhecido. Livrar-se do conhecido equivale a estar completamente livre de todas as impressões do passado, de todo o peso da tradição. A mente em si é um produto do conhecido. Ela é montada pelo tempo como o "eu" e o "não-eu", que é o conflito de dualidade. Se o conhecido cessar totalmente, tanto consciente como inconscientemente — e digo, não em teoria, que existe a possibilidade dele cessar — então vocês jamais perguntarão se existe Deus porque essa mente é incomensurável em si mesma. Como o amor, é a sua própria eternidade.

*Ojai, 5 de julho de 1953**

Conhecendo todo o conteúdo da mente — suas negações, suas resistências, suas atividades disciplinares, seus vários esforços por segurança, tudo o que condiciona e limita seu pensar — pode a mente, como um processo integrado, estar totalmente livre para descobrir o que é eterno? Porque, sem esse descobrimento, sem a experiência dessa realidade, todos os nossos problemas com suas soluções só conduzirão a mais desastres e misérias. Isso é óbvio, vocês podem constatá-lo na vida cotidiana. Individualmente, politicamente, internacionalmente, em cada atividade, estamos criando mais e mais problemas, que são inevitáveis enquanto não tenhamos alcançado esse estado religioso, estado que só é atingível quando a mente se encontra totalmente livre.

Após ouvirem isto, vocês podem, mesmo que por um só momento, conhecer essa liberdade? Não podem, pelo simples fato de que eu a estou sugerindo, o que então seria apenas uma idéia, uma opinião sem qualquer sentido. Mas se vocês me acompanharam seriamente, estão começando a se conscientizar do processo de seus próprios pensamentos, de suas tendências, de seus propósitos, de seus motivos e, estando conscientes, estão sujeitos a chegar a um estado no qual a mente não estará mais buscando, escolhendo, lutando por alcançar. Tendo percebido seu próprio processo total, a mente se torna extraordinariamente quieta, sem qualquer tendência, sem qualquer volição, sem qualquer ato de vontade. Vontade é ainda desejo, não é?

---

* Extraído do registro textual da sexta palestra proferida em público em Ojai, 5 de julho de 1953, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

O homem que é ambicioso, na acepção mundana, tem um forte desejo de vencer, de ser bem-sucedido, de ficar famoso e exercita a vontade para sua própria auto-importância. Da mesma forma, nós exercitamos a vontade para desenvolver a virtude, para alcançar o assim chamado estado espiritual. Mas eu estou falando de uma coisa completamente diferente, destituída totalmente de qualquer desejo, de qualquer ação voltada a uma fuga, de qualquer compulsão a ser isto ou aquilo.

Ao analisar o que estou dizendo, vocês estão exercitando a razão, não estão? Mas a razão só pode levar até aí e não além. Precisamos, obviamente, exercitar a razão, a capacidade de refletir completamente a respeito das coisas e não parar pela metade. Mas quando a razão tiver atingido os seus limites e não puder ir além, então a mente deixará de ser um instrumento da razão, da astúcia, de cálculo, de ataque e defesa porque o próprio centro de onde emana todos os nossos pensamentos, todos os nossos conflitos, terá chegado ao fim.

Desse modo, agora que vocês escutaram o que eu disse, sem dúvida estão começando a estar conscientes de si mesmos, a cada momento, durante o dia, em suas várias atividades. A mente está começando a conhecer a si mesma, com todos os seus desvios, suas resistências, suas crenças, suas buscas, suas ambições, seus temores, suas ânsias de realização. Estando consciente de tudo isso, não é possível à mente, mesmo que por um só instante, estar absolutamente quieta, conhecer um silêncio no qual existe liberdade? E quando existe essa liberdade do silêncio, não é a mente, em si, eterna?

Para experimentar o não-conhecido, a própria mente precisa ser o não-conhecido. A mente, até agora, é o resultado do conhecido. Que é você senão o acúmulo do conhecido, de todos seus problemas, de suas vaidades, de suas ambições, de suas dores, de suas realizações e de suas frustrações? Tudo isso é o conhecido, o conhecido no tempo e no espaço, e enquanto a mente estiver trabalhando dentro do âmbito do tempo, do conhecido, nunca poderá ser o não-conhecido, só poderá continuar experimentando aquilo que conheceu. Por favor, isso não é algo complicado ou misterioso. Estou descrevendo fatos óbvios de nossa existência diária. Sob o peso do conhecido, a mente anseia por descobrir o não-conhecido. Como pode ela? Todos falamos de Deus — em toda religião, em todos os templos e igrejas essa palavra é

usada, mas sempre dentro da imagem do conhecido. Somente os poucos, os muito poucos que abandonam todas as igrejas, templos e livros, vão além e descobrem.

No momento, a mente é o resultado do tempo, do conhecido, e quando essa mente se decide a descobrir, só pode descobrir o que já experimentou, o que é conhecido. Para descobrir o desconhecido, a mente tem que libertar-se completamente do conhecido, do passado, não através de uma análise lenta, não exumando pouco a pouco o passado, interpretando cada sonho, estudando cada reação, mas vendo a verdade de tudo isso completamente, instantaneamente, enquanto vocês estão aí, sentados. Enquanto a mente for resultado do tempo, do conhecido, nunca poderá descobrir o não-conhecido, que é Deus, realidade, ou outro nome que vocês lhe dêem. Ver a verdade disso liberta a mente do passado. Não traduzam imediatamente libertação do passado por não saberem o caminho de casa. Isso é amnésia. Não reduzam as coisas a um pensamento tão infantil. Mas a mente se torna livre a partir do momento que reconhece a verdade de que ela não pode descobrir o real — esse extraordinário estado do não-conhecido — quando está arcada sobre o peso do conhecido. Conhecimento, experiência são o "eu", o ego, a personalidade que acumulou, que reuniu; portanto, todo conhecimento precisa ser sustado, toda experiência posta de lado. E quando existe o silêncio da liberdade, não é a própria mente o eterno? Está ela, então, experimentando algo totalmente novo, que é o real; mas para experimentar o real, a mente precisa ser o real. Por favor não digam que a mente é a realidade. Não é. A mente só pode experimentar a realidade quando estiver totalmente livre do tempo.

Todo esse processo de descoberta é religião. Certamente que religião não é aquilo que vocês acreditam ser. Não tem nada a ver com o fato de vocês serem cristãos ou budistas, maometanos ou hindus. Essas coisas não têm importância; elas constituem um obstáculo e a mente que vai descobrir precisa estar completamente despida de tudo isso. Para ser nova, a mente precisa estar sozinha. Para que a eterna criação se concretize, a própria mente precisa estar nesse estado para recebê-la. Mas, enquanto ela estiver cheia de trabalhos e de lutas, enquanto estiver sobrecarregada de conhecimentos e com-

plicada por bloqueios psicológicos, a mente nunca estará livre para receber, entender, descobrir.

A pessoa verdadeiramente religiosa não é a que está mergulhada em crenças, dogmas, rituais. Ela não tem crenças; está vivendo de momento a momento, nunca acumulando nenhuma experiência e, portanto, é ele o único ser revolucionário. A verdade não é uma continuidade no tempo; ela precisa ser descoberta de novo, a cada momento. A mente que reúne, que amealha, que valoriza qualquer experiência não tem condições de viver e cada momento descobrindo o que é novo.

Aqueles que estão realmente interessados, que não são diletantes, que não estão apenas se divertindo com tudo isso, têm uma extraordinária importância na vida porque se tornarão uma luz para si mesmos e, talvez, para os outros. Falar de Deus sem experimentação, sem possuir a mente totalmente livre e, através disso, aberta para o não-conhecido, tem muito pouco valor. É como pessoas adultas que se divertem com brinquedos; e quando estamos nos divertindo com brinquedos, chamando isso de "religião", geramos maior confusão, mais miséria.

Somente quando entendemos todo o processo do pensar, quando não estamos mais enleados em nossos próprios pensamentos é que é possível à mente estar quieta. E só então o eterno se concretiza.

*Ojai, 21 de agosto de 1955 — Palestra**

O fato de que os seres humanos precisam de algo para adorar é bastante óbvio. Vocês, eu e muitos outros desejamos possuir algo de sagrado em nossas vidas e, ou vamos a templos, mesquitas, igrejas, ou descobrimos outros símbolos, imagens e idéias para adorar. A necessidade de adorar alguma coisa parece muito urgente porque queremos sair de nós mesmos rumo a algo maior, mais amplo, mais profundo, mais duradouro. Assim começamos a inventar mestres, professores, entidades divinas na terra ou no céu; imaginamos vários símbolos, como a cruz, a lua crescente e outros. Se nada disso for satisfatório, passamos a especular sobre o que existe além da mente, crendo que se trata de algo sagrado, de algo a ser venerado. É isso que acontece na nossa vida cotidiana, como a maioria de nós bem sabe. Existe sempre esse esforço dentro do campo do conhecido, dentro do campo da mente, da memória e sempre parecemos incapazes de safar-nos e de encontrar algo sagrado que não seja fabricado pela mente.

Se vocês me permitirem, eu gostaria de aprofundar esta questão de se existe ou não algo realmente sagrado, incomensurável, que não possa ser conhecido pela mente. Para chegar a isso, é preciso que ocorra, obviamente, uma revolução no nosso modo de pensar, nos nossos valores. Não me refiro a uma revolução econômica ou social,

---

* Extraído do registro textual da sexta palestra proferida em público em Ojai, 21 de agosto de 1955, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

que seria uma coisa meramente imatura; isso poderia afetar nossas vidas superficialmente, mas, fundamentalmente, não seria uma revolução. Estou falando da revolução que se instaura pelo autoconhecimento, não através do autoconhecimento superficial a que se chega pela análise do pensamento à tona da mente, mas através dos profundos arcanos do autoconhecimento.

Sem dúvida, uma de nossas maiores dificuldades consiste no fato de que todo o nosso esforço se desenvolve dentro do campo do reconhecimento. Parecemos atuar somente dentro dos limites daquilo que somos capazes de reconhecer, isto é, dentro do campo da memória. É possível à mente superar essa barreira?

Por favor, se vocês me permitirem a sugestão, observem suas mentes enquanto falo, porque pretendo aprofundar bastante esse tema e se vocês apenas seguirem minha exposição verbal, sem aplicá-la imediatamente, essa explanação não terá o mínimo sentido. Se vocês ouvirem e disserem "vou pensar nisso amanhã", então estará tudo perdido, nada terá o menor valor. Mas se prestarem total atenção ao que está sendo exposto e forem capazes de aplicá-lo, o que equivale a estar ciente de seus próprios processos intelectuais e emocionais, então vocês verão que o que estou dizendo tem sentido imediato.

Vejam, pensamos que entendemos as coisas por acumularmos conhecimentos, por compararmos. É claro que essa não é a forma de entender. Se vocês compararem uma coisa com outra, estarão meramente perdidos em comparações. Vocês só podem entender uma coisa quando consagram a ela total atenção e qualquer forma de comparação ou de avaliação representa uma digressão.

O autoconhecimento, então, não é cumulativo e acho muito importante que entendamos isso. Se o autoconhecimento for cumulativo, será meramente mecânico. Como o conhecimento de um médico que aprendeu uma técnica e se especializa para sempre numa parte do corpo. Um cirurgião pode ser um excelente profissional em sua especialidade porque aprendeu a técnica, porque possui o conhecimento, o dom para isso e ainda a experiência cumulativa que o respalda. Mas não estamos falando desse tipo de experiência cumulativa. Pelo

contrário, qualquer forma de conhecimento cumulativo destrói um descobrimento ulterior; porém, quando descobrimos, talvez possamos usar a técnica acumulada.

Claro que o que estou dizendo é muito simples. Se formos capazes de nos analisar, de nos observar, começaremos a descobrir o quanto a memória cumulativa atua sobre tudo que vemos. Estamos sempre avaliando, descartando ou aceitando, condenando ou justificando, de forma que nossa experiência está sempre confinada ao campo do conhecido, do condicionado. Mas sem memória cumulativa como uma orientação, a maioria de nós se sente perdida, amedrontada, e tornamo-nos incapazes de nos ver como somos. Quando existe esse processo cumulativo, que é o cultivo da memória, a observação de nós mesmos se torna muito superficial. A memória é útil para orientar, para melhorar a nós mesmos, mas, no caso do auto-aprimoramento, nunca poderá haver uma revolução, uma transformação radical. Só quando esse senso de auto-aprimoramento cessa, não por volição, há a possibilidade de algo transcendental, de algo totalmente inusitado se concretizar.

Se alguém salientar a futilidade de repetir as palavras de outrem, de depender das provas de outrem, que podem ser tolices, então vocês têm certamente que dizer: "Não sei." Agora, se vocês podem realmente chegar a esse estado de dizer "não sei", isso indica um extraordinário senso de humildade. Não existe a arrogância do conhecimento, não existe uma resposta auto-afirmativa para causar impressão. Quando vocês podem, realmente, dizer "não sei", o que muito poucos são capazes de fazer, então, nesse estado, todo medo desvanece, porque todo senso de reconhecimento, a busca nos confins da memória termina, não existindo mais inquéritos dentro do campo do conhecido. Segue-se então a coisa extraordinária. Se vocês acompanharam até agora o que estou dizendo, não apenas verbalmente, se podem realmente experimentá-lo, descobrirão que, quando vocês respondem "não sei", todo o condicionamento cessa. E qual é então o estado da mente? Vocês entendem a respeito do que estou falando?

Estou sendo claro? Reputo importante, se for de interesse, que vocês dediquem um pouco de atenção a isso.

Vejam, estamos buscando algo permanente, permanente no sentido do tempo, algo duradouro, algo perene. Vemos que tudo a nosso redor é transiente, fluente — nascer, envelhecer e morrer — e nossa busca está sempre voltada a instituir algo que seja duradouro dentro do campo do conhecido. Mas aquilo que é verdadeiramente sagrado situa-se além das fronteiras do tempo, não é encontrado dentro do campo do conhecido. O conhecido opera somente através do pensamento, que é a resposta da memória ao desafio. Se compreendo isso e quero descobrir uma forma de pôr termo ao pensar, que devo fazer? Indubitavelmente, preciso, através do autoconhecimento, conscientizar-me de todo o processo do meu pensamento. Preciso compreender que todo pensamento, por mais sutil, por mais elevado, ou por mais estúpido, por mais ignóbil, tem suas raízes no conhecido, na memória. Se vejo isso claramente, então, quando confrontada com um imenso problema, a mente é capaz de dizer "não sei" porque ela não sabe a resposta. Conseqüentemente, todas as respostas — do Buda, de Cristo, dos mestres, dos professores, dos gurus — não terão sentido, porque se o tiverem, esse sentido nasce do conjunto de memórias que constitui meu condicionamento.

Compreendo a verdade de tudo isso e, realmente, afasto todas as respostas, o que posso fazer só quando existe a imensa humildade de não saber. E então, qual o estado da mente? Qual o estado da mente que afirma "não sei se existe Deus, se existe amor" — quer dizer, quando não existe uma resposta da memória? Por favor, não respondam imediatamente essa pergunta a si mesmos, porque, se o fizerem, sua resposta não passará do reconhecimento daquilo que vocês pensam que seria ou que deveria ser. Se vocês disserem: "é um estado de negação", estarão comparando com algo que já conhecem. Por conseguinte, esse estado em que vocês dizem "não sei" não existe.

Estou tentando analisar esse problema em voz alta para que possam acompanhá-lo através da observação de suas próprias mentes. Esse estado em que a mente afirma "não sei", não é negação. A mente cessou completamente de buscar, cessou de fazer qualquer movimento, porque compreendeu que qualquer movimento que parta do

conhecido em direção àquilo que chama de não-conhecido não passa de uma projeção do conhecido. A mente que é capaz de dizer "não sei", está no único estado em que tudo pode ser descoberto. Mas o homem que diz "eu sei", o homem que estudou a fundo a multiplicidade das experiências humanas e cuja mente verga ao peso de informações, de erudição enciclopédica, poderá alguma vez experimentar, chegar a algo que não esteja acumulado? Ele vai achar isso muito difícil. Quando a mente põe completamente de lado todo o conhecimento que adquiriu, quando para ela não existem Budas, Cristos, mestres, professores, religiões, citações, quando a mente estiver completamente só, não contaminada — o que significa que o movimento do conhecido cessou — só então haverá a possibilidade de uma tremenda revolução, de uma mudança fundamental. Tal mudança é obviamente necessária; e somente uns poucos, vocês eu ou X, que realizamos em nós mesmos essa revolução, somos capazes de criar um mundo novo. Não os idealistas, não os intelectuais, não as pessoas dotadas de grandes conhecimentos ou que estejam fazendo belas obras. Eles não são as pessoas indicadas — eles são todos reformadores. O homem religioso é aquele que não pertence a nenhuma religião, a nenhuma nação, a nenhuma raça, que dentro de si está completamente só, em estado de não-saber. E para ele se concretiza a graça das coisas sagradas.

*Ojai, 21 de agosto de 1955 — Perguntas**

Interlocutor: A função da mente é pensar. Perdi muitos anos pensando em coisas que todos conhecemos — negócios, ciências, filosofia, psicologia, artes e assim por diante — e agora penso muito em Deus. Depois de estudar o testemunho de muitos místicos e de outros escritores religiosos, estou convencido de que Deus existe e estou em condições de contribuir com meu pensamento a respeito do assunto. O que há de errado nisso? Acaso pensar em Deus não ajuda a suscitar a compreensão de Deus?

Krishnamurti: Você pode pensar em Deus? Está convencido da existência de Deus porque leu todos os testemunhos? O ateu também tem seus testemunhos e, provavelmente, estudou tanto quanto você e diz que Deus não existe. Você acredita que Deus existe, e ele acredita que não; ambos têm suas crenças, ambos despendem seu tempo pensando em Deus. Mas, antes de pensarem em uma coisa que vocês desconhecem, precisam, primeiro, descobrir o que é o pensamento, não é verdade? Como podem pensar em uma coisa que desconhecem? Você pode ter lido a Bíblia, o Bhagavad Gita ou outros livros nos quais vários eruditos descreveram, engenhosamente, Deus, afirmando isto e contradizendo aquilo, mas, enquanto você não conhecer o processo do seu próprio pensamento, o que você pensa a respeito de

* Extraído do registro textual das perguntas que se seguiram à sexta palestra proferida em público em Ojai, 21 de agosto de 1955, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Deus pode ser tolo e insignificante — e geralmente é. Você pode reunir uma série de evidências da existência de Deus e escrever muitos artigos inteligentes a respeito, mas, sem dúvida, a primeira pergunta consiste em: Como é que você sabe que o que você pensa é verdade? Pode o pensar jamais suscitar a experiência do que é incognoscível? O que não significa que você tenha de, emocionalmente, sentimentalmente, *aceitar* qualquer tolice a respeito de Deus.

Então, não é mais importante descobrir se sua mente está condicionada, do que buscar aquilo que é incondicionado? Claro que se sua mente estiver condicionada — e está — por mais que ela investigue a realidade de Deus, não poderá senão reunir conhecimentos ou informações de acordo com seu condicionamento. De forma que seu pensar em Deus não passa de absoluta perda de tempo, é uma reflexão que não tem valor. É como se eu, sentado neste bosque, quisesse estar no topo daquela montanha [às minhas costas]. Se eu quiser descobrir, realmente, o que há no topo da montanha e além, preciso ir até ela. De nada vale eu ficar aqui, sentado, pensando, construindo templos, igrejas e me agitando com isso. O que tenho de fazer é levantar, andar, lutar, me esforçar, chegar lá e descobrir. Mas, como a maioria de nós não está disposta a fazê-lo, ficamos satisfeitos em sentar aqui e especular a respeito de alguma coisa que não conhecemos. E eu afirmo: essa especulação é um obstáculo, uma deterioração da mente, não tem valor algum — apenas acarreta mais confusão, mais sofrimento para o homem.

Deus é algo que não pode ser comentado, que não pode ser descrito, que não pode ser posto em palavras, porque tem de sempre permanecer não-conhecido. Do momento em que o processo de reconhecimento tem lugar, vocês estarão de volta ao campo da memória. Entendem? Digamos, por exemplo, que vocês passem pela experiência passageira de algo extraordinário. Nesse preciso momento não existe o pensador que dirá "preciso me lembrar disso". Existe só o estado de experimentação. Mas quando esse processo acaba, o processo de reconhecimento tem lugar. Por favor, acompanhem isso. A mente diz: "Passei por uma experiência maravilhosa e gostaria de repeti-la", e então a luta pela repetição começa. O instinto aquisitivo, a busca possessiva da repetição se concretiza por muitos motivos:

porque lhes dá prazer, prestígio, conhecimento, vocês se tornam uma autoridade e todo o resto dessas tolices.

A mente persegue aquilo que experimentou, mas aquilo que experimentou já acabou, já morreu, se foi. Para descobrir o que é, a mente precisa morrer para o que experimentou. Isso não é algo que possa ser cultivado dia após dia, que possa ser reunido, acumulado, mantido e depois discutido e escrito. Tudo que podemos fazer é compreender que a mente é condicionada e, através do autoconhecimento, entender o processo de nosso próprio pensamento. Preciso conhecer a mim mesmo, não como ideologicamente gostaria de ser, mas como realmente sou, bonito ou feio, ciumento, invejoso, ganancioso. Mas é muito difícil ver-nos tal qual somos sem desejar mudar, e esse mesmo desejo de mudança é outra forma de condicionamento; e assim prosseguimos, de condicionamento a condicionamento, nunca chegando a algo que esteja além do que é limitado.

I.: Tenho ouvido o senhor por muitos anos e tornei-me bem competente quanto à vigilância de meus próprios pensamentos e à consciência de tudo o que faço, porém nunca cheguei às águas profundas ou passei pela transformação de que o senhor fala. Por quê?

K.: Acho que está bem claro porque nenhum de nós experimenta, realmente, algo que suplante a mera vigilância. Podem ocorrer raros momentos de estado emocional em que vemos, como se de verdade, a claridade do céu entre as nuvens, mas não me refiro a nada desse tipo. Todas essas experiências são passageiras e têm muito pouco significado. O interlocutor deseja saber por que, após todos esses anos de vigilância, não encontrou as águas profundas. Por que haveria de encontrar? Vocês entendem? Vocês acham que, pelo fato de vigiarem seus próprios pensamentos, vão receber um prêmio. Se fizerem isto, receberão aquilo. Vocês, na verdade, não estão vigiando nada, porque suas mentes estão preocupadas em receber o prêmio. Vocês acham que pelo fato de vigiarem, de estarem conscientes, serão mais amados, sofrerão menos, estarão menos irritados, chegarão além, de forma que sua vigilância é um processo de compra. Com essa moeda, você está comprando aquilo, o que significa que essa vigi-

lância não passa de um processo de escolha — não sendo, portanto, vigilância; não sendo atenção. Vigiar é observar sem escolha, ver-nos como somos, sem qualquer movimento tendente a mudar, o que é uma coisa extremamente difícil; mas isso não significa que vocês irão permanecer em seu estado atual. Vocês não sabem o que acontecerá se vocês se virem como são, sem desejar suscitar uma mudança no que vêem. Entendem?

Vou lhes dar um exemplo, elaborá-lo, e vocês compreenderão. Digamos que eu seja uma pessoa violenta, como muita gente é. Toda nossa cultura é violenta — porém não entrarei, agora, na anatomia da violência porque não é o problema que estamos considerando. Sou violento e venho a compreender que sou violento. O que acontece? Minha reação imediata é: preciso fazer alguma coisa a respeito, não é? Afirmo que preciso me tornar não-violento. Isso é o que todos os pregadores nos têm ensinado por séculos: se alguém é violento precisa passar a não-violento. De forma que me exercito — sigo todas as práticas ideológicas. Mas agora vejo o qüão absurdo é isso, porque a pessoa que observa a violência e deseja transformá-la em não-violência, é ainda violenta. Portanto estou preocupado, não com a forma dessa pessoa se expressar, mas com a própria pessoa. Espero que vocês estejam me acompanhando.

Agora, quem é a pessoa que afirma "eu preciso não ser violento"? É alguém diferente da violência que ela constatou? São dois estados diferentes? Vocês entendem, senhores, ou isto é muito abstrato? Claro que a violência e a pessoa que afirma "eu preciso mudar a violência em não-violência" são a mesma coisa. Reconhecer esse fato é pôr um ponto final a todo conflito, não é? Não existe mais o conflito de tentar mudar porque compreendo que o próprio movimento da mente, no sentido da não-violência, é, em si, uma conseqüência da violência.

O interlocutor deseja saber por que ele não consegue ultrapassar todas essas altercações superficiais da mente. Pela simples razão de que, consciente ou inconscientemente, a mente está sempre buscando alguma coisa e essa mesma busca traz violência, competição e um sentimento de extrema insatisfação. Só quando a mente está completamente quieta, tranqüila, há possibilidade de chegar às águas profundas.

I.: Quando morremos, renascemos nesta terra ou passamos para um outro mundo?

K.: Essa pergunta interessa a todos nós, tanto jovens como velhos, não é verdade? De forma que vou tratar dela com bastante profundidade e espero que tenham a gentileza de acompanhar não somente as palavras, mas a verdadeira experiência do que vou expor a vocês.

Todos nós sabemos que existe morte, sobretudo as pessoas idosas e os jovens que observam o fenômeno. O jovem diz: "Vamos esperar que ela venha e então veremos o que fazer." E os idosos, que estão mais perto dela, recorrem a várias formas de consolação.

Por favor, me acompanhem e apliquem o que vou dizer a vocês mesmos e a mais ninguém. Porque vocês sabem que vão morrer; vocês têm teorias a respeito, não têm? Vocês acreditam em Deus. Acreditam em reencarnação, em karma, em ressurreição. Afirmam que renascerão aqui ou em outro mundo. Ou bem racionalizam a morte, dizendo que ela é inevitável, que acontece para todo o mundo. As árvores morrem, nutrindo o solo, e nasce uma nova árvore. Ou, então, estão muito ocupadas com suas preocupações, ansiedades, ciúmes, invejas diárias, e com concorrência e riqueza, para sequer pensar em morte. Mas ela está em sua mente — consciente ou inconcientemente, ela está presente.

Em primeiro lugar, vocês podem se livrar das crenças, das racionalizações ou da indiferença que têm cultivado em relação à morte? Podem se livrar de tudo isso agora? Porque é importante entrar na casa da morte enquanto vivo, enquanto plenamente consciente, ativo, saudável e não esperar pela chegada da morte que pode carregá-lo instantaneamente devido a um acidente ou a uma doença que vai gradualmente deixando-o inconsciente. Quando a morte chegar é preciso que esse momento seja extraordinário: isso é tão vital quanto a própria vida.

Agora, podemos, eu, vocês, entrar nos domínios da morte enquanto vivos? É este o problema, não se existe reencarnação ou um outro mundo onde renasceremos. Isso é tudo tão imaturo, tão infantil.

O homem que vive nunca pergunta o que é a vida e não tem teorias sobre ela. Só os semivivos falam a respeito do propósito da vida.

Então, podemos — eu, vocês — enquanto vivos, conscientes, ativos, em pleno gozo de todas as nossas faculdades, sejam quais forem, saber o que é a morte? E a morte é diferente da vida? Para a maioria de nós, a vida é uma continuação daquilo que julgamos seja permanente. Nosso nome, nossa família, nossas propriedades, as coisas nas quais investimos econômica e espiritualmente, as virtudes que cultivamos, as coisas que adquirimos emocionalmente — tudo isso queremos que continue. E o momento que chamamos de morte é o momento do não-conhecido. Portanto, temos medo, procuramos encontrar um consolo, algum tipo de conforto. Queremos saber se existe vida depois da morte e uma série de outras coisas. Esses problemas são todos irrelevantes. São problemas para os preguiçosos, para aqueles que não querem descobrir, durante a vida, o que é a morte. E nós, podemos descobrir?

O que é a morte? Indubitavelmente é a cessação de tudo o que vocês conheceram. Se não é a cessação de tudo o que vocês conheceram, não é morte. Se vocês já sabem o que é a morte então nada têm a temer. Mas, vocês sabem o que é a morte? Isto é, vocês podem, enquanto vivos, colocar um ponto final a esta eterna luta para descobrir, naquilo que é impermanente, aquilo que irá subsistir? Vocês podem conhecer o incognoscível, esse estado que chamamos morte, enquanto vivos? Podem deixar de lado todas as descrições que têm lido em livros, do que acontece após a morte, ou que seu desejo inconsciente de conforto dita, e provar ou experimentar esse estado — que deve ser extraordinário — agora? Se esse estado pode ser experimentado agora, então vida e morte são a mesma coisa.

Então o "eu" que tem uma vasta cultura, conhecimentos, que passou por inúmeras experiências, por lutas, amores, ódios, esse "eu" pode chegar ao fim? O "eu" é a memória gravada de tudo isso. Pode esse "eu" morrer? Sem chegarmos ao fim devido a um acidente ou a uma doença, podemos, vocês e eu, enquanto aqui sentados, conhecer esse fim? Então vocês verão que não farão mais perguntas tolas a respeito da morte e continuidade ou de existir ou não um mundo

depois deste. Saberão a resposta por si mesmos, porque aquilo que é incognoscível terá se concretizado. Porão de lado todas as histórias sem pé nem cabeça a respeito de reencarnação e os muitos medos — o medo de viver, e o medo de morrer, o medo de envelhecer e de infligir aos outros o castigo de olhar por vocês, o medo da solidão e da dependência — tudo isso terá chegado a um fim. Estas não são palavras vãs. Só quando a mente cessa de pensar em termos de sua própria continuidade é que o incognoscível se concretiza.

*Saanen, 2 de agosto de 1964**

Eu gostaria de reiterar, não apenas para explicar oralmente, mas também para que fique entendido profundamente, o sentido da religião. Mas antes de penetrar nessa questão, teremos de ser muito explícitos quanto ao que é a mente religiosa e qual o estado de uma mente que investigue realmente todo o problema religioso.

Parece-me muito importante entender a diferença entre isolamento e estar só. Grande parte de nossa atividade diária está centrada em torno de nós mesmos; funda-se em nosso ponto de vista, em nossas experiências particulares e idiossincrasias. Pensamos em termos de nossas famílias, de nosso emprego, do que desejamos alcançar, e também em termos de medo, esperança e desespero. Tudo isso está, obviamente, centrado em nós mesmos e suscita um estado de auto-isolamento — como vemos em nossa vida diária. Temos nossos desejos secretos, nossas buscas ocultas, nossas ambições e nunca estamos profundamente relacionados com ninguém, nem mesmo com nossas esposas, nossos esposos, nossos filhos. Este auto-isolamento é, também, resultado de nossa fuga ao tédio diário, às frustrações e trivialidades da vida de cada dia. É causado, ainda por nossa fuga, sob várias formas, de extraordinária sensação de solidão que converge sobre nós, quando subitamente nos sentimos desvinculados de tudo, quando tudo está distante, não existindo relacionamento com ninguém, nem comunhão. Creio que muitos de nós, se conscientes dos

---

* Extraído do registro autêntico da décima palestra proferida em público em Saanen, 2 de agosto de 1964, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1991 Krishnamurti Foundation of America.

processos de nosso próprio ser, sentimos essa solidão muito profundamente.

Devido a essa solidão, devido a esse estado de isolamento, tentamos nos identificar com algo maior que a mente. Pode ser o Estado, ou um ideal, ou um conceito do que seja Deus. Esta identificação com algo grande ou imortal, algo estranho ao campo de nosso próprio pensamento, é geralmente chamado de religião e conduz a crenças, dogmas, rituais, a perseguições separatistas entre grupos competitivos, cada qual acreditando em diferentes aspectos da mesma coisa. De forma que o que chamamos de religião provoca ainda mais isolamento.

Então vemos como a terra está dividida entre nações concorrentes, cada uma com seus governos soberanos e barreiras econômicas. Embora sejamos todos seres humanos, erguemos muralhas entre nós e nossos vizinhos, através de nacionalismo, raça, casta e classe, o que, de novo, gera isolamento, solidão.

Agora, a mente que fica presa na solidão, nesse estado de isolamento, não pode jamais entender o que é religião. Ela pode acreditar, ter certas teorias, conceitos, fórmulas, pode tentar identificar-se com aquilo que chama de Deus, mas religião, me parece, nada tem a ver com qualquer crença, com qualquer padre, com qualquer igreja ou assim chamado livro sagrado. O estado da mente religiosa só pode ser entendido quando começamos a compreender o que é a beleza, e o entendimento da beleza precisa ser abordado com um absoluto estar só. Só quando a mente está absolutamente só, e em nenhum outro estado, ela pode conhecer a beleza.

Estar só não é, obviamente, o mesmo que isolamento e não é excentricidade. Ser excêntrico é ser, de algum modo, incomum, enquanto que o estar absolutamente só demanda uma extraordinária sensibilidade, inteligência e compreensão. Estar completamente só implica uma mente livre de qualquer tipo de influência, não estando, portanto, contaminada pela sociedade. E ela precisa estar só para entender o que é religião — que é descobrir por nós mesmos se existe algo imortal, além do tempo.

A mente, como se encontra hoje, é o resultado de muitos milhares de anos de influências — biológicas, sociológicas, ambientais, cli-

máticas, alimentares e assim por diante. Isso está bem evidente. Vocês são influenciados pela comida que comem, pelo jornal que lêem, por sua esposa ou esposo, pelo seu vizinho, pelos políticos, pelo rádio e pela televisão e por centenas de outras coisas. Você está sendo constantemente influenciado pelo que é vertido de muitas diferentes direções para dentro tanto da mente consciente como da mente inconsciente. Mas não é possível estar bem ciente de todas essas várias influências, não ser capturado por nenhuma delas e permanecer totalmente impoluto? Se não for assim, a mente se transforma num mero instrumento de seu meio. Ela pode criar uma imagem do que pensa ser Deus, ou a Verdade Eterna, e acreditar nisso, mas ainda estará moldada pelas exigências, pelas tensões, pelas superstições, pelas pressões do meio e sua crença não terá absolutamente nada a ver com o estado de uma mente religiosa.

Como cristãos vocês foram criados no seio de uma igreja erigida pelo homem há cerca de dois mil anos, com seus padres, seus dogmas e rituais. Na infância foram batizados e quando cresceram lhes foi dito em que acreditar; vocês passaram por todo esse processo de condicionamento, de lavagem cerebral. A pressão dessa religião propagandista é, obviamente, muito forte, sobretudo porque ela é bem organizada e apta a exercer influência psicológica através da educação, de adoração de imagens, do medo, e capaz de condicionar a mente de incontáveis maneiras. Por todo o Oriente, as pessoas também estão fortemente condicionadas por suas crenças, seus dogmas, suas superstições e por uma tradição que retrocede há mais de dez mil anos.

Agora, a menos que a mente tenha liberdade, ela não poderá encontrar a verdade, e ter liberdade equivale a estar livre de todas as influências. Vocês precisam estar livres da influência de sua nacionalidade e de suas igrejas, com seus dogmas e suas crenças e também da ganância, da inveja, do medo, da ambição, da competição, da ansiedade. Se a mente não estiver livre de todas estas coisas, as várias pressões externas e internas, que se chocam dentro dela, gerarão um estado neurótico, contraditório e tal mente não poderá absolutamente descobrir a verdade ou se existe algo além do tempo.

De forma que aquilatamos o quanto é necessário que a mente se liberte de toda influência. Mas isso é possível? Se não é possível,

então não pode haver descoberta do que é eterno, inominável, supremo. Para descobrirmos por nós mesmos se isso é ou não possível, precisamos estar conscientes de todas essas várias influências, não apenas aqui, mas também em nossa vida diária. Precisamos perceber o quanto elas estão contaminando, moldando, condicionando a mente. Não podemos, obviamente, estar conscientes todo o tempo das muitas influências diferentes que povoam a mente, mas podemos ver a importância — que considero o fulcro da questão — de estarmos livres de toda influência. Quando compreendemos a necessidade disso, o inconsciente torna-se cônscio dessa influência, mesmo que a mente consciente, freqüentemente, não o esteja.

Estou sendo claro? O que estou tentando salientar é o seguinte: existem influências extraordinariamente sutis que estão moldando suas mentes, e a mente que é moldada por influências que estão sempre situadas dentro do campo do tempo não pode, absolutamente, descobrir o eterno, ou se o eterno existe. Então é esta a questão: Se a mente consciente não pode, absolutamente, estar ciente de todas as múltiplas influências, o que deve fazer? Se vocês fizerem essa pergunta a vocês mesmos, com honestidade, com seriedade, de tal forma que ela demande sua total atenção, verão que o lado inconsciente de vocês, que não está inteiramente ocupado quando as camadas superiores da mente estão funcionando, assume o comando e percebe todas as influências que estão chegando.

Acho muito importante entenderem, porque se vocês apenas resistirem ou se defenderem contra o fato de serem influenciados, essa resistência, que é uma reação, cria mais um condicionamento da mente. O entendimento do total processo de influência precisa ocorrer sem esforço; precisa possuir a qualidade da imediata percepção. Desta forma: Se vocês compreenderem, realmente, por si mesmos, a tremenda importância de não estarem influenciados, uma parte de suas mentes assume essa responsabilidade, sempre que vocês estejam conscientemente ocupados com outras coisas e essa parte da mente é muito alerta, ativa, vigilante. Desse modo é importante compreender, imediatamente, o enorme significado de não estar sob a influência de quaisquer circunstâncias ou de quaisquer pessoas, sejam elas quais forem. Esse é o ponto principal e não o que fazer no caso de serem

influenciados, ou de como resistir à influência. Uma vez que tenham entendido essa questão fundamental, descobrirão que existe uma parte em suas mentes que está sempre alerta e vigilante, sempre pronta a se purificar de toda influência por mais sutil. Desta libertação de toda influência nasce o estar só, que é completamente diferente do isolamento. E preciso existir esse estar só, porque a beleza se situa para além das fronteiras do tempo, e só a mente que esteja completamente só pode conhecer o que é a beleza.

Para muitos de nós, beleza é uma questão de proporção, forma, dimensão, contorno, cor. Vemos um edifício, uma árvore, uma montanha, um rio e dizemos que são belos. Mas existe também o estranho, o experimentador que está observando essas coisas e, conseqüentemente, o que chamamos de beleza ainda se situa dentro da área do tempo. Mas eu sinto que a beleza está além do tempo e que, para conhecê-la, é preciso que finde o experimentador. O experimentador consiste apenas num acúmulo de experiência a partir das quais julgar, avaliar, pensar. Quando a mente olha uma pintura, ou ouve uma música, ou acompanha a marcha ligeira de um rio, geralmente o faz a partir desse antecedente de experiência acumulada. Está olhando a partir do passado, a partir do campo do tempo, e, para mim, isso não é conhecer absolutamente a beleza. Conhecer a beleza, que é descobrir o eterno, só é possível quando a mente se encontra completamente só. E isso não tem nada a ver com o que os padres dizem, com o que as religiões organizadas dizem. A mente precisa estar totalmente livre de influências, não contaminada pela sociedade, pela estrutura psicológica da ganância, da inveja, da ansiedade, do medo. Precisa estar completamente livre de tudo isso. Dessa liberdade surge o estar só e só nesse estado — de estar só — é que a mente pode conhecer aquilo que jaz além do campo do tempo.

A beleza e aquilo que é eterno não podem separar-se. Vocês podem pintar, escrever, admirar a natureza, mas se houver, no *self*, atividade sob qualquer forma, qualquer movimento autocentrado do pensamento, o que vocês percebem deixa de ser belo, porque ainda está no campo do tempo. E se vocês não entenderem a beleza, não poderão descobrir o que é eterno, porque os dois caminham lado a lado. Para descobrir o que é eterno, imortal, suas mentes precisam estar livres

do tempo — sendo tempo tradição, conhecimentos e experiências acumuladas do passado. Não se trata de saber em que vocês acreditam ou não. Isso é imaturo, extremamente infantil e não tem absolutamente nada a ver com o assunto. Mas a mente que não está brincando, que deseja realmente descobrir, abandonará totalmente a atividade egocêntrica do isolamento e, desta forma, atingirá um estado em que estará completamente só. E somente nesse estado de estar absolutamente só pode surgir a compreensão da beleza, daquilo que é eterno.

Vocês sabem, as palavras são coisas perigosas porque são símbolos e os símbolos não são o real. Elas encerram um significado, um conceito, mas a palavra não é a coisa. De modo que, quando falo do eterno, vocês têm que descobrir se estão sendo apenas influenciados por minhas palavras ou se estão aprisionados em uma crença, o que seria muito infantil.

Agora, para descobrir se existe uma coisa como o eterno, precisamos entender o que é o tempo. O tempo é a coisa mais extraordinária. Não me refiro ao tempo cronológico, tempo marcado pelo relógio, ambos óbvios e necessários. Estou me referindo ao tempo como continuidade psicológica. É possível viver sem essa continuidade? Sem dúvida, é o pensamento que imprime continuidade. Se pensamos constantemente numa coisa, ela tem continuidade. Se olhamos para a foto de nossa esposa todo dia, damos a isso uma continuidade. É possível viver nesse mundo sem dar continuidade à ação, de forma a que enfrentemos cada ação, de novo? Isto é, posso no decorrer do dia morrer para cada ação, de maneira a que a mente jamais acumule e portanto nunca esteja contaminada pelo passado, mas sempre nova, fresca, inocente? Afirmo que essa coisa é possível, que podemos viver dessa forma. O que não significa que seja válido para vocês. Vocês têm que descobrir por si.

Assim, começamos a perceber que a mente precisa estar completamente só, mas não isolada. Nesse estado de estar absolutamente só nasce um senso de extraordinária beleza, de algo não criado pela mente. Não tem nada a ver com combinar algumas notas musicais ou usar alguns pincéis para pintar um quadro, mas porque, estando só, a mente atinge a beleza e torna-se portanto, completamente sensível. E estando completamente sensível, é inteligente. Sua inteligên-

cia não é a da astúcia ou do conhecimento, nem a capacidade de fazer alguma coisa. A mente é inteligente no sentido de que não está sendo dominada, influenciada, de que não tem medo. Mas para estar nesse estado a mente precisa estar apta a se renovar diariamente, isto é, morrer para o passado a cada dia, a morrer, a cada dia, para tudo que conheceu.

Como disse, a palavra, o símbolo, não é o real. A palavra *árvore* não é árvore, de forma que precisamos estar muito alertas para não cairmos na rede das palavras. Quando a mente se liberta da palavra, do símbolo, ela se torna surpreendentemente sensível e está em estado de descobrimento.

Afinal de contas, o homem tem buscado por tanto tempo: desde as mais antigas eras até nossos dias. Ele deseja descobrir algo que não tenha sido feito pelo homem. Embora as religiões instituídas não tenham sentido para o homem inteligente, sempre afirmaram que existe algo além. O homem, por estar eternamente amargurado, miserável, confuso, desesperado, sempre procurou esse algo. Estando sempre em estado de transitoriedade, ele deseja encontrar algo permanente, algo que dure, que perdure, que venha a ter uma continuidade, e, por conseguinte, sempre se encontrou no campo do tempo. Mas, como podemos notar, não existe nada permanente. Nossas relações, nossos empregos, tudo é transitório. Devido a nosso tremendo medo dessa transitoriedade, estamos sempre em busca de algo permanente que chamamos de imortal, eterno ou o que mais seja. Mas a busca do permanente, do eterno, do imortal constitui apenas uma reação e, portanto, não tem valor. Só quando a mente se liberta desse desejo de ter certeza pode começar a descobrir se existe uma coisa que seja eterna, algo além do tempo, além do espaço, além do pensador e da coisa em que ele esteja pensando ou buscando. Perceber e entender tudo isso requer total atenção e a maleabilidade da disciplina que deriva dessa atenção. Nessa atenção não há distração, não há tensão, não há movimento em nenhuma direção particular, porque cada um desses movimentos, cada um desses motivos, resulta de influência, ou do passado ou do presente. Nesse estado de atenção distendida, nasce um extraordinário senso de liberdade e, só então, estando to-

talmente vazia, quieta, imóvel, a mente é capaz de descobrir aquilo que é eterno.

Talvez queiram fazer perguntas a respeito do que dissemos.

Interlocutor: Como podemos libertar-nos do desejo de ter certeza?

Krishnamurti: A palavra *como* implica um método, não implica? Se você for um construtor e eu lhe perguntar como se constrói uma casa, você pode me orientar, porque existe um método, um sistema, uma forma de começar. Mas seguir um método ou um sistema já condicionou a mente. Veja então a dificuldade implícita no uso dessa palavra *como*.

Depois temos também que entender o desejo. O que é desejo? Existe a visão ou percepção, depois contato ou toque, depois sensação e finalmente o despertar daquilo que chamamos desejo. É isso que, indubitavelmente, ocorre. Por favor, prestem bem atenção. Existe a visão, por exemplo, de um belo carro. A partir desse ato, mesmo sem tocar o carro, surge uma sensação, que gera o desejo de guiá-lo, de possuí-lo. Não estamos preocupados com como resistir ou livrar-nos do desejo, porque o homem que resiste e pensa estar livre do desejo, está, na verdade, paralisado, morto. O importante é entender todo o processo do desejo, que equivale a perceber tanto sua relevância como sua total irrelevância. Temos que descobrir não como pôr termo ao desejo, mas o que lhe imprime continuidade.

Agora, o que imprime continuidade ao desejo? Não é o pensamento? Existe, em primeiro lugar, a visão do carro, segue-se a sensação, que por sua vez é acompanhada pelo desejo. E se o pensamento não interferir e der continuidade ao desejo dizendo: "Esse carro tem que ser meu, como vou consegui-lo?", o desejo se desvanece. Compreendem? Eu não estou insistindo sobre a questão de que deve ocorrer a libertação do desejo — pelo contrário. Mas vocês precisam entender toda a sua estrutura, para depois descobrirem que não mais existe a continuidade do desejo, mas outra coisa inteiramente diferente.

Então, o importante não é o desejo, mas o fato de lhe darmos continuidade. Por exemplo: imprimimos continuidade à sexualidade

através do pensamento, de imagens, de sensações, de lembranças; perpetuamos-lhe a lembrança, pensando nela, e tudo isso imprime continuidade à sexualidade, à importância dos sentidos. Não que os sentidos não sejam importantes: são. Mas damos ao prazer dos sentidos uma continuidade que se torna irresistivelmente importante em nossas vidas. Então, o que importa não é livrar-se do desejo, mas entender-lhe a estrutura e como o pensamento lhe imprime continuidade — isso é tudo. Do momento em que vocês ansiarem por livrar-se do desejo, cairão nas malhas do conflito. Cada vez que virem um carro, uma mulher, uma casa ou qualquer coisa que os possa atrair, o pensamento se imiscui, imprime ao desejo continuidade, e tudo se transforma num problema sem fim.

O importante é viver uma vida sem tensões, sem um único problema. Vocês poderão viver sem problemas se compreenderem a natureza do esforço e perceberem, com nitidez, toda a estrutura do desejo. Muitos de nós temos milhares de problemas e para nos livrarmos deles, precisamos estar aptos a eliminá-los imediatamente, assim que nascem. É imprescindível que a mente não tenha problema algum e que, desse modo, viva uma vida descontraída. Tal mente, sem dúvida nenhuma, só pode ser a mente religiosa porque ela entendeu a dor e a morte da dor. Não tem medo e, por conseguinte, é uma luz para si mesma.

*Saanen, 1º de agosto de 1965**

Por favor, como eu disse no outro dia, o orador não é importante. O que ele diz é importante, porque o que ele diz é o eco das várias faces da sua personalidade, falando em voz alta. Através das palavras que usa o orador, vocês estão ouvindo a si mesmos, não ao orador, e portanto ouvir se torna uma coisa extraordinariamente importante. Ouvir é aprender e não acumular. Se vocês acumulam conhecimentos e ouvem a partir desse acervo, de seu repositório de conhecimentos, então não estão ouvindo. Somente quando se ouve é que se aprende. Vocês estão aprendendo a respeito de si próprios e, portanto, devem ouvir com cuidado, com extraordinária atenção e a atenção inexiste quando vocês absolvem, condenam, ou avaliam de outro modo o que ouviram. Nesse caso, vocês não estão ouvindo, não estão percebendo, não estão vendo.

Se, depois de uma tempestade, vocês se sentarem às margens de um rio, verão a corrente passar carregando uma porção de detritos. Vocês têm, de forma semelhante, que observar o movimento de si mesmos, acompanhando cada pensamento, cada sentimento, cada intenção, cada razão. Apenas observar — este observar é também ouvir. É estar ciente com seus olhos, com seus ouvidos, com suas percepções, de todos os valores que o ser humano criou e pelos quais vocês estão condicionados. Só esse estado de total percepção pode pôr fim a toda busca.

---

* Extraído do registro autêntico da décima palestra proferida em público em Saanen, 1º de agosto de 1965, in *Collected Works of J. Krishnamurti*, © 1992 Krishnamurti Foundation of America.

Como disse, buscar e achar é um desperdício de energia. Quando a própria mente está obscura, confusa, assustada, miserável, ansiosa, de que lhe serve buscar? Além desse caos, que pode existir se não mais caos? Quando porém existe uma luz interior, quando a mente não está assustada, não pedindo para ser tranqüilizada, não existe mais busca e portanto não há o que achar. Ver Deus, a verdade, não é um ato religioso. O único ato religioso é descortinar essa luz interior através do autoconhecimento, isto é, estando cônscio de todos os nossos desejos íntimos, secretos e permitindo que eles se manifestem, nunca corrigindo, nunca controlando ou condescendendo, mas sempre observando. Dessa constante observação surge uma extraordinária clareza, uma extraordinária sensibilidade e uma imensa preservação de energia. E precisamos de imensa energia, porque toda ação é energia, a própria vida é energia. Quando estamos infelizes, ansiosos, enciumados, agressivos, assustados, quando nos sentimos insultados ou lisonjeados — tudo isso é dissipação de energia. Ficar doente, fisicamente ou interiormente, também é dissipação de energia. Tudo que fazemos, pensamos e sentimos é um extravasamento de energia. Ou entendemos a dissipação de energia, resultando, portanto, desse entendimento o encontro natural de toda energia ou passaremos nossas vidas lutando para reunir várias expressões contraditórias de energia, na esperança de que o periférico venha a se transformar em essencial.

A essência da religião é a sacralidade, que nada tem que ver com as organizações religiosas nem com a mente aprisionada e condicionada por uma crença, um dogma. Para esse tipo de mente nada é sagrado, exceto o Deus que ela criou, ou o ritual que montou, ou as várias sensações que extrai da oração, da adoração, da devoção. Essas coisas, porém, não são, em absoluto, sagradas. Não existe nada de sagrado no dogmatismo, no ritualismo, no sentimentalismo ou na emotividade. A sacralidade constitui a própria essência da mente religiosa, e isso é o que vamos descobrir. Não estamos preocupados com o que se supõe ser sagrado — símbolos, palavras, pessoas, quadros, uma determinada experiência, que tudo isso é infantil — mas com a essência. Isso demanda da parte de cada um de nós um entendimento que chega através de vigilância, ou de estar consciente,

antes de tudo, das coisas externas. A mente não pode acompanhar o fluxo da maré da percepção interior sem antes estar ciente do comportamento exterior, dos gestos exteriores, dos costumes, das formas, do tamanho e da cor de uma árvore, da aparência de uma pessoa, de uma casa. É a mesma maré que vai e que vem e, a menos que você conheça a maré exterior, jamais conhecerá a maré interior.

Por favor, escutem bem o que vou lhes dizer. A maioria de nós julga a percepção uma coisa misteriosa para ser praticada e que deveríamos nos reunir dia após dia para falar sobre ela. Vocês não chegam a ela por esse caminho. Mas se tiverem consciência das coisas externas — da curva de uma estrada, do formato de uma árvore, da cor da roupa do próximo, do contorno das montanhas contra um céu azul, da delicadeza de uma flor, da dor no rosto de um passante, da ignorância, da inveja, do ciúme dos outros, da beleza da terra — vendo todas essas coisas externas, sem condenação, sem preferências, vocês podem acompanhar o fluxo da maré da percepção interior. Vocês tornar-se-ão conscientes de suas próprias reações, de sua própria mesquinhez, de suas próprias invejas. Da percepção exterior, vocês chegam à percepção interior — mas se não estiverem cônscios do exterior não poderão, absolutamente chegar ao interior.

Quando existe percepção interior de cada atividade de sua mente e de seu corpo; quando vocês estão conscientes de seus pensamentos, de seus sentimentos, tanto dos aparentes como dos ocultos, conscientes e inconscientes, então dessa percepção surge uma clareza que não é induzida, que não é construída pela mente. E sem essa clareza, façam o que fizerem, vocês podem mover os céus, a terra e as profundezas que jamais descobrirão o que é verdade.

Desse modo, aquele que deseja descobrir o que é verdade precisa ter a sensibilidade da percepção que não é a prática da percepção. A prática da percepção só conduz ao hábito, destrói toda a sensibilidade. Qualquer hábito, seja o sexual, o da bebida, o de fumar, ou o que mais seja, torna a mente insensível. E a mente insensível, além de dissipar energia, torna-se aborrecida. Uma mente aborrecida, mesquinha, condicionada, insignificante, pode tomar uma droga e, por instantes, passar por uma experiência surpreendente, mas é ainda uma

mente insignificante. O que estamos fazendo agora é descobrindo como pôr termo à insignificância da mente.

A insignificância não termina com a aquisição de mais informações, de mais conhecimentos, com ouvir música clássica, admirar as belas paisagens do mundo e assim por diante: não tem absolutamente nada a ver com tudo isso. O que põe fim à insignificância é a clareza do autoconhecimento, o movimento irrestrito da mente. Só tal mente é religiosa.

A essência da religião é a sacralidade, mas a sacralidade não se encontra em nenhuma igreja, em nenhum templo, em nenhuma mesquita, em nenhuma imagem. Estou falando de essência e não de coisas que chamamos de sagradas. Quando entendemos a essência da religião que é a sacralidade, a vida passa a ter uma significado completamente diferente — então tudo é belo e beleza é sacralidade. A beleza não é estimulante. Quando vocês vêem uma montanha, um edifício, um rio, um vale, uma flor ou um rosto, podem considerá-los belos, porque sentiram-se estimulados por eles, mas a beleza a que me refiro não proporciona estímulo algum. É uma beleza que não pode ser encontrada em nenhum quadro, em nenhum símbolo, em nenhuma palavra, em nenhuma música. Essa beleza é sacralidade. É a essência da mente religiosa, de uma mente dotada de clareza em seu autoconhecimento. Deparamos com essa beleza, não desejando, querendo, ansiando por experiência, mas só quando todo desejo de experiência chega ao fim — e isso é uma das coisas mais difíceis de entender.

Como já salientamos, a mente em busca de experiência ainda está se movendo na periferia e a interpretação de cada experiência dependerá de seu condicionamento particular. Se vocês forem cristãos, budistas, maometanos, hindus, ou comunistas, o que seja, suas experiências serão, obviamente, traduzidas e condicionadas de acordo com seus antecedentes, e quanto mais vocês demandarem experiências mais estarão revigorando esses antecedentes. Esse processo não desfaz, não põe fim ao sofrimento — constitui apenas uma fuga ao sofrimento. Uma mente clara no seu autoconhecimento, uma mente que seja a própria essência da clareza e da luz, não tem necessidade de experiência. Ela é o que é. De modo que a clareza chega através do autoconhecimento e não através de instrução de um terceiro, seja

ele um escritor inteligente, um psicólogo, um filósofo ou um assim chamado mestre religioso.

Não existe sacralidade sem amor e sem o entendimento da morte. Sabem, uma das coisas mais maravilhosas da vida é, espontaneamente, inesperadamente, descobrir, deparar com algo sem premeditação e, no mesmo instante, reconhecer-lhe a beleza, a sacralidade, a realidade. Mas a mente que está buscando, que está querendo encontrar, não está absolutamente nessa posição. O amor não é uma coisa a ser cultivada. O amor, assim como a humildade, não pode ser construído pela mente. Só o vaidoso tenta ser humilde; só o orgulhoso procura conter seu orgulho pela prática da humildade, o que é ainda um ato de vaidade. Para ouvir e, portanto, para aprender, deve existir, espontâneo, o dom da humildade e a mente que tenha compreendido a natureza da humildade nunca segue, nunca obedece. Pois, como pode o que é completamente negativo, vazio, obedecer ou seguir alguém?

A mente que, devido à própria clareza de seu autoconhecimento tenha descoberto o que é o amor, estará também consciente da natureza e da estrutura da morte. Se não morremos para o passado, para tudo o que o ontem representa, a mente estará ainda aprisionada aos anelos, aos espectros da memória, a seus condicionamentos, não havendo, pois, clareza. Morrer para o ontem, facilmente, voluntariamente, sem argumentos ou justificativas, requer energia. Argumentos, justificativas, preferências, representam um desperdício de energia e, dessa maneira, não se morre para os muitos ontens, para que a mente possa se tornar nova e fresca. Mas quando existe a clareza do autoconhecimento, então seguem-se o amor, com sua suavidade, a espontânea qualidade da humildade e também a libertação do passado, através da morte.

E disso tudo nasce a criação. Criação não é sinônimo de autoexpressão, não é uma questão de jogar tinta sobre um pedaço de tela ou de escrever poucas ou muitas palavras sob a forma de um livro, ou de fazer pão, ou de conceber uma criança. Nada disso é criação. Só há criação quando existe amor e morte. A criação somente nasce quando existe morte, diária, para tudo, de forma a não ocorrerem acúmulos, como memórias. Claro que você precisa acumular alguma

coisa como roupa, casa, propriedades pessoais — não estou falando nisso. É o senso interior de acumulação e de possessão da mente — do qual deriva a dominação, a autoridade, a conformidade, a obediência — que obsta a criação, porque tal mente não será jamais livre. Só a mente livre sabe o que é amor e o que é morte, e para essa mente — apenas para essa mente — existe criação. Nesse estado, a mente é religiosa. Existe sacralidade nesse estado.

Para mim a palavra sacralidade tem um significado extraordinário. Por favor, não estou fazendo propaganda dessa palavra, não estou tentando convencê-los de nada e não estou tentando fazê-los sentir ou experimentar a realidade através dessa palavra. Vocês não podem. Vocês têm de passar por tudo isso sozinhos, não com palavras, mas com fatos. Vocês têm de realmente morrer para tudo que conhecem, para suas memórias, para suas misérias, para seus prazeres. E quando não houver ciúme, inveja, ganância, a tortura do desespero, então saberão o que é amor e depararão com aquilo que pode ser chamado de sagrado. A sacralidade, portanto, é a essência da religião. Vocês sabem, um grande rio pode se poluir ao passar por uma cidade, mas se a poluição não for demasiada, o rio limpa-se a si mesmo durante seu curso e, dentro de umas poucas milhas estará de novo claro, fresco, puro. Da mesma forma, uma vez tenha a mente deparado com a sacralidade, todo ato é um ato de purificação. Através de seu próprio movimento, a mente está se tornando inocente e, portanto, não há acumulação. A mente que descobriu essa sacralidade está em constante revolução, não revolução econômica ou social, mas revolução interior, através da qual se purifica incessantemente. Sua ação não se baseia em nenhuma idéia ou fórmula. Assim como o rio, com um tremendo volume de água atrás de si, se purifica à medida que flui, assim a mente se purifica uma vez tenha deparado essa sacralidade religiosa.

De O Fim dos Tempos, *2 de abril de 1980**

Krishnamurti: Você é um cientista, estudou o átomo e assim por diante. Depois de estudar toda essa matéria, não sentiu que havia muito mais além disso?

David Bohm: Você pode sempre sentir que existe algo mais além, mas o que é esse algo não fica esclarecido. É claro que, seja o que for que saibamos, tudo o que sabemos é limitado.

K.: É verdade.

DB.: E deve haver algo mais além.

K.: E como esse algo mais pode se comunicar com você, de forma que você, com o seu conhecimento científico, com a sua capacidade cerebral, possa apreendê-lo?

DB.: Você está dizendo que esse algo mais não pode ser apreendido?

K.: Não. Como você pode apreendê-lo? Eu não estou dizendo que você não pode apreendê-lo. Você pode?

DB.: Olhe, não está claro. Você estava dizendo antes que isso não pode ser apreendido por...

---

* Extraído de *The Ending of Time*, 2 de abril de 1980, © 1985 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd.

K.: Apreender, no sentido de que a sua mente pode ir além da teoria? O que estou tentando dizer é: você pode penetrar nesse algo mais? Penetrar, não no sentido do tempo ou de coisa assim. Você pode penetrar nesse algo mais? Não; tudo isso são palavras. O que existe além do vazio? O silêncio?

DB.: Isso não é semelhante ao vazio?

K.: Sim, e é a isso que estou querendo chegar. Vamos passo a passo. É o silêncio? Ou o silêncio faz parte do vazio?

DB.: Sim, eu diria que sim.

K.: Eu também. Se não for o silêncio, poderíamos — estou apenas perguntando — poderíamos dizer que é algo absoluto, entende?

DB.: Bem, poderíamos tomar o absoluto em consideração. Teria que ser algo completamente independente. É isso que realmente significa "absoluto". Não depender de nada.

K.: Agora você está chegando perto.

DB.: Algo que se move inteiramente por si próprio, digamos assim, que age por si mesmo.

K.: Sim. Você quer dizer que tudo tem uma causa e que isso não tem causa alguma?

DB.: Veja: essa noção já é antiga. Essa noção foi desenvolvida por Aristóteles — a de que esse absoluto é a causa de si mesmo.

K.: É verdade.

DB.: Num certo sentido, não existe nenhuma causa. É a mesma coisa.

K.: Veja: neste momento, você falou de Aristóteles — não é nada disso. Como podemos entender isso? O vazio é energia, e esse vazio

existe no silêncio e vice-versa, não importa — certo? Oh, claro, existe algo além de tudo isso, algo que provavelmente nunca será traduzido em palavras. Mas que precisa ser traduzido em palavras. Você está seguindo o meu raciocínio?

DB.: Você está dizendo que o absoluto precisa ser traduzido em palavras, mas que sentimos que isso é impossível? Qualquer tentativa para traduzi-lo em palavras o tornará relativo.

K.: É. Não sei como expressar tudo isso.

DB.: Creio que temos pela frente uma longa e perigosa história com o absoluto. Algumas pessoas o traduziram em palavras e ele se tornou muito opressivo.

K.: Vamos esquecer isso tudo. Veja: ignorar o que outras pessoas disseram, como Aristóteles, Buda e outros, tem uma vantagem. Entende o que digo? Uma vantagem no sentido de que a mente não está influenciada pelas idéias dos outros, não está vinculada à opinião de outras pessoas. Tudo isso faz parte do nosso condicionamento. Vamos, agora, além de tudo isso. O que é que estamos tentando fazer?

DB.: Acho que estamos tentando tratar desse absoluto, desse além.

K.: Eu descartei essa palavra *absoluto*, de imediato.

DB.: Então, seja o que for: além, vazio, silêncio...

K.: Além de tudo isso. Existe um além que supera tudo isso. Tudo isso é alguma coisa, parte de uma imensidão.

DB.: Sim. Mesmo o vazio e o silêncio são uma imensidão, não são? A própria energia é uma imensidão.

K.: Sim, entendo. Mas existe algo muito mais imenso do que isso. O vazio, o silêncio e a energia são imensos, realmente imensuráveis. Mas existe algo — estou usando a palavra — *maior* do que isso.

DB.: Eu estou apenas ponderando. Estou observando. Podemos ver que, não importa o que você diga sobre o vazio, ou sobre qualquer outra coisa, existe sempre algo além.

K.: Não; como cientista, por que você aceita — aceitar não é a palavra, desculpe-me por usá-la — por que você, ao menos, não desenvolve essa idéia?

DB.: Porque chegamos até aqui passo a passo e compreendemos a necessidade de cada passo.

K.: Você vê que tudo isso é muito lógico, razoável, sensato.

DB.: E também podemos ver que é tudo tão certo.

K.: É verdade. De modo que, se eu disser que existe algo maior do que todo esse silêncio, do que essa energia — você concordaria? Concordaria porque, até agora, temos sido muito lógicos.

DB.: Diremos que a respeito de tudo o que você fala, existe certamente algo mais. Silêncio, energia, seja o que for, é lógico que existe sempre espaço para algo mais. Mas a questão é esta: mesmo que você diga que existe algo além de tudo isso, você, logicamente, deixaria um espaço para ir novamente mais além ainda.

K.: Não.

DB.: Bem, mas por que isso? Veja: não importa o que você diga, sempre há lugar para algo além.

K.: Não há nada além.

DB.: Bem, veja, esse ponto não está claro.

K.: Não existe nada além. Atenho-me a isso. Não dogmaticamente ou obstinadamente. Eu sinto que isso é o princípio e o fim de tudo. Princípio e fim são a mesma coisa — certo?

DB.: Em que sentido? No sentido de que você está usando o princípio de tudo como o fim?

K.: Sim, certo? Você diria isso?

DB.: Diria. Se tomarmos a base de onde isso vem, deve existir uma base onde isso se assenta.

K.: Está certo. Essa é a base sobre a qual tudo existe, espaço...

DB.: ... energia...

K.: ... energia, vazio, silêncio, tudo o que existe. Tudo. Mas não existe uma base, você entende?

DB.: Não. É apenas uma metáfora.

K.: Não há nada além disso. Não há causa. Se você tem uma causa, tem uma base.

DB.: Você tem uma outra base.

K.: Não. Isso é o princípio e o fim.

DB.: Está começando a ficar mais claro.

K.: Isso mesmo. Isso lhe diz alguma coisa?

DB.: Diz, acho que diz.

K.: Alguma coisa. Você iria além? Diria que não há nem princípio nem fim?

DB.: Diria. Isso parte de uma base, volta à base, mas não começa nem termina.

K.: Está bem. Não tem princípio e não tem fim. As implicações disso são enormes. Isso é morte — morte, não no sentido de que eu vou morrer, mas do fim absoluto de tudo?

DB.: Veja: no começo, você disse que o vazio é o fim de tudo; então, agora, qual o sentido desse "mais"? O vazio é o fim de tudo, não é?

K.: Sim, sim. Mas essa morte é o vazio? Morte de tudo o que a mente criou. Esse vazio não é produto da mente, de uma determinada mente.

DB.: Não, ele é a mente universal.

K.: Esse vazio é isso.

DB.: É.

K.: Esse vazio só pode existir quando há morte — a morte total — do particular.

DB.: Sem dúvida.

K.: Não sei se estou me explicando bem.

DB.: Sim, trata-se desse vazio. Então você está dizendo que, nesse sentido, a morte vai além?

K.: Oh, sim.

DB.: Então, dizendo que o fim do particular, a morte do particular, é o vazio, que é universal? Agora você vai dizer que o universal também morre?

K.: Sim, é isso o que estou tentando dizer.

DB.: E voltamos à base.

K.: Isso lhe diz alguma coisa?

DB.: Possivelmente sim.

K.: Espere um minuto. Vejamos. Eu acho que isso exprime alguma coisa, não é?

DB.: Sim. Agora, se o particular e o universal morrem, então isso é a morte?

K.: É. Afinal de contas, existe um astrônomo que diz que tudo no universo está morrendo, explodindo, morrendo.

DB.: Mas, claro, poderíamos supor que existe algo além.

K.: Sim, é exatamente isso.

DB.: Acho que estamos progredindo. O universal e o particular. Primeiro o particular morre e cai no vazio; depois vem o universal.

K.: E morre também.

DB.: De volta à base, certo?

K.: Certo.

DB.: Então poderíamos dizer que na base não há nascimento nem morte.

K.: Isso mesmo.

DB.: Bem, acho que tudo está se tornando quase inexplicável se você diz que o universal também desaparece, porque a expressão é o universal.

K.: Veja — eu estou apenas explicando — tudo está morrendo, menos isso. Isso lhe diz alguma coisa?

DB.: Sim: que disso tudo o que existe nasce e para isso tudo o que existe volta, para morrer.

K.: Portanto, não tem princípio nem fim.

DB.: O que significa falar do fim do universal? O que significaria chegar ao fim do universal?

K.: Nada. Por que haveria de ter um significado se está acontecendo? O que isso tem de ver com o homem? Você compreende o que quero dizer? O homem está passando por um período terrível... O que isso tem de ver com o homem?

DB.: Digamos que o homem sente que ele precisa de algum contato com a fonte suprema da sua vida; caso contrário, não tem sentido.

K.: Mas não tem. Essa fonte não tem nenhuma relação com o homem. Ele está se matando; está fazendo tudo o que é contrário a essa fonte.

DB.: Certo. É por isso que a vida não tem sentido para o homem.

K.: Sou um homem comum. Digo: muito bem, você falou maravilhosamente a respeito do pôr-do-sol, mas o que isso tem de ver comigo? Isso ou a sua palestra vai me ajudar a superar a minha feiúra? As brigas com a minha mulher ou que mais seja?

DB.: Acho que eu voltaria atrás e diria que examinamos isso logicamente, a partir do sofrimento da humanidade, mostrando que o sofrimento tem uma orientação errada, que leva inevitavelmente...

K.: Sim, mas o homem pede: Ajude-me a superar esse impasse! Ponha-me de volta no caminho certo! E para isso, respondemos: Por favor, não se transforme em coisa alguma.

DB.: Certo. Então, qual é o problema?

K.: Ele não quer sequer escutar.

DB.: Então, parece-me que é necessário, para quem sabe disso, descobrir qual a barreira que o impede de escutar.

K.: Obviamente, você sabe qual é a barreira.

DB.: Qual é a barreira?

K.: O "eu".

DB.: Sim, mas eu falava de algo mais profundo.

K.: Mais profundo: todos os seus pensamentos, as afeições arraigadas — tudo isso está no seu caminho. Se você não puder abandonar essas coisas, não terá nenhuma relação com isso. Mas o homem não quer abandoná-las.

DB.: Sim, entendo. O que ele quer é um resultado da forma como ele pensa.

K.: O que ele quer é um modo fácil, cômodo de viver sem problemas, e isso ele não pode ter.

DB.: Não. Só largando tudo.

K.: Deve haver uma conexão. Deve haver alguma relação entre a base de que falamos e isto, alguma relação com o homem comum. Do contrário, qual o sentido do viver?

DB.: É o que eu estava tentando dizer antes. Sem essa relação...

K.: ... não há sentido.

DB.: Então, as pessoas inventam um sentido.

K.: Claro.

DB.: Mesmo se voltarmos atrás, as antigas religiões disseram coisas semelhantes; que Deus é a fonte, e então buscam Deus, você sabe.

K.: Ah, não, isso não é Deus.

DB.: Não, não é Deus, mas dá no mesmo. Você poderia dizer que "Deus" é uma tentativa de colocar essa noção num plano talvez muito pessoal.

K.: Dar-lhes esperança, dar-lhes fé, entende? Tornar a vida um pouco mais confortável para se viver.

DB.: A esta altura, você está perguntando: como isso pode ser transmitido ao homem comum? É essa a sua pergunta?

K.: Mais ou menos. E também é importante que ele ouça isto. Você é um cientista. Você é ótimo para escutar porque somos amigos. Mas quem entre os outros cientistas escutará? Sinto que, se formos no encalço disso tudo, teremos um mundo maravilhosamente bem organizado.

DB.: Sim. E o que faremos nesse mundo?

K.: Viveremos.

DB.: Mas, quero dizer, você disse algo sobre criatividade...

K.: Sim. E depois, se não houver conflito, se não houver um "eu", existe algo mais atuando.

DB.: Sim, é importante dizer isso, porque a idéia cristã de perfeição pode parecer um tanto aborrecida, porque não há nada a fazer!

K.: Precisamos continuar esta nossa conversa numa outra ocasião, porque isso é algo que precisa ser posto em órbita.

DB.: Parece impossível.

K.: Nós já fomos bem longe.

Do Diário de Krishnamurti*

27 de junho de 1961

Formulações e palavras a respeito de tudo isso parecem tão fúteis; as palavras, por mais precisas que sejam, por mais clara que seja a descrição, não transmitem a coisa real.

Existe uma grande e intransmissível beleza em tudo isso. Só existe um movimento na vida, o interior e o exterior; esse movimento é indivisível, embora esteja dividido. Estando dividido, muitos seguem o movimento exterior do conhecimento, das idéias, das crenças, da autoridade, da segurança, da prosperidade e assim por diante. Em reação a isso, outros seguem a assim chamada vida interior, com suas visões, esperanças, aspirações, segredos, conflitos, desesperos. Sendo este movimento uma reação, entra em conflito com o exterior. Então existe contradição, com suas dores, ansiedades e fugas.

Existe um único movimento; que é o exterior e o interior. Com o entendimento do movimento exterior, começa, então, o movimento interior, não em oposição nem em contradição. Quando o conflito é eliminado, o cérebro, embora altamente sensível e alerta, se tranqüiliza. A partir de então, somente o movimento interior tem significado e validade.

Desse movimento nasce uma generosidade e compaixão que não resultam da razão nem da autonegação propositada.

A flor é sólida na sua beleza, mas pode ser esquecida, posta de lado, ou destruída.

---

* Extraído de *Krishnamurti's Notebook*, 27 de junho de 1961, © 1976 Krishnamurti Foundation Trust, Ltda. [*Diário de Krishnamurti*. Editora Cultrix, São Paulo.]

A ambição não conhece a beleza. A sensação da essência é a beleza.

28 de junho de 1961

O que é sagrado não tem atributos. Uma pedra num templo, uma imagem numa igreja, um símbolo, não são sagrados. O homem os chama de sagrados, de santos, para serem adorados devido a complicados impulsos, temores e ansiedades. Esse "tipo de coisa sagrada" está ainda dentro do campo do pensamento; é erigido pelo pensamento, e no pensamento não existe nada de novo ou de santo. O pensamento pode urdir sistemas intricados, dogmas, crenças, e as imagens e símbolos que projeta não são mais sagrados que a planta de uma casa ou o projeto de um novo avião. Tudo isso está contido dentro das fronteiras do pensamento e não existe nada de sagrado ou de místico a respeito. Pensamento é matéria, e ele pode ser transformado em qualquer coisa bonita ou feia.

Mas existe uma sacralidade que não vem do pensamento, nem de um sentimento ressuscitado pelo pensamento. Ela não é reconhecível pelo pensamento nem pode ser utilizada por ele. O pensamento não pode formulá-la. Existe, porém, uma sacralidade intocada por qualquer símbolo ou palavra que não pode ser comunicada. Isto é um fato.

O fato é para ser compreendido e a compreensão não chega através da palavra. Quando um fato é interpretado, deixa de ser fato; torna-se algo completamente diferente. O entendimento é da mais alta importância. Esse entendimento está além do espaço e do tempo; é imediato, instantâneo. E o que é compreendido nunca se repete. Nisso não existe repetição ou graduação.

Esta sacralidade não tem adoradores, nem observadores que meditem sobre ela. Não está nas lojas para ser comprada ou vendida. Como a beleza, não pode ser entendida através do seu oposto, pois não há oposto.

Essa presença está aqui, ocupando inteiramente a sala, derramando-se sobre as colinas, além das águas, cobrindo a terra.

SOBRE DEUS

J. Krishnamurti

"Às vezes, achamos que a vida é algo mecânico, e outras vezes, quando há tristeza e confusão, recorremos à fé, voltando-nos para um ser supremo em busca de ajuda e de orientação" — diz Krishnamurti nas primeiras páginas deste livro.

Nas palestras enfeixadas neste volume, Krishnamurti discorre sobre a incoerência dessa atitude, fala sobre a futilidade que é a procura do conhecimento do "incognoscível" e mostra que só quando cessamos a nossa busca intelectual é que podemos estar "radicalmente livres" para experimentar a realidade, a verdade e a bem-aventurança.

Neste livro, Krishnamurti nos apresenta "a mente religiosa" como aquela que percebe diretamente o sagrado, em vez de aderir a dogmas religiosos.

* * *

J. Krishnamurti (1895-1986), o renomado mestre espiritual, divulgou sua mensagem em conferências e em livros como *Reflexões sobre a Vida, A Rede do Pensamento, Diálogos sobre a Visão Intuitiva* e outros publicados pela Editora Cultrix.

Nesta nova série estão incluídos os seguintes títulos:

Sobre Deus • *Sobre relacionamentos* • *Sobre a vida e a morte* • *Sobre o viver correto* • *Sobre conflitos* • *Sobre a aprendizagem e o conhecimento* • *Sobre o amor e a solidão* • *Sobre a mente e o pensamento* • *Sobre a natureza e o meio ambiente.*

EDITORA CULTRIX

ISBN 85-316-0465-6